METAFÍSICA

Prof.ª Katja Junqueira Bohmann

2013

APRESENTAÇÃO

Prezado acadêmico, nesta disciplina estudaremos o conteúdo de metafísica que abrange toda a história da filosofia desde o seu surgimento na Grécia antiga até os tempos atuais. A metafísica pode ser definida por sua pretensão de fundamentar o pensamento filosófico. Neste caderno vamos abordar, entre outras, as questões metafísicas consideradas as mais importantes, de modo didático e dinâmico focado no melhoramento do aprendizado. Os conteúdos e questões foram divididos em três unidades, cada uma delas subdividida em tópicos para facilitar o seu acesso ao assunto. Seguimos uma ordem cronológica na disposição dos tópicos e unidades.

Na Unidade 1, Tópico 1, iniciaremos nosso estudo investigando o surgimento da metafísica na Grécia antiga a partir do pensamento dos pré-socráticos. Aprofundaremos nosso estudo com a obra platônica e suas principais argumentações acerca das essências e da distinção entre os mundos real e ideal. Com Aristóteles, no Tópico 2 veremos a metafísica compreendida como filosofia primeira, determinando todas as demais categorias do pensamento. No Tópico 3 abordaremos os desdobramentos da metafísica platônica e aristotélica.

O pensamento metafísico no período medieval e início do moderno será o tema da Unidade 2. No Tópico 1 estudaremos as relações entre teologia e metafísica, investigando as principais questões acerca do Ser e Deus nos pensamentos de Santo Anselmo, São Tomás de Aquino e Espinoza. No Tópico 2 serão estudados os sistemas metafísicos do início da modernidade com os pensamentos de: Descartes, Leibniz, Wolff e Hegel. No último tópico fecharemos a unidade com o estudo das relações entre as questões metafísicas das principais correntes filosóficas da jovem modernidade.

Concluiremos nosso caderno de Metafísica, na Unidade 3, com o estudo dos desdobramentos das questões metafísicas no contexto do final da modernidade e do pensamento contemporâneo. A filosofia kantiana e a crítica radical da metafísica, a crise da filosofia moderno- tradicional e a crítica nietzschiana do pensamento metafísico são os temas estudados no Tópico 1. As ontologias de Husserl e Heidegger são o tema do Tópico 2. Os pensamentos filosóficos da pós-modernidade e suas intrínsecas relações com a pós-metafísica serão estudados no Tópico 3 com as abordagens do positivismo-lógico, da filosofia da mente, da hermenêutica e da razão dialógico-comunicativa.

Vimos que os temas foram cuidadosamente distribuídos nas unidades. Na primeira temos a abordagem do pensamento antigo, na segunda, o pensamento medieval e início do moderno e, por fim, a transição

do pensamento moderno para a contemporaneidade, contextualizando os pensamentos metafísicos a partir de uma dinâmica discursiva.

Desejamos bons estudos e ótimo aproveitamento do caderno de Metafísica!

Prof.ª Katja Junqueira Bohmann

Formada em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, mestre desde 2011, leciona no Ensino Superior e Médio. Desenvolve pesquisas nas áreas de estética, metafísica da arte e pensamento pós-metafísico.

NOTA

Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, tablet ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo layout, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!

BATE PAPO SOBRE O ENADE!

Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.

Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.

Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.

Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.

Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!

SUMÁRIO

UNIDADE 1

AS PRIMEIRAS QUESTÕES METAFÍSICAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- definir o início do pensamento metafísico na Grécia antiga;
- explicar as primeiras questões problemáticas que fundamentam a metafísica;
- interpretar as discussões filosóficas entre os primeiros filósofos da história do pensamento ocidental;
- examinar o sentido e o significado do surgimento e das influências da metafísica;
- construir uma base teórica acerca da metafísica grega antiga;
- validar os debates acerca da metafísica que envolve as questões entre a filosofia e a ciência

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer dos estudos, você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conteúdos adquiridos.

TÓPICO 1

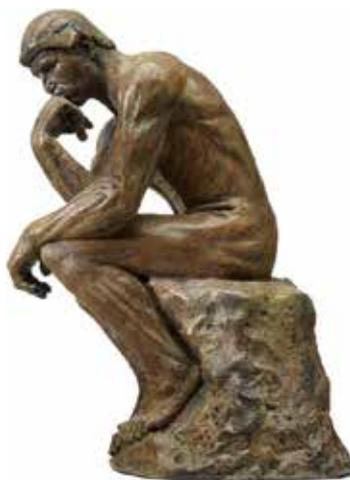
METAFÍSICA NA GRÉCIA ANTIGA: OS PRÉ-SOCRÁTICOS E PLATÃO

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro tópico da Unidade 1 trataremos dos primeiros problemas ou questões do âmbito da metafísica. Estudaremos a importância desta área da filosofia desde o nascimento do pensamento filosófico no mundo grego antigo. Partiremos da elaboração da estrutura metafísica em estreita ligação ao surgimento da filosofia grega antiga, com o estudo do pensamento de Parmênides e Platão.

Na primeira parte deste tópico abordaremos os principais aspectos relacionados aos fundamentos primordiais da diferenciação do saber filosófico-científico e do saber mítico, buscando delimitar os pontos de divergências e rupturas entre as duas formas de explicação do mundo humano e natural, em que uma se contrapõe à outra, devido à estrutura interna de cada uma delas, que diferencia o sentido do conhecimento, dividindo-o em verdadeiro e fictício.

Posteriormente trataremos especificamente do pensamento de Parmênides, considerado o pensador do Ser e desta forma o inaugurador da questão acerca do ser. A maior importância atribuída a Parmênides é de ter diferenciado pela primeira vez a Verdade da Aparência, garantindo assim a possibilidade do conhecimento pela via da Verdade.

FIGURA 1 – O PENSADOR DE RODIN

FONTE: Disponível em: <http://www.zazzle.com.br/o_pensador_de_rodin_posteres-228739525735818745>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Na segunda parte deste tópico abordaremos a filosofia platônica com relação a suas influências pré-socráticas e socráticas dentro do contexto grego antigo de entendimento acerca da necessidade e da possibilidade do conhecimento verdadeiro. Platão, como aluno de Sócrates, apresenta a base de sua filosofia no pensamento do mestre, mas projeta superá-lo ao interpretar e reformular suas principais questões.

Platão inaugura as primeiras questões metafísicas e compõe a corrente chamada metafísica clássica. Sua filosofia transpassou os séculos e influenciou profundamente os desdobramentos da metafísica do período medieval e moderno. Através da teoria platônica dos dois mundos distintos, um composto pelas essências e outro composto pelas aparências, foi possível postular as primeiras fundamentações do conhecimento verdadeiro acessível aos homens pela via da razão.

Enfim, neste tópico conheceremos as mais importantes questões que inspiraram e nortearam toda a história da tradição ocidental de pensamento filosófico-científico. O campo do conhecimento abstrato, teórico e conceitual foi delimitado e definido como fundamento para o acesso cognoscível à realidade da natureza do mundo.

A preocupação com a universalidade e a ordenação das ideias gerou uma guinada na cultura humana grega antiga, abandonando progressivamente as explicações fantásticas e retóricas para assumir um fio condutor lógico e racional da linguagem dialógica. O conhecer é destituído de seu caráter de privilégio de sacerdotes e poucos sábios para ser universalizado dialeticamente através da razão enquanto essência do entendimento humano da realidade.

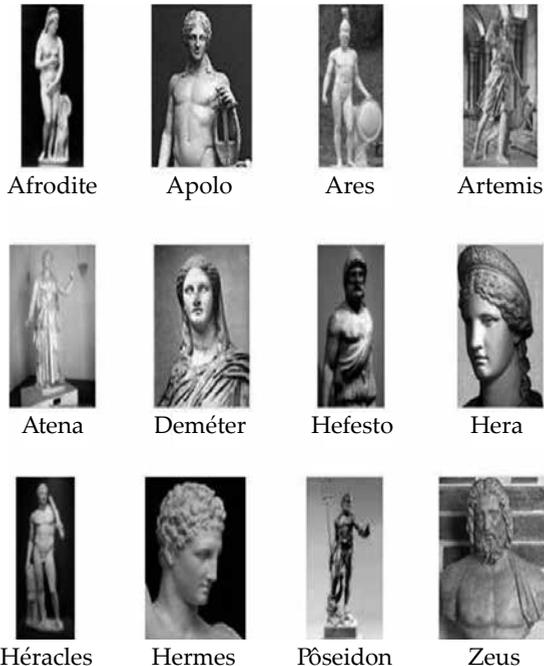
2 O NASCIMENTO DA METAFÍSICA NO PENSAMENTO GREGO ANTIGO

A filosofia como pensamento inovador surge na Grécia antiga em meados do século VI a. C. O primeiro historiador que se dedicou à análise dos escritos filosóficos foi Aristóteles. No seu livro I, *Metafísica*, considerou como primeiro filósofo Tales de Mileto. Os gregos foram os primeiros na história a definir uma orientação científica para a atividade filosófica de tentar compreender o mundo humano e da natureza. A forma de pensar científico-filosófica é contraposta a outra forma de explicar o mundo, ou seja, a explicação mítica.

FIGURA 2 – TALES DE MILETO

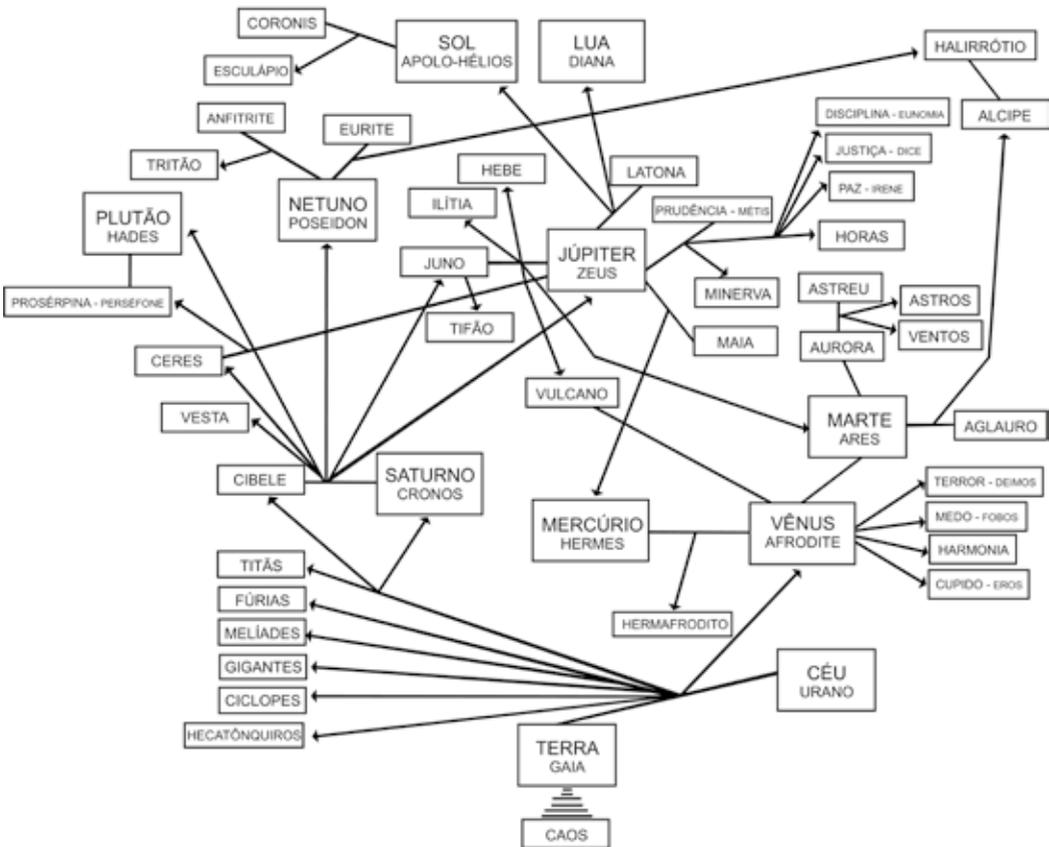
FONTE: Disponível em: <http://www.templodeapolo.net/Civilizacoes/grecia/filosofia/presocraticos/filosofia_presocraticos_tales.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

A explicação ou discurso mítico, cujo termo em grego (*mythos)* significa uma invenção imaginária ou fictícia, é constituída por lendas e narrativas que definem a origem, o funcionamento, os processos e os valores do mundo humano e da natureza. Assim, a tradição, o folclore e a cultura determinam a elaboração da estrutura de uma explicação mítica compartilhada fundamentalmente de modo oral.

FIGURA 3 – DEUSES DA MITOLOGIA GREGA

FONTE: Disponível em: <http://sala19.wordpress.com/2012/04/18/mitologia-grega-e-religiao/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

O mito não pode ser questionado, apenas interpretado e transmitido por determinado povo, os indivíduos devem necessariamente aceitar a explicação mítica e, assim, assumir a identidade do povo que lhe pertence. Devido ao fator básico de a narrativa mítica se passar nos domínios do imaginário, do sobrenatural, do sagrado e dos mistérios implica a ideia de um mundo divino, exterior e superior com a função de governar o mundo humano, real, natural e inferior.

A explicação filosófico-científica, por outro lado, é sempre cronológica e define as causas e os efeitos dos fatos no devir histórico, descoberto racionalmente através do esforço de investigação e análise lógica de um indivíduo, capaz de transmitir suas ideias e pensamentos por meio dos registros escritos de seus argumentos. O mito, por sua vez, limita-se à explicação fantástica da experiência real, recai no paradoxo de explicar o mistério do mundo através do próprio mistério, destituindo o conhecimento de qualquer valor de verdade.

FIGURA 4 – GENEALOGIA DOS DEUSES DO OLIMPO

FONTE: Disponível em: <http://www.mundos-fantasticos.com/mitologia/grega/romana/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

As primeiras atividades filosóficas foram, neste sentido, de explicar o mundo natural através dos seus próprios elementos ou causas naturais. A escola jônica, berço dos primeiros filósofos, que defenderam uma explicação do mundo a partir do interior e não mais a partir de um mundo exterior superior, pode ser conceituada como naturalista.

O pensamento filosófico-científico surge em meio ao contexto de transição e transformação da sociedade grega antiga, porém não podemos crer numa ruptura radical entre a explicação de mundo mítica e a naturalista. Durante muitos anos ambas conviveram na mesma sociedade, em parte devido ao modo de governo monárquico, divino e decadente. Após o surgimento das primeiras cidades-Estado na Grécia antiga, a participação política se amplia e a sociedade se seculariza.

Com a perda da função religiosa, as explicações míticas cedem lugar para as questões de relações comerciais e os interesses pragmáticos das novas cidades; surge, assim, o espaço fértil para o desenvolvimento do conhecimento filosófico. Os naturalistas, também chamados de pré-socráticos por constituírem um grupo de pensadores que antecederam Sócrates e suas questões, iniciaram uma nova tradição que está presente até hoje, ou seja, de pensar o mundo filosófico cientificamente.

FIGURA 5 – ILHAS GREGAS

FONTE: Disponível em: <http://www.tacasas.com.br/2012/12/11/crise-na-grecia-afeta-mercado-imobiliario-no-pais/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

As primeiras noções abordadas pelos filósofos pré-socráticos eram a natureza ou *physis,* a causalidade, o elemento primordial ou *arqué*, o cosmo ou *kosmos*, o logos e a crítica (MARCONDES, 1997, p. 24-27). A noção de natureza era fundamental, pois constitui o objeto comum aos primeiros filósofos, assim, o mundo natural é explicado através de causas naturais a partir da investigação rigorosa dos fenômenos naturais. O mundo exterior ou divino perde seu sentido e função explicativa.

A noção de causalidade segue a importância fundamental da noção de natureza, pois a explicação orientada pela ciência e filosofia é sempre uma descoberta da rede causal na natureza. As causas e os efeitos se ligam uns aos outros numa sequência que determina o passado e projeta o futuro, permitindo intervir neste processo causal composto de fenômenos concretos ou naturais. A causalidade é regressiva e sucessiva. Neste sentido, podemos recorrer ao infinito explicando uma causa por um efeito anterior.

Para não incorrer no erro de ampliar a rede causal ao infinito é determinada uma causa primeira, um ponto de partida, ou seja, a *arqué*. Enquanto elemento primordial da natureza, a *arqué* fornece unidade à natureza estando presente em todo universo e caracterizando o início de uma generalização dos múltiplos elementos, caráter básico da ciência. Segundo Tales (APONTAMENTOS..., 2013, p. 18), por exemplo, o elemento primordial era a água, significando o princípio de todas as coisas e presente em todas elas em maior ou menor escala.

Os pré-socráticos instauraram a noção de Princípio, introduzido por Anaximandro, com significado de uma causa primeira ou elemento constitutivo dos fenômenos do mundo real. O sentido de Princípio pode ser entendido, por outro lado, como aquilo que move os fenômenos em primeira instância, devido à sua essência imutável, ou ainda como princípio em analogia com a noção de causa, na qual toda causa é o princípio de um efeito que causa outro efeito e assim sucessivamente.

FIGURA 6 – COSMO

FONTE: Disponível em: <http://universe-beauty.com/Space-photos/Earth-from-space/earth-photo-from-cosmos-img23-11739p.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

O cosmos pode ser compreendido como o mundo natural ordenado por princípios racionais e tendo a causalidade como lei primordial. Neste sentido, o cosmos se opõe ao caos que expressa a desordem, ou seja, o estágio anterior ao ordenamento do mundo. Justamente por ser organizado pela racionalidade é possível explicá-lo através da razão humana, havendo uma certa correspondência entre a racionalidade humana e a racionalidade da realidade natural. O cosmos pode ser compreendido teoricamente formulando a cosmologia como teoria geral sobre a natureza.

O logos é o discurso racional utilizado pelos filósofos para explicar o real por meio de causas naturais, discurso que se abre a críticas, pois se fundamenta na argumentação lógica em que as explicações devem ser justificadas por razões. O discurso racional acerca do mundo real implica a aplicação do pensamento humano ao entendimento da natureza e desta forma também está dimensionado pelo jogo argumentativo que admite a crítica como núcleo constituinte. A filosofia orientada pela ciência formula hipóteses para serem testadas, refutadas e fundamentadas; este estímulo move a produção de conhecimento rigoroso racional dos fenômenos do mundo natural.

Portanto, as noções básicas primordiais que fundamentam o pensamento grego antigo determinam os pontos em comum que podemos encontrar no início da atividade filosófica. Percebemos a diferença que define a mudança do modo de explicação do mundo natural através do mundo divino e do modo de explicação do mundo natural pelas suas próprias causas naturais definidas pelas leis racionais que ordenam seus fenômenos.

2.1 PARMÊNIDES DE ELEIA

O pensamento de Parmênides (fl.c. 500 a.C.), expresso em sua obra *Poema,* define, pela primeira vez na história da tradição ocidental, a diferença entre realidade e aparência. Os eleatas, incluso Parmênides, são teóricos monistas, ou seja, defendem que a essência da realidade é una, imóvel, eterna, contínua, indivisível, imutável, necessária e sem princípio ou fim, contrapostos aos teóricos pré-socráticos mobilistas, que defendem o movimento e a mudança como real.

NOTA

A escola eleática foi composta por filósofos pré-socráticos: Xenófanes de Colofão, Parmênides, Zenão de Eleia (fl.c. 464 a.C.) e Melisso de Samos (fl.c. 444 a.C.). Atribuímos o surgimento da lógica e da metafísica aos eleatas. A abreviação fl.c. significa que as ideias filosóficas floresceram aproximadamente naquele período.

Conforme Abbagnano (2007, p. 308):

> Os fundamentos dessa doutrina (eleatismo) são os seguintes: 1º unidade, imutabilidade e necessidade do ser, expressa pela frase: 'Só o ser é e não pode não ser' (*Fr*. 4, DIELS); 2º acessibilidade do ser só para o pensamento racional e condenação do mundo sensível e do conhecimento sensível como aparência.

FIGURA 7 – ELEIA

FONTE: Disponível em: <http://www.templodeapolo.net/Civilizacoes/grecia/filosofia/presocraticos/filosofia_presocraticos_eleatas.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Perguntar pelo Ser de algo é pretender chegar ao limite da profundidade da questão, o objeto da Metafísica, entendida como ciência do ente enquanto ente, é o Princípio mais fundamental do real, isto é, o Ser do mundo real. O ente é definido por aquilo que é, por sua identidade a partir da sua diferenciação e exclusividade frente aos demais entes; segundo a gramática da palavra ente, este expressa o particípio do verbo ser.

FIGURA 8 – O SER DE PARMÊNIDES

Parménides dizia que o Ser é completo de todos os lados, semelhante a uma esfera bem redonda.

Parménides
de Élea

FONTE: Disponível em: <http://filosofiaeliberdade.blogspot.com.br/2012/04/pre-socraticos-imagens.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

O Ser, segundo Parmênides, é esférico, pois a esfera representa a unicidade e perfeição do real, porém o acesso ao ser somente é possível pela via do pensamento, ou seja, os sentidos e as impressões sensíveis não são fontes seguras de acesso às leis que regem o mundo. (MARCONDES, 1997, p. 36). O pensamento racional é o único meio de conhecer a essência do mundo real, essa que deve sempre permanecer como é, independente de qualquer mudança aparente. Os sentidos somente captam as mudanças ilusórias. Para determinar o Ser, ou seja, o Princípio ou causa primordial do real e garantir sua unidade, é necessário raciocinar. Conforme Parmênides, *Da Natureza*, p. 11:

> […]
> ***B 2***
> 1 Pois bem, agora vou eu falar, e tu, presta atenção ouvindo a palavra
> 2 acerca das únicas vias de questionamento que são a pensar:
> 3 uma, para o que é e, como tal, não é para não ser,
> 4 é o caminho de persuasão — pois Verdade o segue —,
> 5 outra, para o que não é e, como tal, é preciso não ser,
> 6 esta via, indico-te que é uma trilha inteiramente inviável;
> 7 pois nem ao menos se reconheceria o não ente, pois não é realizável,
> 8 nem tampouco se mostraria:
> ***B 3***
> ...pois o mesmo é (a) pensar e também ser.
> [...]

FONTE: Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2007/parmenides.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

O texto de Parmênides postula pela primeira vez um esboço da lei da identidade em que aquilo que é não pode deixar de ser, este princípio lógico-metafísico define a identidade entre pensar e ser, permitindo que o pensar atinja o âmbito mais profundo do real, o Ser. Neste sentido, a via do pensamento é o método que conduz à Verdade e a via das opiniões conduz à Ilusão, pois os pensamentos são regidos por princípios racionais que são da mesma natureza dos princípios que regem o mundo real, e as opiniões são meras expressões de hábitos, impressões e percepções sensíveis e imaginárias sem conexão com o mundo real.

Desta maneira, Parmênides inaugura a metafísica elaborando suas primeiras questões, métodos e objetivos pensando o real em seu âmbito mais abstrato e fundamental e definindo o modo de possibilidade de conhecimento seguro acerca das dinâmicas internas necessárias que movem o mundo. Conhecer é, assim, pensar rigorosamente o Ser das coisas e dos fenômenos, encontrar pela via da razão as leis eternas e imutáveis que ordenam e determinam todas as coisas e suas relações no mundo natural e real.

NOTA

Metafísica [...] ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros. [...] O próprio nome dessa ciência, que costuma ser atribuído ao lugar que coube aos textos relativos de Aristóteles na coletânea de Andronico de Rodhes (século I a. C.), mas que Jaeger atribui a um peripatético anterior a Andronico (Aristóteles; trad. it., p. 517), presta-se a expressar bem a sua natureza, porquanto ela vai além da física, que é a primeira das ciências particulares, para chegar ao fundamento comum em que todas se baseiam e determinar o lugar que cabe a cada uma na hierarquia do saber; isso explica, senão a origem, pelo menos o sucesso que esse nome teve. (apud ABBAGNANO, 2007, p. 766).

3 PLATÃO

O ponto de partida da atividade filosófica, desde seu surgimento na Grécia antiga, é o conhecimento, como possibilidade de acesso ao entendimento do mundo real. Sócrates demarca a linha limítrofe de uma filosofia da natureza e uma filosofia centrada no conhecimento humano verdadeiro como condição de acesso à realidade do mundo. Os pensamentos socráticos foram registrados por seu maior discípulo, Platão (428 a.C. - 347 a.C.).

Porém, como os ensinamentos de Sócrates eram transmitidos por via oral, apesar de Platão preocupar-se com a preservação das ideias socráticas, estava ao mesmo tempo condicionando o pensamento socrático pela sua própria interpretação. O conhecimento verdadeiro, entendido como sabedoria, parte do reconhecimento da ignorância humana e assim é projetado o estímulo à busca pela sabedoria, ou seja, o diálogo, a crítica e a argumentação fornecem os subsídios para a superação da própria ignorância. Neste sentido, Platão escreveu suas obras filosóficas em forma de diálogos representando o processo dialógico discursivo do conhecimento verdadeiro.

FIGURA 9 – PLATÃO

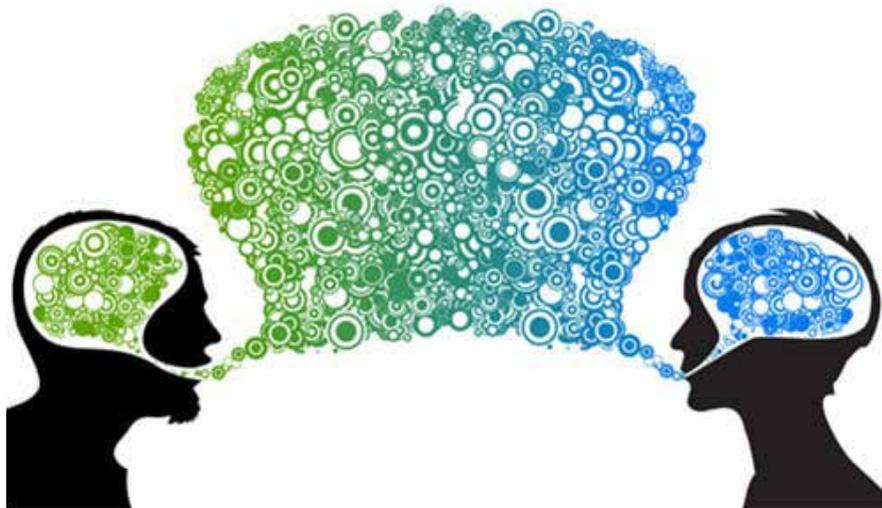
FONTE: Disponível em: <http://portoalegre.nova-acropole.org.br/agenda/2013-01-22/tercas-platonicas-palestra-republica-de-platao>. Acesso em: 25 ago. 2013.

A maiêutica, através da dialética socrática, projetava o parto das ideias, através do reconhecimento de que não sabia, o indivíduo se impele para mudar e procura por um saber, como a frase mais famosa de Sócrates: "Só sei que nada sei", esta, que o tornou o homem mais sábio da Grécia antiga, justamente por ser aquele que sabe que não sabe tudo. O diálogo oralizado de Sócrates com seus interlocutores produzia o ambiente necessário à representação verdadeira do mundo real, no interior dos pensamentos do indivíduo, pois "[...] o diálogo socrático visa ao desmascaramento dessa realidade, buscando um consenso (homologia) fundado no conhecimento verdadeiro, no entendimento racional, na possibilidade de justificação" (MARCONDES, 1997, p. 53).

NOTA

O método socrático de ajudar a parir ou nascer pensamentos verdadeiros através de perguntas e argumentações é denominado maiêutica.

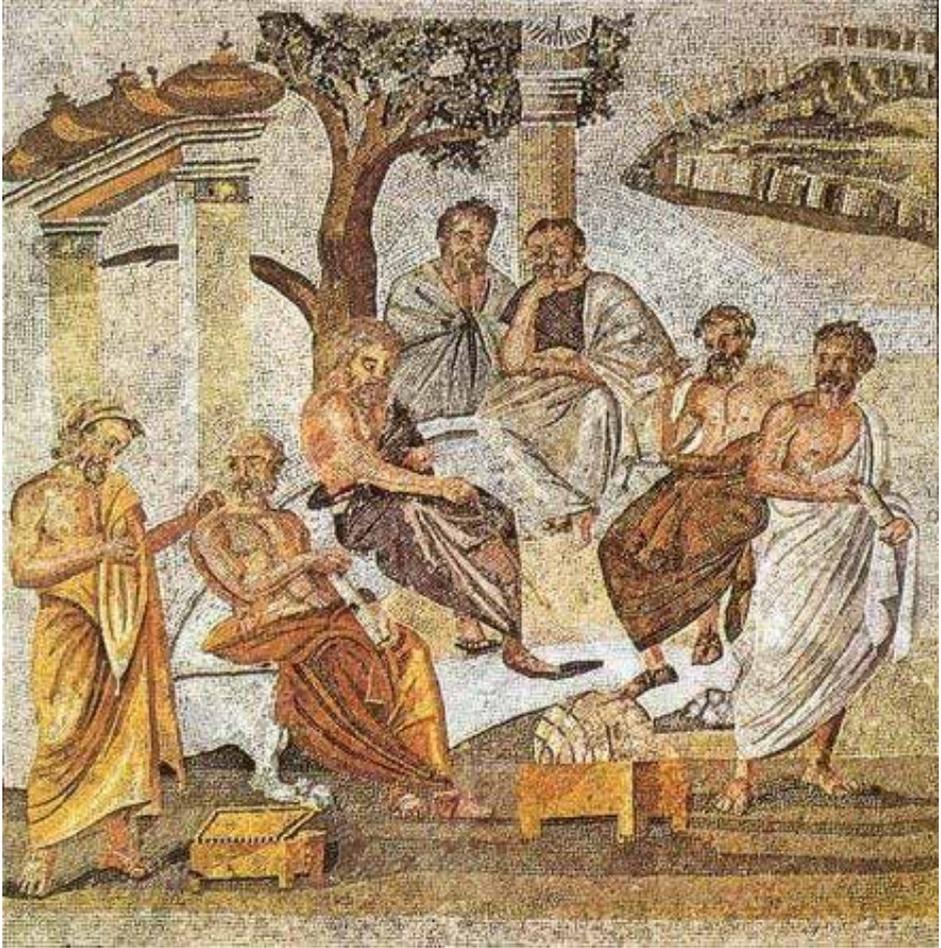
Assim, Sócrates praticava o diálogo com os seus discípulos e demais interlocutores, para que eles pudessem ser estimulados pedagogicamente a refletir sobre sua própria ignorância e partir em busca da sabedoria. A via desta busca é o pensamento racional de forma aporética, ou seja, sem pretensões de encontrar uma verdade absoluta sobre algo, porque o conhecimento filosófico não está pronto e acabado. O método socrático, de busca por este conhecimento verdadeiro, projeta a razão como base para a condição do acesso à realidade.

FIGURA 10 – DIÁLOGO

FONTE: Disponível em: <http://www.visionquest.com.br/sem-categoria/dialogo-parte-1/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

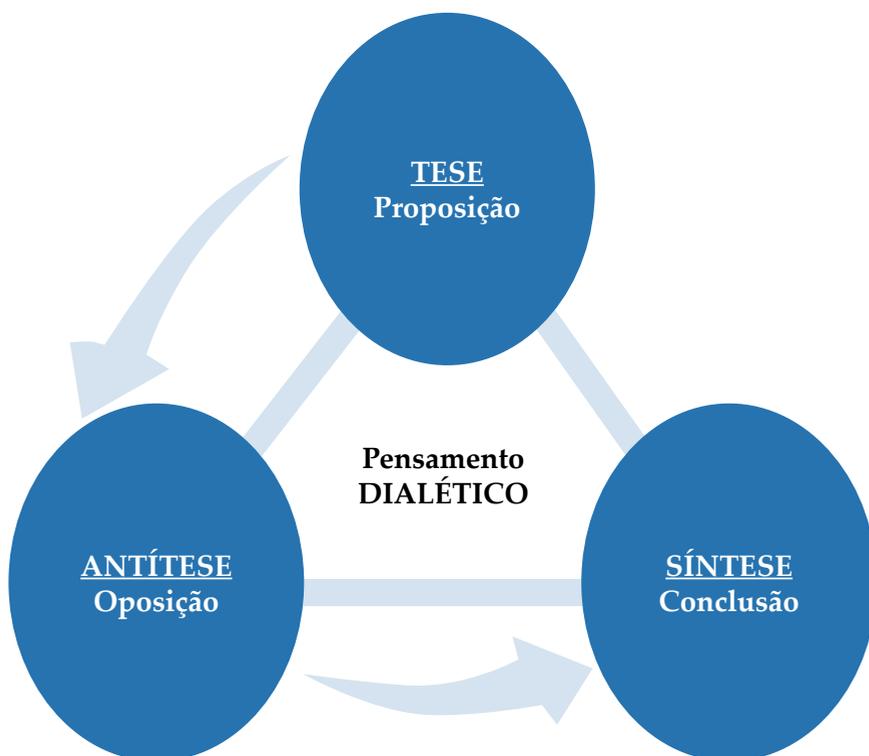
Sócrates e Platão são os fundadores da filosofia clássica que fundamenta até os dias de hoje nossa forma racional-científica de conhecimento do mundo que vemos ao nosso redor. As principais questões giram em torno da possibilidade de representar corretamente o mundo real, do método capaz de assegurar a verdadeira representação, dos instrumentos disponíveis e necessários para acessar o mundo real e, por fim, de que objeto estamos tratando ao definir o conhecimento verdadeiro.

Platão revisa a filosofia socrática e formula uma crítica que inaugurou o conceito de metafísica clássica. A crítica formulada por Platão vai ser a origem da sua Teoria das Ideias ou Formas, pois, segundo ele, a filosofia possui o papel de estabelecer os critérios do método a ser aplicado no conhecimento seguro, contrariando Sócrates, que via na filosofia um método de análise fundamental para o conhecimento verdadeiro.

A metafísica platônica visou desenvolver uma teoria da natureza dos conceitos, como são obtidos, os critérios que os definem, suas características determinantes, enfim, sua estrutura constitutiva ontológica, que defendia a verdade como o ser ou a realidade representada pelos conceitos puros. Para Platão a filosofia não é um método, mas uma teoria ou a teoria suprema da natureza essencial dos fenômenos e objetos. Desta maneira, a filosofia como teoria precede e determina os critérios do método de análise capaz de garantir a compreensão e o conhecimento da realidade.

FIGURA 11 – A ACADEMIA DE PLATÃO EM ATENAS (MOSAICO EM POMPEIA, SÉCULO I)

FONTE: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_de_Plat%C3%A3o>. Acesso em: 26 ago. 2013.

O método dialético fundamenta a forma de escrita dos textos platônicos Partindo das opiniões do senso comum, busca superá-las com um reexame crítico rigoroso através da argumentação discursiva. Eleva a importância da reflexão individual e da radicalização da discussão que, levadas à crítica dialógica, podem chegar a um consenso universal entendido como conhecimento verdadeiro. Assim, ao entrar no diálogo, o indivíduo assume as regras da argumentação discursiva que pretende fundamentalmente superar as contradições do senso comum alcançando a universalidade do discurso garantida pela verdade.

FIGURA 12 – PENSAMENTO DIALÉTICO

FONTE: Disponível em: <http://dougnahistoria.blogspot.com.br/2011/08/o-materialismo-historico-dialetico-uma.html>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Notamos a influência exercida pelo pensamento de Parmênides na filosofia platônica, quando Platão determina o âmbito da razão como caminho único e seguro para o conhecimento do mundo real, verdadeiro. Da mesma maneira, ambos afastam o conhecimento sensório como representação do mundo real, sendo este fruto de paixões, interesses e opiniões irrefletidas.

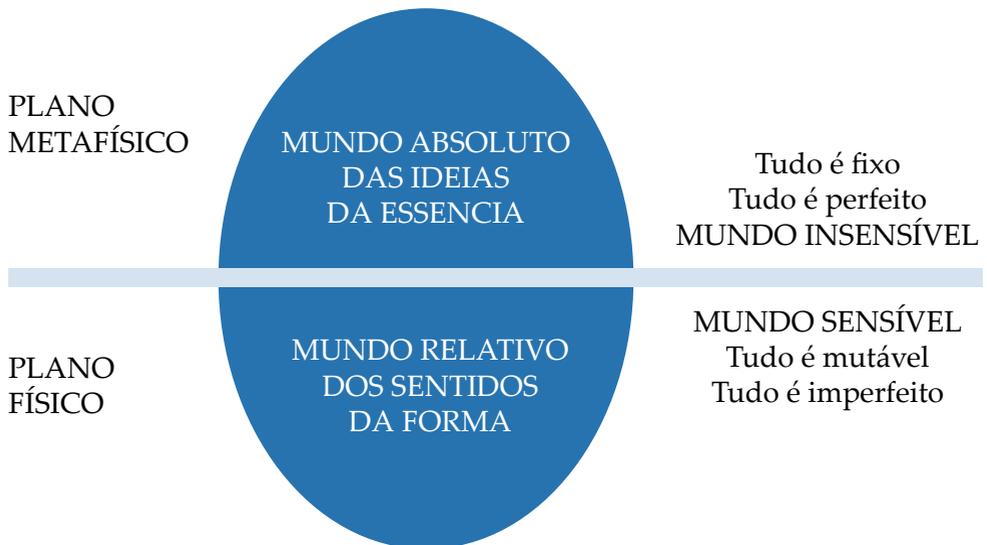
A filosofia, neste sentido, possui a função de mediadora ou legisladora dos diálogos discursivos, nos quais a rigorosidade e a necessidade de profundidade da reflexão demarcam a importância da metafísica como forma de conhecimento verdadeiro, ou seja, "[...] **a teoria do conhecimento** pressupõe, portanto, a **teoria sobre a natureza da realidade a ser conhecida** (a metafísica, ou segundo uma terminologia posterior, a ontologia)". (MARCONDES, 1997, p. 57, grifos nossos).

Platão demarca a base fundamental do modo de pensar filosófico-científico da tradição ocidental quando reformula o pensamento de Parmênides em relação com sua formação socrática. Do primeiro, Platão herdou a exigência de profundidade e rigorosidade do conhecimento verdadeiro da natureza ou realidade, do segundo herdou a visão humana e política do conhecimento do mundo.

O pensamento platônico define também a interdependência entre as questões tratadas pela teoria do conhecimento e pela metafísica na tradição filosófica ocidental. Concluímos que o fator objetivo e subjetivo do conhecimento começa a esboçar suas primeiras formulações a partir da sua profunda interdependência com as especulações metafísicas dos primeiros filósofos na Grécia antiga.

3.1 METAFÍSICA PLATÔNICA: AS ESSÊNCIAS

Platão reconhecia a dialética como estrutura fundamental na elaboração do entendimento metafísico sobre o mundo físico, reconhecendo, assim, dois mundos distintos e consequentemente dois níveis de Ser: um fenomênico, empírico e material, acessível pelos sentidos, e outro suprassensível, imaterial e inteligível, acessível pela mente racional. Na terminologia platônica os mundos se distinguiam por serem constituídos, cada qual, por ideias ou essências (perfeitas) e aparências ou cópias (imperfeitas). O mundo das essências, por natureza, é independente do mundo das aparências, no entanto, o mundo das aparências é completamente dependente do mundo das essências que o regula como modelo; assim, a cópia não existe sem o modelo, mas o modelo pode existir sem a cópia.

FIGURA 13 – DOIS MUNDOS DISTINTOS

FONTE: Disponível em: <http://filosofiacalvinista.blogspot.com.br/2010/03/mito-da-caverna-de-platao.html>. Acesso em: 26 ago. 2013.

A ideia platônica é uma entidade, ou seja, uma forma de ser, um modelo ou uma base fundamental que ordena os múltiplos diversos em uma unidade, gerando a identidade abstrata que sustenta a própria unidade. O modelo ideal e perfeito é o verdadeiro ser em contraposição com as cópias deste modelo, que serão por lei natural sempre imperfeitas.

A realidade é o princípio condicionante para as mudanças fenomênicas do mundo sensível das aparências, sendo ela mesma imóvel, eterna e imutável. O mundo real é o mundo das ideias, pois não está sujeito às mudanças e instabilidades que degeneram e corrompem as matérias corpóreas. O ser não pode estar submisso ao devir que, por si mesmo, é contraditório e relativo, constituído temporalmente. Os elementos do devir são governados, não por si mesmos, mas pelas leis e princípios lógico-metafísicos de sua própria natureza essencial.

FIGURA 14 – IDEIAS

FONTE: Disponível em: <http://revistavocerh.abril.com.br/materia/de-onde-vem-as-boas-ideias>. Acesso em: 25 ago. 2013.

A transcendência dos valores ideais e perfeitos conduz a uma ideia das ideias, ou seja, norteadora das demais ideias, a ideia do Bem que se identifica com a ideia do Belo. O Bem é o princípio ontológico que define a razão do valor e do ser dos demais princípios, assim, o que é bom possui valor e realidade.

A metafísica possui como objeto o conhecimento abstrato inteligível, pertencente ao mundo das essências, aquele nível de conhecimento supremo que não admite contradição ou erro, por ser conhecimento verdadeiro da realidade. O Bem é acessível somente pela inteligência e se liga à beleza e harmonia da ordem contida no ser dos fenômenos. Conforme Silva (1994, p. 69-70):

> A ideia de "Bem", destarte, é o princípio supremo de unificação do múltiplo. Como as ideias não são apenas princípios de conhecimento, mas princípios ontológicos (uma ação é justa devido à sua semelhança com a ideia de justiça etc.), a ideia de "Bem" é o princípio ontológico supremo, mediante o qual tudo o que é "bom" tem seu valor e seu ser. Em última instância, é o elemento que explica a "razão" de tudo aquilo que é.

A inteligência não pode estar contaminada pelas sensações e aparências ilusórias, precisa estar limpa, purificada para alcançar a realidade do mundo das essências. Este processo de purificação foi entendido por Platão como sendo de duas vias, uma pela contemplação da Beleza que existe em si e por si mesma, isto é, o Amor divino ou Eros, outra pela dialética-metafísica em que o mundo das essências é acessado pela inteligência.

No diálogo platônico, *O Banquete,* os interlocutores partem em busca do entendimento acerca da essência do amor, assim, numa festa vários poetas se encontram, entre eles estava Sócrates. Um dos poetas propõe uma homenagem ao deus Eros falando acerca do que seja o amor, cada um dos poetas presentes disse ao seu modo aquilo que entendia acerca dos efeitos do amor, como ordem, aproximação, diferentes tipos, sua função sexual, como relação entre duas pessoas, e, por fim, o poeta anfitrião da festa louva o amor pelo que projeta e inspira, como a beleza.

Sócrates, por sua vez, se recusa a responder alegando que não sabe o que é o amor, mas que poderia buscar a essência do amor, e chega à conclusão de que o amor é desejo de perfeição, plenitude, completude. O amor intelectual é desejo de saber, participando do inteligível pode-se conhecer a realidade, assim, a filosofia (*philo sophia*) é o amor à sabedoria, ou seja, um desejo que impele ao encontro com o mundo das essências.

FIGURA 15 – AMOR PLATÔNICO

FONTE: Disponível em: <http://coletivoimprensa.wordpress.com/2011/09/12/amor-platonico/>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Platão, por outro lado, enfatiza o interesse prático da filosofia e sua importância para o desenvolvimento do indivíduo e para a organização da *pólis*, a prática da filosofia está intrinsecamente envolvida por uma teoria que a precede. Esta problemática é iniciada na filosofia platônica e segue em discussão até os dias atuais, ou seja, a questão das relações e determinações entre a teoria e a prática.

FIGURA 16 – SENTIDOS HUMANOS

FONTE: Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/computador-vai-emular-os-5-sentidos-humanos-aposta-ibm>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Os sentidos contaminam a pureza da alma e, assim, ofuscam o conhecimento da realidade; as percepções e impressões sensíveis confundem a razão e impedem a contemplação da forma ou essência dos fenômenos e objetos.

A matéria é o objeto dos sentidos e sensações que, por sua natureza e essência, são contraditórios, instáveis, múltiplos e na grande maioria das vezes nos enganam acerca da realidade, ou seja, o conteúdo da matéria é a imagem e a ilusão. Neste aspecto, Platão se afasta da concepção de não-ser de Parmênides. O oposto do Ser, o não-ser é o nada, vazio, impensável e indizível. Diferentemente, Platão postula que o oposto do Ser, enquanto essência, é a aparência ou cópia imperfeita deste modelo ideal.

A razão, para Platão, serve para justificar, examinar e julgar as decisões e as ações que são praticadas. Neste sentido, as boas decisões e as boas ações são as mais corretas, a filosofia procura definir os critérios para o estabelecimento de quais decisões ou ações são boas segundo a ideia de Bem. As ideias são essências universais, ou seja, conceitos gerais; quando aplicadas na ação com critérios rigorosos e racionais, fundamentam as normas de ação para todos os indivíduos, independentemente de suas particularidades ou acasos circunstanciais dos fenômenos e objetos.

A filosofia gira em torno do núcleo questionador de cada elemento ou fenômeno do mundo real, ou seja, basicamente filosofar é perguntar sobre a essência ou definição conceitual de determinada coisa. Filosofia pode ser sintetizada como uma atividade partindo necessariamente da indagação fundamental: o que é? A pergunta pelo ser de algo é um processo dialético racional de conceituação, isto é, de teorização e definição dos princípios fundamentais que identificam determinado elemento ou fenômeno.

A filosofia é uma busca pelo aperfeiçoamento do conhecimento, neste sentido, esforça-se para afastar as imagens e ilusões do mundo das aparências, dos casos particulares e dos dados dos sentidos. Quando o filósofo pergunta pelo ser de um elemento ou fenômeno, está traçando um projeto de superação da opinião comum, das nossas crenças superficiais e das influências culturais rumo ao conhecimento verdadeiro.

A teoria das formas de Platão é expressa em seu diálogo *Mênon,* na passagem em que analisa as possibilidades do conhecimento, através da abordagem dos conceitos de ensino e aprendizagem. A origem do conhecimento na filosofia platônica é explicada pela teoria da reminiscência que define o conhecimento como inato, ou seja, trazemos a capacidade de acessar através da alma toda verdade, já desde o nascimento, relembrando.

Na obra platônica Mênon é apresentado o diálogo entre Sócrates e Mênon com o objetivo de entender o que é a Virtude, ou *areté,* para os gregos antigos. O tema é inserido quando Mênon indaga se a virtude é algo para ser ensinado, se deve ser adquirido na experiência ou ainda se é um dom natural. Sócrates responde que não pode responder, pois precisa refletir sobre o que é a virtude antes de mais nada, e indaga a Mênon se ele pode, por sua vez, definir a virtude.

A virtude é definida por Mênon através de exemplos de casos particulares, como a virtude do homem, da mulher e vários tipos de virtude, mas não demonstra um só princípio que seja próprio a todas as virtudes, uma ideia que as unifique e conceitue. Assim, quando perguntamos pelo ser de algo, ou seja, o que é?, estamos reconhecendo que existe algo no mundo real que não conhecemos de verdade, temos apenas sensações ou impressões baseadas em cópias imperfeitas.

Porém, como saber que encontramos aquilo que procurávamos, se não sabíamos o que exatamente procurávamos? Ou seja, de onde surge o conhecimento, qual seu fundamento ou garantia de valor de verdade? Para explicar a origem do conhecimento verdadeiro, a teoria da reminiscência é formulada, pois, antes de nascerem, as almas humanas possuem acesso à realidade no mundo sem as sombras produzidas pelo corpo. Porém, esquecemos pouco antes de nascer e através da razão dialética é possível rememorar e alcançar o entendimento pela busca das essências.

FIGURA 17 – TEOREMA DE PITÁGORAS

FONTE: Disponível em: <http://penta.ufrgs.br/edu/telelab/mundo_mat/curgeo/modulo/tpit.html>. Acesso em: 26 ago. 2013.

Platão teve fortes influências do pré-socrático Pitágoras, inserindo na base de suas reflexões filosóficas a matemática como essência pura da realidade, contrapondo os conceitos matemáticos superiores aos dados dos sentidos inferiores na captação de elementos constituintes de uma explicação do mundo real. Assim, a matemática é própria do mundo real inteligível, enquanto que os sentidos produzem apenas ilusões e imagens sem fundamento acerca do mundo real.

FIGURA 18 – MITO DA CAVERNA

FONTE: Disponível em: <http://sophia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1780230580>. Acesso em: 26 ago. 2013.

Para ilustrar a distinção entre os dois mundos, Platão, no diálogo *A República,* livro VII, conta, sob forma de alegoria, como os homens vivem no mundo das aparências. Para tanto o autor faz uma analogia entre uma caverna e o mundo das aparências: de dentro da caverna, os homens possuem acesso apenas às sombras do mundo real, mas acreditam que estas sombras sejam a realidade, já que nunca saíram da caverna.

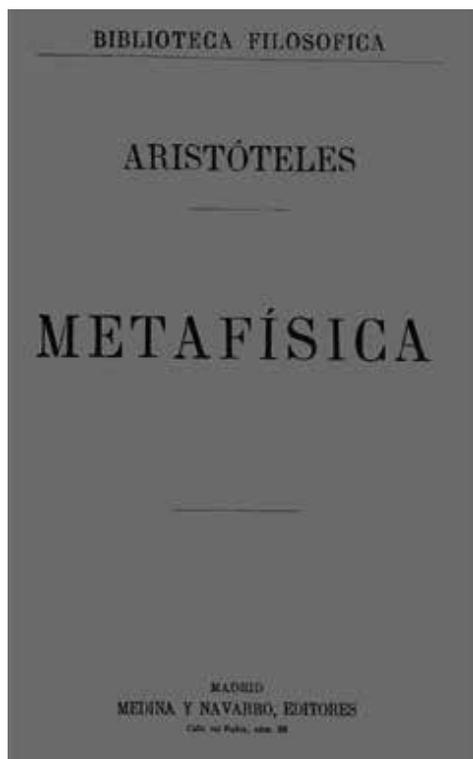
A partir de um esforço em deixar as antigas crenças e hábitos, os homens são levados para fora e vislumbram a luz admirados com sua ignorância e espantados com o mundo do conhecimento verdadeiro, ou seja, das essências. A alegoria da caverna representa a necessidade da atividade filosófica para romper as sombras da ilusão e alcançar o nível do conhecimento inteligível.

Portanto, podemos atribuir a Platão as primeiras formulações próprias da metafísica, apesar de os gregos não haverem mencionado esta palavra. É claro que já esboçavam uma estrutura fundamental que daria origem a questões metafísicas mais importantes da Idade Média e Moderna.

FIGURA 19 – METAFÍSICA

FONTE: Disponível em: <http://pensadoresclarecido.wordpress.com/2012/10/10/da-metafisica-e-sua-rejeicao/>. Acesso em: 26 ago. 2013.

A metafísica nasce como a própria filosofia enquanto questionamento rigoroso e radical acerca do ser ou das essências, no esforço de passar do mundo das aparências para o mundo das essências. A filosofia fica estabelecida como uma atividade de contemplação e análise reflexiva acerca das leis e princípios universais, eternos e imutáveis que regem os elementos particulares, corruptíveis e passíveis de mudanças e contradições.

FIGURA 20 – METAFÍSICA (EDIÇÃO DE 1895)

FONTE: Disponível em: <http://www.filosofia.org/bol/bib/nb024.htm>.
Acesso em: 28 ago. 2013.

LEITURA COMPLEMENTAR

PARMÊNIDES

Platão

[...]

VII- Entendo tudo, respondeu Sócrates.

E com relação ao conhecimento, continuou, o conhecimento em si mesmo será conhecimento da verdade em si mesma?

Perfeitamente.

Cada conhecimento particular em si mesmo seria, por conseguinte, conhecimento de um ser em si mesmo. Ou não?

Certo.

Assim, nosso conhecimento viria a ser o conhecimento da verdade de nosso mundo; de onde se colhe que cada ramo do nosso conhecimento terá de ser conhecimento de determinadas coisas do nosso mundo.

Necessariamente.

Porém, conforme tu próprio admitiste, nem possuímos as ideias em si mesmas, nem elas podem existir entre nós.

Sem dúvida.

E não é pela ideia em si do conhecimento que são conhecidos gêneros em si mesmos?

Certo.

Ideias essas que não possuímos.

Justamente.

Sendo assim, não poderemos conhecer nenhuma ideia, visto não participarmos do conhecimento em si mesmo.

Parece que não.

Logo, são-nos desconhecidos o belo existente em si mesmo, e o bem e tudo o que admitimos como ideias com existência independente.

Quem sabe?

Atende agora ao que se me afigura ainda mais terrível.

Que será?

Não estás disposto a conceder que se há um gênero em si do conhecimento, terá de ser muito mais preciso do que o conhecimento do nosso mundo, tal qual como o da beleza e os de tudo o mais?

Concedido.

E que se algum ser tiver de participar desse conhecimento em si mesmo, não dirás que somente Deus possuirá esse conhecimento exatíssimo?

Necessariamente.

Ora, a posse do conhecimento em si não permitirá a Deus conhecer o que se passa no nosso mundo.

Por que não?

Porque já aceitamos, Sócrates, observou Parmênides, que nem aquelas ideias atuam nas coisas do nosso mundo, nem as coisas do nosso mundo naquelas ideias; separadamente, entre elas mesmas, é que umas atuam sobre outras.

Aceitamos, de fato.

Logo, se se encontra em Deus esse domínio supremo e esse conhecimento perfeito, nem esse domínio chegará nunca a dominar-nos, nem esse conhecimento a conhecer-nos, ou seja, ao que for do nosso mundo; porém, da mesma forma que não dominamos os deuses com nosso domínio, nem alcançamos nada das coisas divinas com nosso conhecimento: assim, também, pelas mesmíssimas razões, os deuses não têm domínio sobre nós nem conhecem os negócios humanos, na qualidade de deuses.

Não será uma proposição ousada em demasia, disse, privar Deus do conhecimento?

Tudo isso, Sócrates, voltou Parmênides a falar, e muito mais ainda está implícito nas ideias, no caso de terem esta existência própria e concebê-las alguém como algo independente. Quem ouve tal coisa fica perplexo, sendo levado a contestar sua existência ou, na hipótese de admiti-las, será obrigado a declarar que por força terão de ser desconhecidas da natureza humana. Quem assim se manifesta sabe o que diz e, conforme observamos há pouco, não será fácil de movê-lo de suas convicções. Só um indivíduo de dotes extraordinários será capaz de compreender que para cada coisa há um gênero à parte com existência

independente, e alguém mais bem dotado, ainda, para descobrir tudo isso e ensiná-lo devidamente aos outros, por meio de uma análise exaustiva.

Declaro-me de acordo contigo, Parmênides, observou Sócrates, pois quanto disseste concerta plenamente com minha maneira de pensar.

Por outro lado, Sócrates, observou Parmênides, se após considerar quanto ficou dito e todo o mais que poderia ser acrescentado, não aceitar um a existência das ideias dos seres, admitindo para cada coisa uma ideia definida, não saberá para onde virar o pensamento, a menos que reconhecesse a existência de uma ideia para cada coisa, sempre igual a si mesma, com o que destruiria por completo a própria dialética, o que decerto já percebeste com tua habitual perspicácia, conforme creio.

É muito justo o que dizes, teria observado Sócrates.

[...]

FONTE: PLATÃO. Parmênides. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/parmenides.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

RESUMO DO TÓPICO 1

- Vimos neste tópico como podemos entender o surgimento das questões filosóficas científicas na Grécia antiga através da passagem da explicação mítica para a explicação racional. Abordamos as principais noções atribuídas aos pré-socráticos como início de um novo modo de pensar o mundo real, que ameaça a tradição mítica e inaugura a tradição do pensamento filosófico, científico e ocidental. Entre os pré-socráticos se destaca o pensamento de Parmênides, como o precursor do discurso lógico-metafísico por definir pela primeira vez o objeto, o método e a questão básica do conhecimento verdadeiro. Parmênides demonstra pela primeira vez a necessidade do Ser e sua identidade com o pensar, definindo a via segura para o conhecimento mais profundo das leis que regem o mundo real e natural. Sócrates e Platão são profundamente influenciados pelos pensamentos dos filósofos naturalistas e reformulam a questão do conhecimento da realidade redirecionando o fundamento para a capacidade humana de pensar racionalmente. A razão humana possui uma correspondência com as leis lógico-racionais que regem a natureza do mundo real definindo a abordagem da filosofia clássica. A filosofia platônica determina a teoria que fundamenta esta concepção distinguindo dois mundos, um das essências e outro das aparências.

AUTOATIVIDADE

1 Comente acerca da principal diferença entre a explicação do mundo filosófico-científico e a explicação do mundo mítico.

2 Defina o Ser, segundo Parmênides.

3 Como era entendida a sabedoria para Sócrates?

4 Como Platão define o mundo real ou realidade?

5 O que é o amor, segundo Sócrates, no diálogo Banquete?

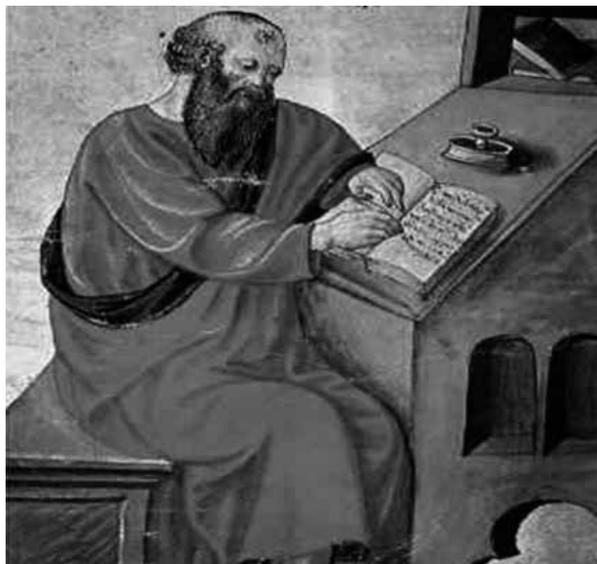
METAFÍSICA NA GRÉCIA ANTIGA: ARISTÓTELES

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico trataremos do estudo da metafísica a partir das influências platônicas nas concepções filosóficas de Aristóteles. Veremos a importância da crítica de Aristóteles a Platão e como o pensamento aristotélico se fundamenta justamente na proposta de solução às questões problemáticas encontradas na filosofia platônica.

Na primeira parte deste tópico, as questões problemáticas pré-socráticas são reavaliadas na filosofia aristotélica. Aristóteles, por sua vez, relança o problema e propõe uma nova abordagem da existência ou realidade dos objetos no mundo. Partindo de uma valorização dos dados da experiência sensível é pensada uma ciência teorética dos objetos do mundo material.

A metafísica aristotélica entendida e denominada como filosofia primeira ou ciências das causas primeiras tem por objeto a forma ou essência definidora conceitual do objeto. O conhecimento parte da matéria que depende da inteligibilidade de sua essência para a definição de seu conceito e forma.

FIGURA 21 – ARISTÓTELES

FONTE: Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/aristoteles.htm>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Na segunda parte, aprofundaremos algumas questões problemáticas da metafísica aristotélica e a definição atribuída por Aristóteles. Estudaremos as implicações teóricas para o progresso do acesso humano ao conhecimento da natureza ao seu redor e a relevância da originalidade da filosofia aristotélica.

Para Aristóteles, as ciências particulares estudam os objetos materiais, aplicando os princípios formais que definem e descobrem as essências necessárias, que condicionam a existência concreta. Projetam uma hierarquia entre as ciências, na qual a ciência das causas primeiras, que possui a substância como objeto abstrato, é a mais elevada.

Na terceira parte dedicar-nos-emos ao estudo do conceito de substância, sua aplicabilidade e lugar no processo sistemático de conhecimento aristotélico. O ser se apresenta de muitos modos, e Aristóteles precisou esclarecer e delimitar os tipos de modos e formas em que a substância pode se expressar.

Os atributos acidentais não afetam a forma essencial do ser ou substância de algo. Somente as causas necessárias constituem os princípios ordenadores da existência individualizada e diferenciada de um determinado objeto. A metafísica aristotélica, enquanto fundamento último do acesso ao mundo real, possui critérios rigorosos para garantir a eficácia da aplicação dos princípios aos objetos lançados no devir, ou seja, sujeitos à mudança.

Para fundamentar o conhecimento metafísico é necessária a correspondência do ser do objeto com o princípio da identidade, base da ciência e ponto de partida para a definição conceitual. A filosofia com Aristóteles estabelece o campo metafísico como sua parte mais fundamental.

2 ARISTÓTELES

A filosofia aristotélica demarca o início da metafísica enquanto disciplina autônoma dentro da história do pensamento ocidental. Apesar de Parmênides e Platão já terem esboçado o estudo do ser anteriormente, somente com Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) temos uma clara delimitação desta área do conhecimento filosófico. Aristóteles escreveu vários textos ao longo de sua vida. Atribuímos a Andrônico de Rodhes o resgate e organização dos escritos aristotélicos, em especial a obra *Metafísica*, na qual estão recolhidas as principais concepções acerca das questões metafísicas, cujas influências perduraram durante toda a história do pensamento científico.

A metafísica aristotélica implica uma física entendida como ciência teorética do mundo real, em que este é o mundo dos sentidos ou aparências, apresentando sua principal crítica e contraposição à teoria platônica da realidade, que pressupõe o mundo real como exclusivamente inteligível.

FIGURA 22 – ÁGUIA-REAL (NATUREZA)

FONTE: Disponível em: <http://www.aguiareal.com.br/a_tauil_natureza/a_tauil_natureza.htm>. Acesso em: 27 ago. 2013.

A natureza sensível, para Aristóteles, é o objeto da física, ciência que pode chegar ao conhecimento verdadeiro acerca dos fenômenos físicos. Estes, que se movem e mudam no espaço e no tempo, não produzem contradição, são os elementos que existem no mundo dos sentidos e compõem a realidade a que temos acesso. Assim, o conhecimento não seria algo originado exclusivamente na mente inteligível, mas parte originalmente dos dados captados pelos diferentes sentidos humanos acerca do mundo que nos cerca.

Aristóteles denomina a metafísica como filosofia primeira, por ter como objeto a essência dos elementos que existem no mundo das aparências, que possui como função classificar e distinguir os diferentes tipos de entes ou tipos de seres. Esta distinção é feita, sobretudo, pautada nas diferentes mudanças ou transformações que sofrem estes mesmos entes no mundo fenomênico. Para Aristóteles, a mudança determina as aproximações, relações e oposições existentes entre os seres.

A mudança é uma das principais questões na filosofia aristotélica. Através do movimento, ou seja, do devir, podemos entender que existem pelo menos quatro tipos de ser, conforme o maior ou menor grau de movimento. Assim, os seres com vida são seres próprios do devir, surgem com ele e desaparecem com ele. Os seres matemáticos não estão no devir, são formas dos elementos e fenômenos naturais e suas essências são separadas do mundo do devir. Os seres dos astros celestes, que realizam a imutabilidade e a eternidade, também não estão no devir, ou seja, sujeitos a mudanças. Por fim, o ser superior ou divino, que existe independente de todo movimento.

FIGURA 23 – METAMORFOSES

FONTE: Disponível em: <http://paravocemeditar.blogspot.com.br/2010/07/metamorfose.html>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Para cada tipo de ser é atribuída uma ciência teorética específica que tem como função buscar a essência dos elementos que compõem os diferentes tipos de ser na natureza. Porém, há uma ciência que deve tomar como objeto as demais ciências particulares, esta ciência superior se refere ao ser enquanto ser, à essência das essências. A ciência das ciências é a teoria geral das essências, ou seja, nas palavras de Aristóteles, a filosofia primeira.

A filosofia primeira é responsável pela elucidação das causas ou princípios originais do surgimento ou existência das coisas em três instâncias distintas: a primeira delas é a realidade suprema primeira ou primeiro motor imóvel do mundo que provoca o movimento de todos os elementos inferiores em sua direção, atraindo os particulares para a totalidade da perfeição do ser divino.

O primeiro motor imóvel apenas atrai, movimenta os demais seres, por isso é eterno, imutável e perfeito. A segunda instância de conhecimento metafísico são as causas primeiras de cada um dos seres existentes e, por último, a instância das propriedades, dos atributos e das substâncias essenciais ou *ousías* dos seres particulares.

FIGURA 24 – OS SERES HUMANOS E OS OUTROS SERES VIVOS

FONTE: Disponível em: <http://www.joseeduardomattos.com.br/os%20seres%20humanos%20e%20os%20outros%20seres%20vivos.html>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Vemos que Aristóteles estrutura toda a base fundamental da metafísica clássica, provocando as principais críticas à filosofia platônica. Assim, apesar de Aristóteles haver estudado e lecionado na Academia de Platão, tendo sido seu aluno e influenciado na sua filosofia, o pensamento aristotélico se propõe a ser original. Contrapondo-se a Parmênides e Platão no entendimento acerca do mundo sensível do devir, revela toda a problemática que envolve nossa maneira de conhecer o mundo ao nosso redor.

Afinal, o mundo real é o mundo que nos cerca e nos fornece dados sensórios e cognitivos acerca de si mesmo, como define Aristóteles; ou o mundo que vemos é mera ilusão e nossos sentidos realmente nos enganam, como defende a filosofia platônica? Os pilares do conhecimento científico foram fixados com a filosofia aristotélica e a metafísica fundada como relevante área do saber humano.

2.1 A METAFÍSICA ARISTOTÉLICA

Aristóteles define a metafísica como a ciência do "Ser enquanto Ser", atribuindo o significado de ciência das causas primeiras e o sentido de *ousía* ou substância que predetermina todos os outros sentidos de metafísica que podemos encontrar, a substância é primordial. A filosofia primeira é, portanto, a ciência da *ousía*.

Sendo assim, os primeiros princípios postulados por Aristóteles decorrem do "Ser enquanto Ser" caracterizando sua dimensão metafísica e não apenas lógica de existência. A existência é a realidade inteligível dos objetos das ciências, e a ciência das causas primeiras possui existência substancial e formal, pois seu objeto corresponde à substância e às formas essenciais dos seres.

A ciência aristotélica postula o fundamento do conhecimento a partir do objeto próprio de cada uma das ciências, ordenando a posição das causas e princípios, dos primeiros aos últimos. O primeiro princípio é o da identidade correspondente à razão, no qual o ser é realizável. As ciências obedecem à ordem hierárquica a partir da qualificação dos seus objetos particulares.

FIGURA 25 – POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

FONTE: Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/popularizacao-da-ciencia>. Acesso em: 27 ago. 2013.

A metafísica, como ciência mais elevada, possui o objeto mais elevado, ou seja, Deus, o ser primeiro na ordem hierárquica dos seres. Neste sentido, a metafísica aristotélica possui a dimensão teológica. O Ser supremo existe por si mesmo e não depende de nenhum outro ser, Ele é o Ser mais distante dos seres mutáveis e temporais, pois está completamente a salvo na eternidade e imutabilidade universal, que define sua identidade plenamente realizada.

Apenas o Ser supremo possui o ideal de sabedoria ou conhecimento verdadeiro da totalidade, os demais seres caminham em direção ao afastamento da ignorância e aproximação do Ser supremo ou sabedoria superior. Neste sentido, temos identificada uma ambiguidade no pensamento aristotélico, pois se conhecer é conhecer as coisas do mundo fenomênico a partir do acesso às suas substâncias, enquanto seres limitados pela parte sensível, não somos inteiramente inteligíveis como Deus. O conhecimento para o homem se instala ao nível de um projeto, pois a ciência superior na hierarquia das ciências somente alcança sua realização no objeto inteligível, ou seja, na sua própria substância, e apenas o ser superior possui o acesso.

FIGURA 26 – SER SUPERIOR

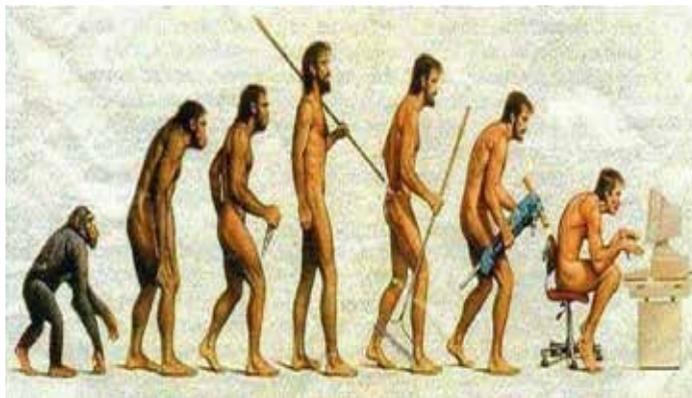
FONTE: Disponível em: <http://www.caminosalser.com/909-nuevatierra/conexion-con-el-ser-superior-poderoso-ejercicio-de-sintesis/>. Acesso em: 28 jul. 2013.

O ponto de partida do conhecimento é a matéria sensível ou os dados dos sentidos, mas o processo de conhecimento visa à aproximação com a perfeição inteligível. Desta maneira, os fenômenos da experiência sensível devem ser elevados ao entendimento inteligível. A razão ordena os dados e os submete à unidade do conhecimento verdadeiro, solucionando suas contradições através da aplicação dos primeiros princípios.

A experiência sensível deve ser superada ou, na melhor das possibilidades, reduzida à inteligibilidade. Assim, a contradição inerente ao mundo sensível da natureza precisa ser submetida ao princípio da identidade, pois a validade da metafísica como filosofia primeira depende fundamentalmente da garantia sustentada pela identidade que justifica a existência ontológica do ser.

A existência do ser é evidente por si mesma, não depende de nada exterior a si mesmo.Apesar da sua necessidade e universalidade, o ser precisa ser afirmado e sua existência legitimada pelo princípio da identidade. O princípio da identidade é fundamental, pois determina a unidade do ser, sua diferenciação dos outros seres e a impossibilidade de sua negação. Aristóteles demonstra que a contradição e a negação são imunes ao conhecimento verdadeiro, metafísico, científico e filosófico. O princípio da identidade pressupõe a permanência do ser ou do movimento inerente ao ser de algo.

Sem o princípio da identidade, o conhecimento é uma criação imaginária oriunda das percepções, sentimentos e impressões baseados em meras crenças ou ficções. Apesar do princípio da identidade não permitir sua demonstração, pois seu objeto é puramente abstrato, sua inexistência invalida qualquer garantia de possibilidade de ciência ou acesso cognitivo ao saber inteligível do mundo fenomênico.

FIGURA 27 – IDENTIDADE HUMANA

FONTE: Disponível em: <http://marcusdeminco.blogspot.com.br/2011/01/o-homem-o-unico-animal.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

O fator mais importante que podemos destacar da decorrência do princípio da identidade é a distinção entre verdade e aparência. Na terminologia aristotélica são denominadas potência e ato, respectivamente. O movimento ou o devir transformam as coisas apenas no sentido da quantidade, em outro sentido o devir permite o acesso às essências, a demonstração dos elementos permanentes que fundamentam a definição pela forma do objeto.

A realidade não se identifica apenas com o mundo natural dos dados sensíveis, o princípio da identidade pressupõe que haja algo fora dos dados sensíveis que os precedam e predeterminem. Assim, a metafísica é necessária com relação à possibilidade de conhecimento dos dados sensíveis da experiência, mas o conhecimento não se limita nestes dados, é dependente de um plano superior de ser que garante sua existência real.

FIGURA 28 – TERRA

FONTE: Disponível em: <http://hypescience.com/nucleo-da-terra-tem-a-capacidade-de-se-regenerar/>. Acesso em: 26 ago. 2013.

Conhecimento para Aristóteles significa definir exatamente o que é uma coisa e o que ela não é, ou seja, sua essência ou substância que a identifica e a diferencia das demais coisas. Neste sentido, a metafísica é o princípio do conhecimento que parte do mundo sensível. Sem a existência necessária dos princípios não haveria como fundamentar a existência do conhecimento sobre algo. O princípio da identidade, por sua vez, garante a validade do plano metafísico.

Porém, o abismo platônico estabelecido entre o mundo sensível e o mundo inteligível precisa ser superado. A filosofia aristotélica demonstra a solução desta questão através do conceito de analogia. Conforme Faria (1986, p. 30-31):

> O conceito de Analogia é por isso um dos primeiros conceitos analisados na Metafísica – é também um destes conceitos-chave, essenciais à construção da "ciência primeira". De fato, a Filosofia Primeira, enquanto saber sobre as causas, pretende transcender o campo da aparência sensível em contínuo vir-a-ser. Por outro lado, Aristóteles reconhece que o primeiro conhecimento que temos do real é dado pela sensação: o conhecimento intelectual, que constitui a Episteme, é uma reflexão e abstração sobre o conhecimento sensível e se lança para muito além de seus limites. O conhecimento do Ser não se identifica ao conhecimento do aparente, mas também não pode prescindir dele. Como é então possível, o que, em última análise, justifica essa vocação da razão humana para lançar-se para além do campo sensível?

A divisão platônica dos mundos foi diretamente influenciada pelas discussões pré-socráticas acerca da direção que a redução própria ao processo do conhecimento deveria realizar. Por exemplo, o pré-socrático Heráclito defendia a realidade integral do vir-a-ser ou devir, admitindo a contradição e o conhecimento sensível, em contraposição a Parmênides, que, como vimos no tópico anterior, defende a realidade exclusivamente do ser. O não-ser para Parmênides é o impensável e indizível.

FIGURA 29 – ANALOGIA

FONTE: Disponível em: <http://pibid-filosofia-ufrrj.blogspot.com.br/2011/02/mentira-em-debate.html>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Como ultrapassar a barreira entre ser e não-ser, entre a verdade e a aparência ou entre os sentidos e a mente inteligente? Para responder a esta questão, Aristóteles formula o conceito de analogia, legitimando a passagem de um ao outro extremo.

Assim, apesar da divisão ontológica entre as substâncias que definem os dois mundos, não permitir a identificação de um com o outro permite ainda identificar um certo grau de parentesco ou uma referência comum que os une. Para Aristóteles, o Ser é dito de diversos modos, por analogia, e consequentemente aplicável de diferentes modos às coisas. Apenas o Ser supremo não deve ser analisado, por Ser Ele mesmo o que É, revelando uma tautologia em princípio, invalidando a legitimidade de tal conhecimento.

O Ser somente pode ser afirmado enquanto ente, concreto, real e individualmente diferenciado dos demais entes. O princípio da identidade, por sua essência incondicionado, condiciona a identidade individual e a afirmação deste ente na realidade. A metafísica é a ciência das ciências que toma o mundo dos dados sensíveis e contraditórios para encontrar nestes as substâncias universais e necessárias.

2.2 O FUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS PARTICULARES

O objeto do conhecimento das ciências particulares se refere às substâncias sensíveis. Esta afirmação constitui o sentido de uma crítica à teoria da reminiscência platônica, já que fundamenta a origem do conhecimento nos dados da experiência sensível e não no mundo das essências. Para Aristóteles, as ciências particulares são a física, a psicologia, a biologia etc., que possuem por objeto causas particulares.

As ciências participam da ordenação hierárquica entre os graus ou níveis da substância conforme seu objeto. Estão mais próximas da matéria sensível e suas mudanças e são responsáveis por definir os conceitos a partir das substâncias que acessam através da aplicação do princípio da identidade, fundamentalmente.

As ciências particulares, segundo Aristóteles, estão no limite dos elementos materiais constitutivos do mundo natural (*physis*) e, ao mesmo tempo, em sua essência se realizam ao ultrapassar os dados sensíveis e encontrar as causas e os princípios formais que definem o conceito da matéria. Para além da natureza existe uma ordem eterna, imutável e universal que a determina e organiza necessariamente, garantindo sua realidade ou existência ontológica.

FIGURA 30 – CIÊNCIAS

FONTE: Disponível em: <http://unieducar.org.br/catalogo/curso-gratis/didatica-das-ciencias-naturais-modulo-introdutorio-gratuito>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Neste sentido, a matéria enquanto objeto das ciências particulares é um desafio ao conhecimento verdadeiro, é preciso lhe conferir inteligibilidade, para superar as contradições dos dados sensíveis. O esforço das ciências é em romper a multiplicidade caótica de dados sensíveis e acessar a causa primordial que atribui a identidade ao ser e predetermina sua ordem necessária, através da análise metafísica das substâncias dos seres, em que cada categoria corresponde a uma ciência particular.

Portanto, as ciências particulares possuem uma dupla ligação, por um lado, com a experiência e, por outro, com o conceito. O lado ligado ao conceito remete à ciência das causas primeiras, isto é, à metafísica enquanto discurso lógico que representa por razões a ordem necessária das coisas. O papel da metafísica na história do pensamento ocidental foi estabelecido, e as ciências se desenvolveram até os dias atuais com o horizonte de conhecimento da problemática das questões próprias da metafísica.

3 AS SUBSTÂNCIAS E SEUS ATRIBUTOS

Vimos anteriormente que o objeto da metafísica é o Ser entendido como substância, mas o ser pode apresentar diferentes sentidos, ou seja, pode ser dito de muitos modos. A originalidade da concepção de metafísica aristotélica reside justamente na definição que Aristóteles atribuiu ao ser, como substância em primeiro lugar. Para não confundir com as outras categorias, Aristóteles precisa afastá-las, inicia afirmando que o ser não possui o sentido das demais categorias.

FIGURA 31 – EFEITOS ESPECIAIS

FONTE: Disponível em: <http://salazero.blogspot.com.br/2011/08/efeitos-especiais-marcantes-do-cinema.html>. Acesso em: 27 ago. 2013.

A substância é entendida como a essência mesma das coisas materiais, diferenciadas individualmente e predeterminadas por princípios fundamentais. Porém, mesmo definindo o sentido primeiro de ser como categoria que não é atributo de nenhum outro ser que ela mesma, próprio do objeto da metafísica, as outras categorias secundárias precisam ser analisadas, sendo o conceito de ser o mais extenso de todos os conceitos, pois é aquele que se aplica ao maior número de indivíduos.

O ser é analisado no pensamento aristotélico de modo a abstrair todas as possibilidades de relação acidentais até sobrar somente o que lhe é próprio, sua substância ou essência, tudo que for relativo deve ser afastado para implicar o alcance inteligível da sua ordem necessária. Assim, a metafísica aristotélica define uma ruptura interna que afirma a distinção elementar entre o acidente e a essência ao nível das categorias substanciais.

As categorias são atributos do ser que definem o modo de ser dos indivíduos, assim, podemos analisar as qualidades, quantidades, relações, ações e reações com os outros seres individuais, posição no espaço e no tempo e se é afetado pelos outros seres. Através das categorias podemos entender como é o ser, para saber qual sua determinação precisamos investigar se corresponde a uma substância individual ou a uma substância como espécie e gênero.

O acidente é a categoria que pode ser dita de um objeto, mas é também o aspecto que deve ser afastado da análise filosófico-científica rigorosa, por não apresentar necessidade ou permanência. O ser por acidente de um objeto não permite a submissão ao princípio da identidade, invalida o conhecimento por excelência, mas não deixa de ser uma forma de acessar o conhecimento do ser.

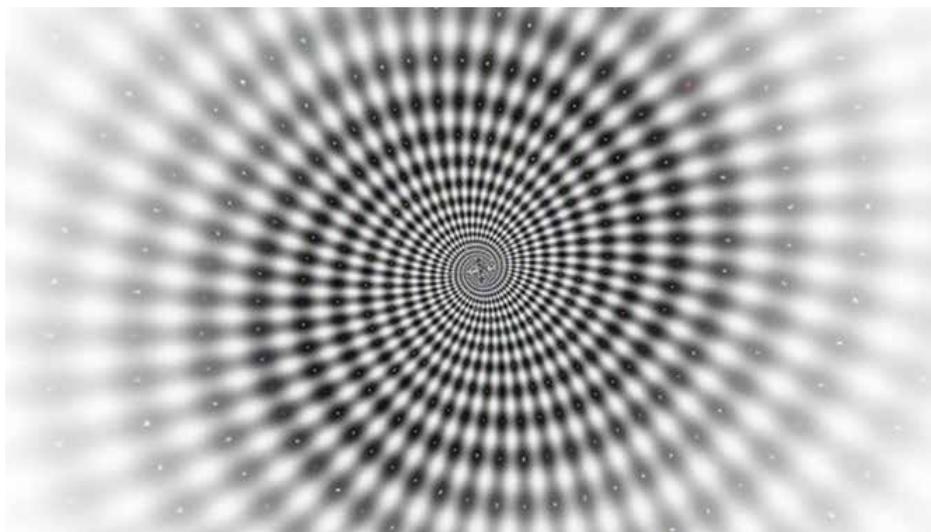
As categorias do ser são distinguidas em acidental e essencial, o acidental não pode ser conhecido de modo conceitual, apenas o ser por essência de um objeto pode ser apreendido através da razão ordenadora. A essência é a própria substância do ser, forma ou modelo da ordem necessária de existência de um objeto, individualizando cada ser a partir de sua ordem ou princípio ordenador, necessário para fundamentar sua identidade e diferenciação na dinâmica em movimento da realidade.

FIGURA 32 – NATUREZA

FONTE: Disponível em: <http://viverdeeco.com/2010/05/04/estudo-5-minutos-em-contato-com-natureza-melhoram-saude-mental/>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Os seres são apreendidos pelas categorias, definidas pelos gêneros de ser, assim, a substância é a primeira das categorias. Os atributos de uma substância são as relações, ações, qualidades, tempo e lugar, entre outros; são, portanto, contingentes e sem nenhuma necessidade para a existência do ser. A filosofia primeira não depende dos atributos do ser para acessar a substância e identificar o conceito geral de determinado ser, pois ela busca pela forma do ser, pelo modelo ou essência do ser, e os atributos não participam das formas necessárias.

O acidente é excluído da metafísica como filosofia primeira, porque se constitui do acaso, ilógico, sem causa e sem sentido, ele basicamente não possui existência na realidade. Os atributos acidentais de um ser não influem em sua constituição, são efêmeros e devem ser abandonados, pertencem ao tempo analógico do ser em oposição ao tempo eterno das formas.

FIGURA 33 – PENSAMENTO

FONTE: Disponível em: <http://oglobo.globo.com/emprego/novas-formas-de-pensar-8502575>. Acesso em: 27 ago. 2013.

A substância pode ter dois sentidos diferentes, um sentido como indivíduo e outro sentido como universal. Aristóteles define o primeiro sentido da substância como um ser individual existente, o segundo sentido como ser geral ou universal. O segundo sentido da substância só existe através do primeiro, dos indivíduos, pois são abstrações destes mesmos indivíduos quanto à sua espécie, gênero, enfim os elementos formais em comum só existem aplicados aos indivíduos.

FIGURA 34 – INTEGRAÇÃO E NATUREZA

FONTE: Disponível: <http://www.imagensgratis.com.br/imagens-de-natureza>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Esta concepção da realidade das substâncias individuais é parte de uma crítica ao dualismo platônico. Para Aristóteles, a realidade é composta de forma (*eidos*) e matéria (*hyle*). Neste sentido, os atributos não constituem nenhuma identidade, por serem apenas características do indivíduo e não possuírem nenhuma forma ou necessidade formal. O dualismo platônico precisa ser reformulado, pois, para Aristóteles, houve uma série de confusões com os conceitos que produziram as principais noções platônicas. A principal delas é com o próprio verbo ser (*einai*) e seus usos, podemos usar o verbo para atribuir um predicado como uma qualidade do objeto ou ainda usá-lo para identificar um objeto.

Para salvaguardar sua filosofia destes mesmos enganos, Aristóteles pretende solucionar a questão pré-socrática acerca do monismo e do atomismo, ou seja, entre aqueles que defendem a unicidade e a eternidade como fundamento do conhecimento da natureza e aqueles que, por outro lado, defendem o movimento e a mudança. Com o problema do ser enquanto ser e da causalidade, vemos uma tentativa aristotélica de superação das questões problemáticas entre a antiga separação das essências e dos objetos.

Aristóteles distingue três usos principais do verbo ser: uso atributivo, por exemplo: Platão é filósofo; uso afirmativo: Platão existe; e o uso de identificação ou diferenciação que afirma a identidade: Platão é Platão, Platão não é Aristóteles, Platão não é Sócrates etc.

Para tornar mais clara e evitar a confusão conceitual acerca do problema do ser, Aristóteles postula mais três importantes distinções do ser: essência e acidente, necessidade e contingência e, por último, ato e potência. Já estudamos as diferenças entre a essência e o acidente, ou seja, entre a forma imutável e a mudança; também vimos as principais diferenças entre a necessidade e a contingência ou acaso, isto é, entre o princípio ordenador e as mudanças variáveis; por fim, na mesma direção estudamos as diferenças entre ato e potência, ou seja, entre o objeto material no devir e a forma que o predetermina.

Aristóteles formula, ainda para esclarecer as distinções do ser, a Teoria das Quatro Causas, que buscam definir os tipos de princípios causais encontrados na dimensão conceitual do ser. A primeira das causas é a causa formal que pergunta pelo ser da coisa. A segunda é a causa material que pergunta pela matéria individual de determinado ser. A terceira é a causa eficiente que pergunta pela causa anterior que provocou a mudança da coisa, ou seja, o porquê da coisa. A quarta causa é a causa final com um horizonte teleológico, pergunta pela finalidade, propósito ou o para quê da coisa.

O conhecimento é para Aristóteles uma implicação metafísica que deve partir das sensações, de prazer, de bem ou bom, mas estas não possuem duração no tempo, logo é preciso o exercício da memória para conservá-las no tempo. O processo de memorização das sensações constitui a experiência capaz de estabelecer relações, associações e conclusões entre os dados fornecidos pelas sensações.

FIGURA 35 – EXPERIÊNCIA SENSORIAL

FONTE: Disponível em: <http://agenda21guarapiranga.wordpress.com/>. Acesso em: 28 ago. 2013.

A repetição das experiências conduz ao aprimoramento do conhecimento, constituindo a técnica (*téchne*) ou arte de saber experimentar. A técnica é o conhecimento prático capaz de obter certos resultados, é a experiência que pode ser refletida, apreendida e ensinada, é o saber como, por que e para que se faz ou produz alguma ação ou efeito. Do desenvolvimento da técnica alcançamos a ciência (*episteme*) ou a teoria acerca de algo, livre de finalidades ou interesses práticos. A ciência é etapa superior que se caracteriza por ser o conhecimento do real através de princípios e definições formais.

FIGURA 36 – AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

FONTE: Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-na-agricultura-veja-a-sua-importancia/>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Apesar de Aristóteles não abandonar a concepção antiga de superioridade da inteligibilidade sobre o conjunto de corpos naturais que afetam nossos sentidos, ele inova ao valorizar a dimensão material afirmando que a existência real é a sensível ou aquela voltada para os dados fornecidos pela natureza ao nosso redor. Assim, o saber se volta para a existência material como fonte privilegiada de hipóteses e descobertas conceituais que permitirão acessar a forma da rede causal que ordena os indivíduos materiais e interferir, conforme a necessidade humana, no seu rumo.

Concluímos a cadeia hierárquica composta entre os níveis de conhecimento proposta por Aristóteles, desde a base fundamental no mundo da matéria até seu topo e refinamento na ciência das causas primeiras ou metafísica. Observamos que o pensamento aristotélico procura superar Platão reunindo num composto as duas dimensões da existência, a material e a formal, ou na terminologia platônica, a aparência e a essência.

Para garantir a estrutura lógica e epistêmica deste processo sistemático, Aristóteles projeta um direcionamento que parte do concreto para o abstrato. O primeiro é definido pelo segundo e este apenas possui existência no primeiro, compondo um sistema de etapas que conduzem o indivíduo humano para a sabedoria filosófica e científica, na qual o plano metafísico é o último grau.

LEITURA COMPLEMENTAR

METAFÍSICA

Aristóteles
Livro XII
Tradução de Lucas Angioni

Capítulo 1

[1069a 18] Este estudo é sobre a essência: procuram-se os princípios e as causas das essências. De fato, se tudo existe como um certo todo, a essência é a parte principal; se tudo existe em sequência, também assim a essência é o primeiro, em seguida, o *de certa qualidade*, depois, o *de certa quantidade*. Ao mesmo tempo, estes últimos, por assim dizer, nem sequer são entes sem mais, mas qualidades e movimentos, ou, do contrário, também seriam entes sem mais o não-branco e o não-retilíneo, pois, certamente, dizemos que tais coisas são, por exemplo, "é não-branco". Além disso, nenhum dos demais entes é separado. Também os antigos o testemunham, de fato: procuravam os princípios, os elementos e as causas da essência.

[1069a 26] Os de agora propõem como mais essência os universais (de fato, os gêneros são universais, os quais dizem que são mais essência e que são princípios, porque procuram estes últimos através do discurso); os de antanho propõem como essência as coisas particulares, como fogo, terra, mas não o que é comum, o corpo.

[1069a 30] São três as essências: uma é sensível – desta, uma é eterna, outra, perecível, a qual todos admitem, por exemplo, as plantas e os animais – cujos elementos é necessário apreender se são um só ou muitos. Outra essência é não-suscetível de movimento, e esta, alguns dizem que existe separadamente, uns, dividindo-a em duas, outros, considerando as Formas e as coisas matemáticas como uma única natureza, outros, enfim, considerando apenas as coisas matemáticas. Aquelas competem à ciência da natureza (pois se dão com o movimento), mas esta compete à outra, dado que nenhum princípio lhes é comum.

[1069b 3] A essência sensível é suscetível de mudança. Dado que a mudança procede de opostos ou intermediários, e não de quaisquer opostos (pois a voz é não-branca), mas do que é contrário, necessariamente existe algo que muda para os contrários, pois não são os contrários que mudam.

Capítulo 2

[1069b 7] Além do mais, isso subsiste, mas aquilo que é contrário não subsiste; portanto, há uma terceira coisa, além dos contrários: a matéria. Dado que as mudanças são quatro, ou segundo o "algo", ou de qualidade, ou de quantidade ou de lugar – geração e corrupção, sem mais, são a mudança segundo o "isto"; crescimento e definhamento, a mudança de quantidade; alteração, a

mudança de característica, e locomoção, a mudança de lugar – as mudanças se dão nessas contrariedades particulares. Assim, necessariamente, é a matéria que muda, sendo capaz de ser ambos os contrários. Dado que "ente" comporta dois modos, tudo muda desde algo que é em potência para algo que é efetivamente (por exemplo: desde o que é branco em potência para o que é efetivamente branco; semelhantemente também no crescimento e no definhamento). Por conseguinte, não apenas é possível que algo venha a ser a partir do não-ente por concomitância, mas também é verdade que tudo vem a ser a partir do ente, ou seja, a partir de algo que é em potência, mas que não é efetivamente. E é isso que é o Um de Anaxágoras, pois, melhor que "tudo junto" – melhor que a mistura de Empédocles e de Anaximandro, melhor que como Demócrito afirma – seria dizer que "tudo estava junto em potência, mas não efetivamente". Por conseguinte, alcançaram a matéria. Todas as coisas que sofrem mudança têm matéria, mas de tipos diversos: há matéria até mesmo das coisas eternas que, embora sejam suscetíveis de locomoção, não são suscetíveis de geração, não, porém, uma matéria suscetível à geração, mas uma matéria "de algum lugar para algum lugar".

[1069b 26] Alguém poderia indagar: de que tipo de não-ente procede o vir a ser? De fato, "não-ente" comporta três modos. Dado que há algo em potência, não procede de qualquer não-ente, mas, a partir de um não-ente distinto, é um ente distinto que vem a ser. Não é suficiente dizer "todas as coisas juntas". Elas são diferentes pela matéria, pois por que haveriam de se tornar infinitas, mas não uma só? A Inteligência é uma só, de modo que, se também a matéria fosse uma só, surgiria efetivamente tal e tal coisa, que a matéria era em potência.

[1069b 32] Portanto, são três as causas e três os princípios: a contrariedade são dois (dos quais um é a determinação e a forma, outro, a privação), e o terceiro é a matéria.

FONTE: ARISTÓTELES. Metafísica. Livro XII. Tradução Lucas Angioni. Disponível em: <http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/LucasAngioni-Traducao.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

RESUMO DO TÓPICO 2

- A metafísica é a problemática norteadora da filosofia na Grécia antiga, desde Parmênides, passamos por Sócrates, Platão e chegamos a Aristóteles. A obra aristotélica é a mais extensa e fora escrita ao longo dos anos de seus estudos com seu mestre Platão e posteriormente durante suas reflexões acerca de seus próprios pensamentos quando chegou a mestre. A história da corrente do pensamento ocidental é fundamentada pela originalidade da abordagem acerca das condições e possibilidades do acesso epistêmico à realidade demarcadas pela filosofia aristotélica. Na perspectiva de Aristóteles a realidade é um composto formado de matéria e forma, neste sentido, ele pode ser considerado o avô da ciência moderna, pois atribui ênfase e valor aos dados da experiência sensível humana. A ciência, pela primeira vez, é delimitada e definido o seu objeto em relação com a estrutura epistêmica da existência que demonstra a obra aristotélica. A posição das ciências particulares e a supremacia da filosofia primeira são justificadas e podem ser reconhecidas através de sua efetividade. A metafísica aristotélica é o marco da investigação acerca do conhecimento humano, recebeu fortes influências da tradição que apenas se iniciava e tentou superar seus antecessores deixando um legado que sobrevive até os dias atuais em suas questões ontológicas e existenciais. A partir da filosofia aristotélica a metafísica se tornou o campo filosófico mais fértil de debates e discussões, envolvendo, enquanto posição de fundamento primordial, todos os demais campos.

AUTOATIVIDADE

1 Explique o que é a metafísica aristotélica.

2 O que é o conhecimento para Aristóteles?

3 Defina a relação entre as ciências particulares e seus objetos.

4 Quais são as quatro causas da ordenação da matéria, conforme o pensamento aristotélico?

5 Defina o processo do conhecimento, segundo Aristóteles.

RELAÇÕES ENTRE AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES METAFÍSICAS

1 INTRODUÇÃO

Veremos, neste terceiro e último tópico, quais os principais desdobramentos das repercussões da filosofia grega antiga na Idade Medieval que prepararam a fundamentação da lógica e da ontologia modernas. Iniciaremos pelo estudo do caráter teológico na metafísica aristotélica, passaremos ao entendimento das determinações do ser e, por fim, concluiremos com um esboço da argumentação que envolveu a disputa entre realismo e nominalismo.

A metafísica é a filosofia primeira, segundo Aristóteles, neste sentido o objeto da metafísica ou do intelecto superior é da mesma maneira superior. O ser mais superior que atinge a perfeição divina é Deus, mas, para Aristóteles, Ele é entendido como primeiro motor imóvel, ou seja, a causa final de todas as coisas ou Aquele que tudo move para si, devido ao seu poder de atração extremo.

Essa concepção aristotélica é herdada, com readaptações, do mestre Platão, que em sua teoria das essências já pressupunha a existência de um mundo superior, divino, ideal, universal, eterno e imutável. Em outro sentido histórico, a metafísica teológica aristotélica influenciou profundamente a teologia tomista cristã na Idade Medieval.

FIGURA 37 – A ACADEMIA DE PLATÃO

FONTE: Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/academia/introducao.htm>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Porém, a metafísica aristotélica não se resume a uma mera teologia, pois o fundamento da filosofia é a razão ou o intelecto racional que não admite como conhecimento os dogmas ou mitos religiosos. Desta abordagem nasce o redirecionamento do entendimento acerca da metafísica, posta, então, como o estudo das determinações do ser, ou seja, como uma ontologia.

As determinações do ser são o objeto da filosofia primeira que perde seu caráter hierarquizante e coloca todas as substâncias sob o mesmo grau de valor, destituindo Deus de substância superior ou mais pura que qualquer outra substância. A metafísica aristotélica volta-se então para a existência dos entes nas suas realidades naturais, afirmando a existência do universal nas coisas concretas.

As questões levantadas por Parmênides, Platão e Aristóteles acerca da metafísica enquanto ciência ou filosofia levaram aos debates e disputas que influenciaram toda a modernidade. Entre eles destacamos o debate entre o realismo e o nominalismo, ou seja, a importante disputa dos universais. A disputa consistia basicamente em atribuir ou não existência às palavras ou conceitos e quais suas relações com as coisas que se ligavam. Para os realistas os conceitos existem por si mesmos, para os nominalistas os conceitos são convenções e não possuem existência própria.

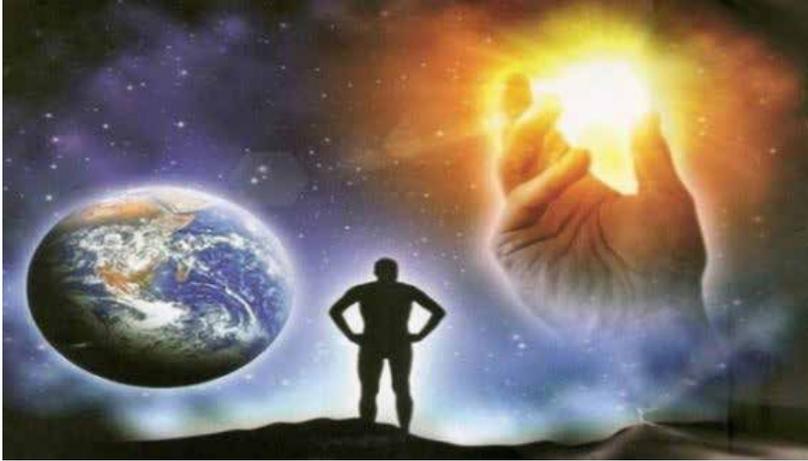
Concluímos abordando as mais significativas expressões da metafísica grega antiga, investigando os elementos que constituíram o início das questões metafísicas, suas origens, desdobramentos, implicações e influências deixadas na história do pensamento ocidental. A metafísica é intrinsecamente conectada com a filosofia e com a ciência na busca humana de conhecer a realidade do mundo.

2 METAFÍSICA TEOLÓGICA

As primeiras questões metafísicas foram introduzidas pelos debates entre os pré-socráticos, especialmente o pensamento de Parmênides determinou uma base justificável para o conhecimento da natureza. A via do ser afirmava a identidade daquilo que é e não pode não ser, mas esta concepção apresenta o seguinte problema: não há necessidade de conhecimento, pois tudo o que é já foi dito e o que não foi dito é porque não é.

Para solucionar esse impasse ou imobilização da verdade, os sofistas se inclinam completamente para o lado oposto e postulam como verdadeira a linguagem dialética entre o ser e o não-ser, admitindo ambos no rol do processo do conhecimento das coisas do mundo ao nosso redor. Porém, esta abordagem relativiza ao extremo o conhecimento, reduzindo-o a meras opiniões e pontos de vista de diferentes ângulos humanos. O caráter de necessidade ou profundidade perde o valor para a utilidade e o interesse pessoal acerca das vantagens do conhecimento.

Posteriormente, Platão emprega os ensinamentos socráticos para definir um plano superior que serve de fundamento para a verdade das coisas, nele participam todas as ideias e formas. O mundo superior das ideias é considerado o mundo real na filosofia platônica. O seu oposto, ou seja, o mundo das aparências, é apenas uma cópia imperfeita do mundo ideal modelo.

FIGURA 38 – MUNDO IDEAL

FONTE: Disponível em: <http://marcelomiurafilhodaluz.blogspot.com.br/2011/05/mundo-ideal.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

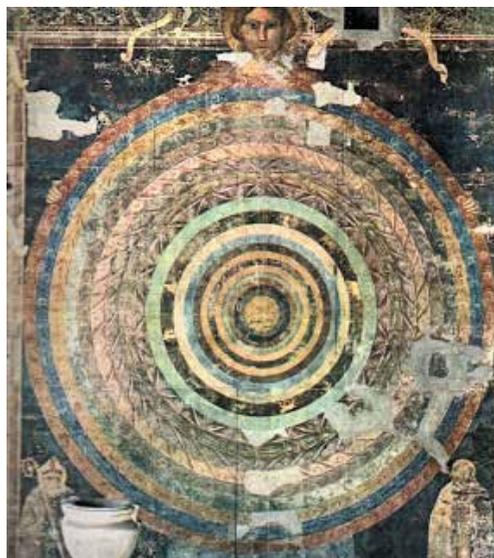
Aristóteles conservou a concepção platônica de um plano ideal e universal que serviria para fundamentar a realidade do conhecimento do mundo. No entanto, a metafísica aristotélica projeta superar a barreira platônica entre os dois mundos e critica a divisão postulada entre verdade e ilusão. Para Aristóteles, o mundo real é o mundo da matéria, o ser deve ser tomado pela razão como ser enquanto ser, diferentemente de Platão, que via o ser enquanto verdadeiro em contraposição ao não-ser que constitui o mundo da ilusão.

Assim, a filosofia primeira ou ciência universal aristotélica estabelece os princípios e os objetos das ciências particulares, definidas como sendo basicamente de três tipos: teológica, matemática e física. A primeira aborda o ser enquanto universal, a segunda enquanto universalização dos dados da natureza e a terceira aborda a matéria concreta constituinte do mundo real.

Aristóteles estabelece com esta reformulação teórica uma "ontoteologia", ou seja, uma metafísica teológica, em que Deus, como ser superior ou primeiro motor imóvel, aparece como objeto primordial da filosofia primeira. Conforme Abbagnano (2007, p. 767):

> O conceito de Metafísica como teologia consiste em reconhecer como objeto da Metafísica o ser mais elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo. O privilégio de prioridade atribuído à Metafísica decorre, neste caso, do caráter privilegiado do ser que é seu objeto: é o ser superior a todos e do qual todos os outros provêm.
> [...]
> Com base nisso, o objeto da Metafísica é propriamente o divino, e a prioridade da Metafísica consiste na prioridade que o ser divino tem sobre todas as outras formas ou modos de ser. Desse ponto de vista, as ciências se hierarquizam segundo a excelência e perfeição de seus respectivos objetos, e a excelência e perfeição de tais objetos são medidas no confronto entre eles e o ser divino.

Deus, segundo Aristóteles, é o ato puro e todas as demais coisas se voltam na sua direção. O movimento, como estrutura interna do mundo real, é a passagem da potência ao ato, ou seja, do conceito à sua realização material. No entanto, o conceito de Deus aristotélico não é semelhante ao Deus cristão, apesar de ter influenciado profundamente o debate acerca da existência de Deus na Idade Medieval. A atração que Deus provoca é o Amor que provoca o desejo necessário de voltar-se para a perfeição e plenitude divina, mas este Amor está longe do Amor cristão, pois Deus não ama, Ele já é autocontemplativo, ou seja, basta-se a si mesmo.

FIGURA 39 – PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL

FONTE: Disponível em: <http://oleniski.blogspot.com.br/2013/07/aristoteles-aquino-e-demonstracao-do_17.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Portanto, notamos que tanto Platão quanto Aristóteles afirmam a existência de um ser superior ou um ser divino que predetermina os demais seres inferiores, sem, no entanto, afirmarem um horizonte teológico em seus pensamentos, pois o fundamento platônico é a razão, em que o racional é o real, e o fundamento aristotélico é o ser composto de forma e matéria. Platão e Aristóteles propuseram

as bases das primeiras questões metafísicas que influenciaram os debates nos círculos intelectuais interessados na problemática acerca de Deus na Idade Média, a partir das discussões entre os padres filósofos.

As influências mais diretas foram exercidas pelas escolas neoplatonista, estoicista e gnosticista, herdeiras das filosofias platônica e aristotélica. Mas a influência direta dos textos de Platão e Aristóteles somente se realizou com a tradução dos textos gregos originais, e este fato aconteceu apenas após a tradução árabe de Al-Farabi, Avicena e Averróis, posteriormente comentados pelos filósofos judeus Maimônides e Filon de Alexandria.

Antes, os neoplatônicos influenciaram as concepções teológicas cristãs ao agregarem ao par de mundos de Platão um terceiro, espiritual, este que, distinto dos demais, abrigava uma realidade suprema independente e inalcançável ao intelecto humano. Enquanto o Uno emana sua luz aos outros mundos, o mais próximo é o das ideias e recebe diretamente, o mais distante é o das aparências.

Podemos considerar que a teologia cristã manteve alguns pontos e readaptou outros oriundos da visão neoplatonista. Assim, permaneceu a dimensão espiritual, a concepção de Ser superior Uno, a tríade das realidades renomeadas de Pai, Espírito Santo e Filho, a concepção de inteligências imateriais como os anjos e a afirmação de que o intelecto não é capaz de alcançar a dimensão divina, mas somente a alma humana. A ideia de emanação foi readaptada e gerou a concepção de criação das coisas materiais, assim como a incapacidade humana de acessar Deus gerou a ideia da necessidade de uma graça divina, vinda de Deus como mistério sagrado.

FIGURA 40 – GRAÇA DIVINA

FONTE: Disponível em: <http://aartedeamar.blogspot.com.br/2008_07_01_archive.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Para os estoicos existia uma Razão Universal que é a própria natureza que governa todos os planos da realidade, os humanos participam deste plano racional através do seu próprio intelecto e vontade, apesar de serem atraídos pelos desejos instintivos. A Razão Universal fornece um plano para regência harmoniosa com a natureza, este plano é denominado Providência. Para estar em harmonia com este plano é necessário o intelecto e a ação moral humana atuando juntos na aceitação da Providência através do esforço em negar os instintos e dominar os desejos.

Desta maneira, a teologia cristã manteve a ideia de uma Providência divina que depende do esforço e renúncia humana aos prazeres e a atividade sempre orientada pela ação no controle dos desejos, acrescentando ainda que não somente a razão, mas também a fé colabora no domínio de si mesmo.

O dualismo metafísico gnóstico dividia a realidade a partir de dois princípios fundamentais: O Bem e o Mal. A dimensão material do corpo correspondia ao mal, pois é corruptível e instintiva, a dimensão intelectual correspondia ao Bem, pois é o caminho do conhecimento e do controle do mal expresso pelo corpo. A teologia cristã condenou o gnosticismo, porém manteve duas concepções importantes para sua estrutura dogmática, a ideia de que o Mal existe e que esta existência acontece no corpo, que deve, assim, ser a porta de entrada do mal no mundo.

Concluímos que a filosofia aristotélica abriu o caminho para as concepções acerca do divino, que serão abordadas pelos filósofos da Idade Média, pois já traz em si mesma a necessidade de um fundamento último para a realidade, ou seja, um primeiro motor imóvel entendido como puro ato que tudo atrai, definido como a causa final de todos os seres. A teologia posterior pensará a existência divina como dimensão pura, universal, necessária e perfeita que condiciona toda a realidade. Nosso acesso à realidade e nossa existência no mundo são dependentes das relações com este plano divino.

3 A METAFÍSICA E AS DETERMINAÇÕES DO SER

Vimos anteriormente que a filosofia aristotélica pode ter um fundo teológico ao expressar uma continuidade com a filosofia platônica no sentido de afirmar uma realidade superior. Porém, o intuito dos filósofos gregos clássicos não era produzir teoria acerca de Deus para fundamentar uma religião. Contrariamente ao sistema religioso de explicação do mundo, a filosofia com sua estrutura própria de saber, baseada na razão humana e universal, se aproxima muito delicadamente da visão teológica do mundo religioso.

Tão logo Aristóteles percebeu que seu pensamento encontrava limites na base fundamental divina, procurou recuperar e redirecionar suas análises filosóficas e metafísicas ao problema do ser em suas determinações, afirmando a metafísica no seu sistema filosófico como teoria das substâncias, ou seja, como uma ontologia que estuda as principais determinações do ser.

As determinações do ser são as suas características necessárias, todos os seres particulares possuem determinações. Estes seres são os objetos das ciências particulares, acima destas existe uma ciência cujo objeto é composto pelas determinações do ser. A ciência das determinações do ser é a ontologia que condiciona todas as outras ciências, pois seu princípio de identidade fundamenta todos os outros princípios.

FIGURA 41 – ONTOLOGIA

FONTE: Disponível em: <http://cosmoseconsciencia.blogspot.com.br/2011/08/scientiarum-historia-iv-ontologia.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

A metafísica definida como ontologia ou estudo das determinações do ser se estrutura apoiando-se no fortalecimento de uma teoria das essências, teoria do ser predicativo e teoria do ser existencial. Aristóteles parte fundamentalmente do princípio da não contradição, ou seja, uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, como, por exemplo, um cão não pode não ser um cão; é necessário que seja um cão e nada mais, implicando o reconhecimento lógico da realidade existencial do cão.

Sem o reconhecimento ontológico da substância o conhecimento se torna instável e relativo, até perder completamente seu sentido e expressar qualquer coisa sem significado. Assim, a substância não é mais entendida como Ser superior ou Deus, mas, ao contrário, a substância de Deus tem o mesmo grau da substância de um gatinho; destituindo desta maneira a hierarquia entre as ciências.

O filósofo ou cientista que se dedique ao conhecimento das substâncias, seja qual for a sua ciência, daquela com o objeto mais simples e sensível até aquela com o objeto mais abstrato e permanente, possui o mesmo *status* epistêmico, pois não há diferenciação de valor entre as substâncias. Assim, não é o objeto da metafísica superior aos demais objetos das demais ciências, a metafísica continua posta no lugar mais fundamental somente por expressar o entendimento acerca das determinações do ser, sejam elas fundamentais ou específicas.

A metafísica ontológica se diferencia da metafísica teológica justamente por não supervalorizar o seu objeto e proporcionar que todas as outras ciências possam raciocinar acerca de seus objetos: o movimento como objeto da física ou a quantidade como objeto da matemática. A antecedência da metafísica é justificada pela sua afirmação ontológica que pressupõe a fundamentação lógica através dos princípios da não contradição, da identidade e da causalidade.

FIGURA 42 – TEOLOGIA

FONTE: Disponível em: <http://teologiaegraca.blogspot.com.br/2012/09/fides-et-ratio-fe-e-razao.html>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Na Idade Média, São Tomás de Aquino, ao retomar os pensamentos aristotélicos, interpreta Deus como necessário e não concorda com Aristóteles acerca da sua teoria das substâncias, não aprova que Deus seja mais uma substância entre as demais substâncias. Para São Tomás, a existência e a essência de Deus são inseparáveis. Este, enquanto ser superior incriado e criador de tudo, é completamente distinto das suas criaturas, que possuem suas existências separadas de suas essências.

A teologia demonstra uma prioridade de valor, baseada no esforço e escolhas humanas, e a ontologia demonstra uma prioridade lógica, baseada nos princípios fundamentais da existência. Apesar de a filosofia aristotélica lançar a questão ontológica no campo recém-criado da metafísica, somente no século XII,

com Jacobus Thomasius, a ontologia será afirmada como uma forma de metafísica que possui o ente em geral como objeto. A partir de então a ontologia foi emancipada da metafísica e da teologia, tornando-se um campo do saber filosófico.

Posteriormente, outros filósofos, como Wolff, se dedicaram a investigar e elucidar os enganos da mistura entre teologia e ontologia própria do contexto histórico religioso do período medieval. Assim, para Wolff a ontologia é uma ciência demonstrativa, descritiva e empírica, cujo objeto são as determinações do ente.

Portanto, a metafísica assume diferentes direcionamentos, primeiro no caminho da teologia e depois no caminho da ontologia, como superação dos impasses fabricados pelo fundamento divino da realidade. A metafísica entendida como ontologia ou estudo científico das determinações do ser e posteriormente do ente é a corrente que sobreviverá na modernidade. A ontologia teve um papel fundamental na estruturação moderna da ciência, como mediadora entre os dados da experiência e os princípios lógicos e ontológicos da existência.

4 O REALISMO E O NOMINALISMO METAFÍSICO

As questões metafísicas refletiram no desenvolvimento de toda a corrente de pensamento ocidental, desde as ciências empíricas até as ontologias e teorias do conhecimento. Entre seus mais importantes legados, podemos considerar a questão acerca do Universal como uma parte especial. Durante a Idade Média, precisamente na época da escolástica (século XI a XIV) posterior à patrística (séculos I a V d. C.), vemos crescer o interesse pela filosofia grega e, assim, uma retomada do problema platônico aristotélico da existência do Universal.

Os filósofos da Grécia antiga postularam definições próprias acerca do que é o Universal. Para Platão, o Universal é o Ideal e possui realidade racional; para Aristóteles, o Universal também é real e possui existência através da matéria na natureza. Assim, podemos dizer que ambos concordam com a existência real do Universal, seja de modo abstrato ou de modo concreto.

O realismo como modo de pensamento somente foi designado como corrente filosófica nos fins do século XV, defende que os Universais existem de fato e independentes do nosso conhecimento acerca deles. Em contraposição surgiram os nominalistas, que, por sua vez, defendiam que os Universais eram apenas nomes e não tinham existência ou realidade.

O realismo afirmava a realidade dos Universais em contraposição ao nominalismo em que os Universais são apenas nomes e nada mais. Conforme Abbagnano (2007, p. 1168):

> Essa disputa foi motivada por um trecho da *Isagoge* (Introdução) de Porfírio às Categorias de Aristóteles e pelos comentários de Boécio a ela relativos. O trecho de Porfírio é o seguinte: "Dos gêneros e das espécies não direi aqui se subsistem ou se são apenas postos no intelecto, nem – caso subsistam – se são corpóreos ou incorpóreos, se separados das coisas sensíveis ou situados nas coisas, expressando seus caracteres comuns" (Isag., I). Das alternativas indicadas por Porfírio nesse trecho, apenas uma não se encontra na história da disputa: aquela segundo a qual os Universais seriam realidades corpóreas. Em compensação, uma alternativa que Porfírio não previra verificou-se historicamente, pelo menos segundo dizem: o Universal não existe nem no intelecto e é apenas um nome, um *flatus vocis*.

A escolástica, enquanto escola, privilegiava o estudo da linguagem através do seu método de investigação que iniciava com *trivium* (estudo da linguagem) para depois passar para o *quadrivium* ou estudo das coisas. Neste sentido, surgiu a questão acerca das relações, correspondências e implicações entre as palavras e as coisas.

Constituiu uma das maiores disputas teóricas da escolástica a problemática em definir se os conceitos existem por si mesmos, nas coisas ou se não possuem existência a não ser como nomes. Denominamos como disputa ou questão dos universais e tomou grandes proporções até o fim da escolástica.

Para os adeptos do realismo, os universais existiam de fato como entidades metafísicas e tinham a principal característica de fornecer o modelo ideal das coisas, como, por exemplo, o filósofo Santo Anselmo, que defendia a existência dos universais na mente humana (COTRIM, 2006). Como para Platão, os nomes faziam analogia com as coisas; quanto mais abstrato o nome, consequentemente mais perfeito o conceito seria.

Para os adeptos do nominalismo, os universais não possuem existência real, são apenas nomes que dependem das coisas, são convenções próprias da estrutura linguística. Os nomes são vazios e possuem um *status* inferior às coisas.

FIGURA 43 – EXISTÊNCIA

FONTE: Disponível em: <http://cassandrasilveira.wordpress.com/2010/12/>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Uma terceira posição contrabalanceou a disputa. Com Abelardo (1979) foi proposto um realismo moderado em que os universais eram discursos mentais ou categorias lógico-linguísticas que intermedeiam as relações entre as palavras e as coisas, evitando, assim, os extremos que, por um lado, supervalorizam os universais atribuindo-lhes existência autônoma e, por outro lado, menosprezam os universais destituindo-lhes qualquer sentido próprio.

Considerando as características históricas do realismo e do nominalismo, notamos que o primeiro corresponde à lógica antiga, cujos maiores expoentes foram Platão e Aristóteles, e o segundo corresponde à lógica moderna, posteriormente denominada terminismo e inspirada na filosofia estoica antiaristotélica. O realismo e o nominalismo permanecem na história da teoria do conceito por representarem um marco nas discussões filosóficas acerca da realidade.

No realismo o universal é a substância da coisa, no nominalismo o universal é um signo da coisa. O realismo apresenta três formas fundamentais, uma platonizante, outra aristotélica e outra ainda semiaristotélica.

A forma platonizante é aquela em que o Universal é a substância e as coisas acidentes desta mesma substância, expressa por Guilherme de Champeaux (O PENSAMENTO..., 2013). A forma aristotélica é aquela em que o Universal existe sob três perspectivas, como forma das coisas, como conceito na mente humana e como modelo original das criaturas e demais coisas criadas no intelecto divino. Por fim, a forma semiaristotélica encontra o Universal no intelecto, mas não nas coisas, estas dependem fundamentalmente do princípio da distinção formal.

No nominalismo os pensamentos são menos divergentes e não podemos dividir os argumentos, pois todos giram em torno do mesmo núcleo de proposições, o universal é reduzido à sua função lógica. Desde Abelardo até Ockham (1999), a principal característica do nominalismo é atribuir aos universais uma função de signo ou suposição. O nominalismo fundamentou posteriormente o terminismo e o empirismo inglês, representados por Locke, Berkeley e Hume.

A disputa entre o realismo e o nominalismo constitui importante fator no desenvolvimento das questões metafísicas, por ampliar o entendimento humano acerca do mundo. A disputa dos universais é limite histórico que separa a lógica antiga da lógica moderna, preparando o novo horizonte do campo ontológico-metafísico.

RESUMO DO TÓPICO 3

- Vimos neste último tópico a importância do legado da metafísica grega clássica para os desdobramentos posteriores no campo das ciências e principalmente no campo da filosofia. Estudamos a metafísica enquanto teologia no pensamento aristotélico, seu desenvolvimento numa nova ontologia. A metafísica teológica foi caracterizada pela sua superioridade com relação às demais ciências, sua necessidade e perfeição divina que remete à implicação de um objeto correspondente, ou seja, divino. Assim, Deus é definido como primeiro motor imóvel, que possui existência por si mesmo e ordena todas as demais coisas. A metafísica ontológica postula a necessidade do estudo do ser a partir de suas determinações, rompendo com a estrutura hierárquica entre as ciências ao destituir a superioridade de qualquer substância, seja ela divina ou comum. As questões problemáticas levantadas na filosofia aristotélica acerca da função e fundamento dos universais resultaram na disputa dos universais, na qual duas correntes opostas de definição dos universais constituíram uma das mais importantes disputas na argumentação filosófica. As duas correntes eram: o realismo, que defendia a tese da existência dos universais, em si mesmo, e o nominalismo, que defendia a tese da inexistência dos universais que seriam meras convenções atribuídas às coisas. Esta disputa transpassou a Idade Média e representou a divergência entre a lógica clássica e a lógica moderna.

AUTOATIVIDADE

1 Explique a relação entre a teoria platônica e a metafísica aristotélica.

2 Comente a diferença entre as concepções aristotélica e cristã de Deus.

3 Quais são as relações entre o gnosticismo e a teologia cristã?

4 O que são as determinações do ser?

5 Comente as diferenças entre os realistas e os nominalistas.

UNIDADE 2

O SER SUPERIOR E A CIÊNCIA MAIS ELEVADA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- definir o pensamento metafísico no período medieval;
- discutir alguns dos principais argumentos acerca do fundamento da existência de um Ser Superior ou Divino;
- interpretar os grandes sistemas metafísicos da modernidade;
- debater os pensamentos metafísicos sistemáticos dos seguintes filósofos: Descartes, Leibniz, Wolff e Hegel;
- organizar as questões metafísicas da modernidade conforme as principais correntes filosóficas;
- apreciar o desenvolvimento dos estudos metafísicos a partir dos fundamentos teóricos e históricos – filosóficos da tradição do pensamento ocidental.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No final de cada um deles você encontrará atividades visando à compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – PENSAMENTO METAFÍSICO MEDIEVAL

TÓPICO 2 – OS GRANDES SISTEMAS METAFÍSICOS DA MODERNIDADE

TÓPICO 3 – AS QUESTÕES METAFÍSICAS NA MODERNIDADE

PENSAMENTO METAFÍSICO MEDIEVAL

1 INTRODUÇÃO

A história da filosofia abriga questões complexas que fogem de uma abordagem linear. Neste tópico vamos procurar conduzir o nosso estudo a partir de uma perspectiva cronológica, respeitando a complexidade histórica da metafísica.

FIGURA 44 – O CASTELO DE NAJAC, LOCALIZADO NO ALTO DE UMA ROCHA (FOTO: PASCAL PAVANI/AFP)

FONTE: Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/castelo-medieval-na-franca-tem-visita-masmorra-e-passagem-secreta.html>. Acesso em: 23 set. 2013.

De modo geral, consideramos o período medieval especialmente peculiar devido às circunstâncias sociais, aos problemas da condição humana e da reconfiguração política e econômica do período. O início é marcado pela transição da visão de mundo grega para a visão de mundo romana, na qual o helenismo serve de ponte entre um e outro contexto.

Durante este período as questões metafísicas foram especialmente tratadas considerando a religião cristã em ascensão. As relações entre fé e razão foram o núcleo desta discussão, desenvolvidas pelos padres intelectuais que buscaram uma dimensão teórica em que a fé e a razão pudessem se apoiar mutuamente.

Primeiramente houve o resgate do platonismo, transformando-o no neoplatonismo, muito apreciado pelos padres do início do período medieval. Posteriormente o aristotelismo, introduzido pelas traduções árabes, foi resgatado e posto em discussão para combater as questões problemáticas não resolvidas pelo neoplatonismo.

Veremos neste tópico que as questões metafísicas desenvolvidas a partir dos estudos dos filósofos gregos antigos foram fortemente influenciadas pelas Escrituras Sagradas. Assim, os conceitos gregos que definem a origem do mundo real ou do nosso conhecimento acerca dele foram identificados com a ideia de Deus cristã.

Porém, nem todas as concepções que afirmaram Deus como responsável pela criação ou ordenação do mundo foram cristãs. Longe de esgotar as discussões metafísicas no período medieval acerca de Deus, propomos o estudo das principais questões e das relações entre si, orientados pela relevância contemporânea.

Deus é uma ideia que aparece como núcleo central da metafísica, aproximando esta disciplina à teologia e à cosmologia. A metafísica sugere em seus desdobramentos teóricos uma fina relação de implicação na epistemologia e na ética, atribuindo a Deus a essência da realidade, mas também invocando sua regência aos assuntos morais e humanos de ordem física e natural.

2 O PERÍODO MEDIEVAL E A METAFÍSICA COMO TEOLOGIA

A metafísica, nos seus primórdios, serviu de fundamento para o pensamento filosófico em sua estrutura paradigmática, ou seja, como horizonte das principais questões dos primeiros filósofos. Assim, ocupava um lugar privilegiado na garantia de conhecimento verdadeiro acerca do mundo ao nosso redor.

No início do período medieval, a metafísica ocupa um lugar marginal, ou seja, em geral o conhecimento abstrato não apresentava soluções para os problemas da época. A mistura de povos gerada pela dominação romana exigia resultados em curto prazo para questões práticas e morais de diferenças culturais e de organização da coletividade.

A reunião dos diferentes povos sob o jugo de um único império forneceu os subsídios fundamentais para a homogeneização da visão de mundo, amenizando os conflitos morais e práticos do convívio social básico. O crescimento do Cristianismo determinou a direção dos pensamentos e atividades humanas, guiando os medievais para uma busca da essência divina na constituição do mundo humano e natural.

A metafísica pôde reabilitar seu lugar de destaque ocupando a vida intelectual dos teólogos na Idade Média ao sustentar, como horizonte norteador, as principais discussões acerca do fundamento divino ou superior do conhecimento do mundo. Enquanto origem e estrutura de funcionamento predeterminada das coisas e suas relações físicas, conservando alguns dos elementos do pensamento grego antigo, mas identificando o princípio divino fundamental com o Deus Cristão contido nas revelações das Escrituras.

NOTA

"A filosofia medieval corresponde ao longo período histórico que vai do final do helenismo (sécs. IV-V) até o Renascimento e o início do pensamento moderno (final do séc. XV e séc. XVI), aproximadamente dez séculos, portanto. Na verdade, a maior parte da produção filosófica da Idade Média, o que realmente conhecemos como "filosofia medieval", está concentrada entre os sécs. XII e XIV, período do surgimento e desenvolvimento da escolástica." (MARCONDES, 2000, p.103).
Encontramos na Unidade 1 o estudo da metafísica no pensamento grego antigo.

O início do pensamento filosófico na Grécia antiga foi caracterizado pelo desenvolvimento do homem político, voltado para a cidade e que se definia pela sua pertença a uma determinada "*pólis*" (cidade). Posteriormente, o helenismo trouxe uma mudança fundamental nesta visão que gerou a plataforma de sustentação do pensamento medieval.

A noção de homem político transmuta para universal e divino; conforme o desencadeamento dos acontecimentos históricos sociais conectados ao modo de pensar dos homens de cada época. Partiremos dos antecedentes filosóficos do período medieval para compreender o pensamento metafísico que sustentou a formação de uma identidade da época.

FIGURA 45 – ESCULTURA HELENÍSTICA: "AGESANDRO, ATENODORO E POLIDORO: GRUPO DE LAOCOONTE" (SÉCULO I A.C.)

FONTE: Disponível em: <https://www.apsu.edu/art-design/news-events/previous-news17-18.php>. Acesso em: 28 nov. 2018.

Desde a Grécia antiga o tema da metafísica permeou a fundamentação da filosofia. Durante o helenismo marcado pelo grande imperador da Macedônia (berço do pensamento prevalente no Império Romano), Alexandre Magno, houve uma modificação na visão metafísica do mundo herdada da Grécia antiga.

NOTA

Alexandre Magno (356-323 a. C.), Rei da Macedônia, filho do Rei Felipe II (Philip II da Macedônia) e da Rainha Olímpia (Olympias), nasce em Pela, antiga capital da Macedônia, região no norte da Grécia. Sob a influência do filósofo Aristóteles, seu preceptor dos 13 aos 16 anos, passa a apreciar filosofia, medicina e ciências. Assume o trono aos 20 anos, após o assassinato do pai. Nos seus 13 anos de reinado, Alexandre, também conhecido como Magno (do latim, grande), cria o maior império territorial conhecido até então."

FONTE: Disponível em: <http://www.girafamania.com.br/introducao/alexandre_grande.html>. Acesso em: 23 set. 2013.

Para Aristóteles, representante do pensamento grego antigo, o homem é um animal político, ou seja, que se realiza exteriormente na *pólis* grega. Assim, a filosofia é o fundamento das ações políticas, e a "filosofia primeira" é o fundamento da filosofia. Platão, por sua vez, também colocou o pensamento metafísico como condicionante das escolhas e ações humanas ordenadas. Segundo Platão, o mundo material deveria ser o espelho do mundo ideal de modo aproximativo através da racionalidade capaz da reminiscência, ou seja, através do intelecto lembra-se dos conceitos ou ideias das coisas e podemos organizar e compreender o nosso mundo em conformidade com estas ideias.

FIGURA 46 – ALEXANDRE MAGNO E SEU CAVALO BUCÉFALO, NA BATALHA DE ISSO (MOSAICO ENCONTRADO EM POMPEIA, HOJE NO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, EM NÁPOLES)

FONTE: Disponível em: <https://www.pri.org/stories/2014-01-13/alexander-great-was-killed-toxic-wine-says-scientist>. Acesso em: 28 nov. 2018.

Com o advento do Império Romano, o período medieval apresentou-se peculiar. Primeiro, devido à manutenção de alguns aspectos da cultura grega, mas principalmente pela mudança influenciada pelo Império Alexandrino, que projetava a ideia de uma dimensão ampliada do mundo. Essa projeção tinha como pilar uma visão cosmopolita fundamental, expandindo a noção de homem para além do pensamento grego.

Esta visão inovadora de homem universal trouxe a necessidade de realizar essa humanidade de modo interior, ao contrário do homem grego que se realizava no exterior, ou seja, na atuação política. O homem helênico, assim, se volta para dentro de si mesmo, envolvido por questões como a vida, seus desejos, suas necessidades e formas de alcançar o prazer e a felicidade, ou evitar, afastar ou amenizar a dor e o sofrimento humano.

As principais escolas que ocuparam este período histórico foram o ceticismo, o epicurismo e o estoicismo; e a filosofia pôde se popularizar objetivando o interesse de todos os homens, não apenas o homem no sentido grego (político), mas todos universalmente. As escolas do período helenista definiam o homem como um cidadão do mundo; de outro modo, o pensamento grego antigo definia o homem como um cidadão de um Estado ou uma Pátria.

NOTA

CETICISMO - "(...) Com esse termo, que significa *busca*, entende-se a tese de que é impossível decidir sobre a verdade ou a falsidade de uma proposição qualquer. Ceticismo não tem nada a ver com relativismo ou com as doutrinas segundo as quais tudo é verdadeiro ou tudo é falso, uma vez que estas pretendem fornecer um critério de decisão que o Ceticismo nega existir. (...)" (ABBAGNANO, 2007, p. 151).

EPICURISMO - "(...) Escola filosófica fundada por Epicuro de Samos no ano 306 a.C. em Atenas. Suas características, que têm em comum com as demais correntes filosóficas do período alexandrino a preocupação de subordinar a investigação filosófica à exigência de garantir a tranquilidade do espírito ao homem, são as seguintes: 1º. *sensacionismo*, (...); 2º. *atomismo*, (...); 3º. *semiateísmo*, (...) (ABBAGNANO, 2007, p. 390).

ESTOICISMO - "(...) Uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, assim chamada pelo pórtico pintado (*Stoá poikíle*) onde foi fundada, por volta de 300 a.C., por Zenão de Cício. Os principais mestres desta escola foram, além de Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. Com as escolas da mesma época, epicurismo e estoicismo, o Estoicismo compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como *vida contemplativa* acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. (...)" (ABBAGNANO, 2007, p. 437).

Paralelamente, vemos um desenvolvimento também das ciências como necessidade prática para solucionar as questões problemáticas da vida no seu cotidiano. Desta forma, a ciência se emancipa da filosofia delimitando seu próprio espaço de atuação e função social.

FIGURA 47 – GREGOS E ROMANOS

FONTE: Disponível em: <http://roma-antiga.blogspot.com.br/2004_05_01_archive.html>. Acesso em: 21 out. 2013.

O interesse filosófico era no homem universal, concebido com seus problemas e interrogações práticas, populares e comuns. Porém, estas interrogações forneciam os argumentos que conduziam à paz de espírito, o afastamento ou o apaziguamento dos problemas cotidianos.

Portanto, a filosofia helênica não apenas tornou-se popular, mas também enfraqueceu seu poder de fundamentação da realidade humana. As preocupações práticas foram as mais desenvolvidas neste período, demonstrando a inutilidade da filosofia abstrata, pura ou metafísica.

A filosofia fundamental que trata dos conceitos e das ideias foi sendo relegada a uma minoria de sábios que puderam eliminar os problemas práticos cotidianos pelo seu próprio afastamento e isolamento do mundo prático e, assim, de suas questões morais e contradições.

A filosofia trata de questões fundamentais e abstratas que não possuem uma conexão imediata com as ações práticas relacionadas com o bem e o mal, ou prazer e dor humanos. As questões práticas foram destinadas ao campo da atividade científica. As questões superiores ou abstratas se tornaram acessíveis apenas para um grupo reduzido e seleto.

Ao se distanciar das contradições e problemas do cotidiano em busca da paz universal, a filosofia pura se torna desinteressante. Os poucos sábios, que se afastaram da vida social humana em busca da felicidade plena, encontraram o apaziguamento desejado apenas no cultivo da imperturbabilidade do espírito.

Somente com Plotino (205 – 270 d. C.) a filosofia retoma a orientação clássica de procurar por um único princípio de todas as coisas. Sendo considerado o primeiro filósofo neoplatônico, a partir da sua própria reformulação do platonismo.

NOTA

"O Império Romano, em declínio no século III, divide-se em Ocidente e Oriente. É nesse panorama de crise que surge o neoplatonismo, formulado por Plotino, corrente que daria nova vitalidade à filosofia." (ABRÃO, 1999, p. 88).

A principal característica do pensamento exposto por Plotino é a inovadora solução ao problema da inutilidade da filosofia, retomando os horizontes gregos da filosofia.

A atividade filosófica pós-antiguidade grega, no período helênico, acabou sendo expressa através de dois pontos opostos. Um deles, o ceticismo extremo, ou seja, um desinteresse coletivo refletindo as necessidades práticas urgentes que não

podem ser solucionadas por conceituações e abstrações. O outro ponto oposto é a mera atividade filosófica sem sentido ou demasiado abstrata para o alcance de boa parte das pessoas da época, ou seja, uma síntese moralizante dogmática imposta por uma minoria, sem sentido ou utilidade para a maioria das pessoas.

Pois, por um lado a ciência tomara completamente o campo das questões práticas em resolução de problemas humanos empíricos; por outro lado, as questões abstratas eram exclusividade de poucos estudiosos que tinham acesso às obras clássicas, bem como uma boa condição econômica e social de garantia das suas necessidades básicas.

FIGURA 48 – ALQUIMISTAS MEDIEVAIS

FONTE: Disponível em: <http://www.cienciaefe.net/2010/04/alquimia-e-quimica-ontem-e-hoje.html>. Acesso em: 21 out. 2013.

Segundo Plotino, o Uno é o início de tudo, o princípio de todas as coisas, porém o Uno não pode ser pensado ou sentido diretamente, apenas por negações ou aproximações, remetendo ao conceito de "Ideia", das ideias platônicas em que o conceito de "Ideia" não pode ser alcançado pelo intelecto humano de modo pleno ou completo, mas apenas por aproximação. Assim, Uno é o indeterminável, o infinito ou o indizível, dito apenas por aproximações, pois é o "transcendente absoluto".

Ao postular o Uno como o infinito, Plotino inverteu a tradição filosófica clássica, em que o perfeito era finito como uma esfera (ABRÃO, 1999), para definir o conceito de Uno como um princípio divino fora do tempo, perfeito e infinito. O tempo linear (presente, passado e futuro) pode ser definido intelectualmente com as hipóstases, que são as recordações da eternidade ou tempo propriamente dito, com movimento perfeito, circular e cíclico. A teoria que define as hipóstases é uma reformulação da teoria platônica da reminiscência.

NOTA

Reminiscência possui o mesmo significado de Anamnese, sendo este último o termo definido segundo Abbagnano (2007, p. 61), como: "O mito da Anamnese é exposto por Platão em *Ménon*, como antítese e correção do 'princípio erístico', de que não é possível ao homem indagar o que sabe nem o que não sabe, pois seria inútil indagar o que se sabe e impossível indagar quando não se sabe o que indagar. A este discurso, que 'pode tornar-nos preguiçosos e agrada muito aos fracos', Platão opôs o mito segundo o qual a alma é imortal e, portanto, nasce e renasce muitas vezes".

Após a difusão do cristianismo por todo o Império Romano, a filosofia encontrou na religião uma forte opositora, devido à contradição que encontramos entre os princípios fundamentais da razão e da fé. A razão é fundamentada na verdade dialógica sustentada pelo pensamento que organiza, analisa, julga, calcula e busca uma resposta pela via da explicação racional.

FIGURA 49 – ESCOLA DE VEIT STOß: *ALTAR ROSENKRANZ*, LIEBFRAUENMÜNSTER, WOLFRAMS-ESCHENBACH. MADEIRA POLICROMA, C. 1510

FONTE: Disponível em: <https://philothanatos.wordpress.com/2013/09/17/aos-hebreus-5a-parte/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

Por outro lado, a fé é fundamentada na verdade revelada, sustentada pela crença que não duvida e se justifica numa solução milagrosa sem explicação racional, atribuída somente a Deus ou força divina. Enquanto a racionalidade é uma atividade humana de questionamento e garantia de segurança quanto às coisas reais do mundo ao nosso redor, a crença no poder superior divino dispensa explicações racionais para as coisas do mundo.

As divergências e contradições que afastaram a filosofia e a religião foram pautadas principalmente pela possibilidade de entendimento racional entre os homens dotados de razão, sobre a interpretação mais correta ou verdadeira dos textos sagrados. Um consenso pacífico acerca da compreensão das coisas do mundo, ou seja, dos fenômenos e dos fatos que constituem o mundo real, é possível através do diálogo entre os homens que compartilham o contexto histórico-social com certo grau de igualdade e liberdade.

A religião, no entanto, por possuir uma fundamentação hierarquizada, na palavra revelada, reserva a atividade de interpretação e compreensão das palavras sagradas conservadas nas escrituras a uma pequena comunidade de padres intelectuais com privilégio ao acesso dos textos.

FIGURA 50 – CAPELA SISTINA, NO VATICANO, QUE ESTUDA LIMITAR NÚMERO DE VISITAS AO LOCAL DEVIDO À POLUIÇÃO TRAZIDA PELOS TURISTAS

FONTE: Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/turismo/1178302-vaticano-estuda-limitar-visitas-a-capela-sistina.shtml>. Acesso em: 21 out. 2013.

As divergências internas da religião, no âmbito das diferenças entre as interpretações e a impossibilidade de entendimento coletivo homogêneo, são problemas resolvidos pelo julgamento, obedecendo à hierarquia conforme a organização do clero.

Assim, o afastamento entre filosofia e religião fora se tornando menor, na medida em que se desenvolveram os estudos acerca das questões apresentadas nas Escrituras Sagradas. A insustentabilidade do julgamento baseado na imposição hierárquica gerou disputas internas entre grupos representantes da Igreja, que no contexto histórico do início do período medieval eram acirradas ainda pelas disputas políticas e econômicas.

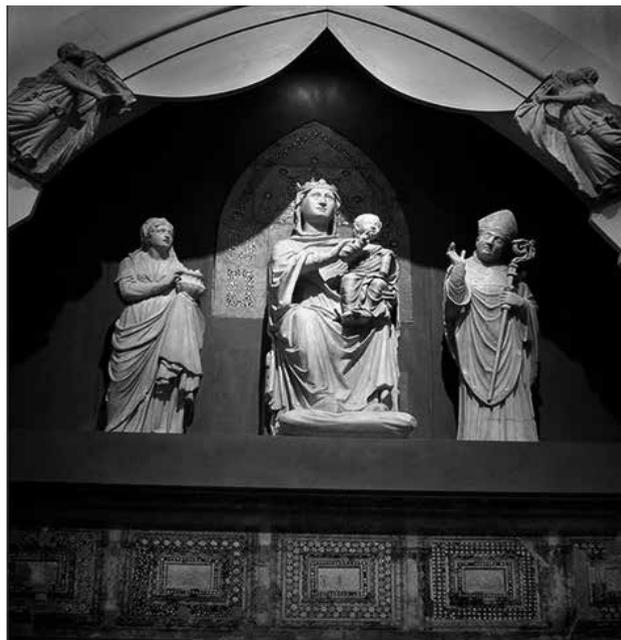
No advento do cristianismo, durante o Império Romano, a Igreja ganhou também amplas dimensões. Com a liberdade de culto a partir de 313 da nossa era, os cristãos cresceram em número; assim, também cresceram as divergências entre as formas de interpretar as Escrituras Sagradas. Desde os esforços dos padres apologistas até a filosofia patrística e a filosofia escolástica, encontramos no período medieval filósofos e padres que buscaram conciliar um campo harmônico entre fé e razão.

NOTA

APOLOGISTAS - "(...) A tese comum que defendem é de que o Cristianismo é a única filosofia segura e útil e resultado último a que a razão deve chegar. Os filósofos pagãos conheceram sementes de verdade que não puderam entender plenamente: os cristãos conhecem a verdade inteira porque Cristo é o logos, isto é, a razão mesma da qual participa todo gênero humano. A apologética desses padres constitui, portanto, a primeira tentativa de inserir o Cristianismo na história da filosofia clássica. (...)" (ABBAGNANO, 2007, p. 84).

PATRÍSTICA - "(...) A Patrística caracteriza-se pela indistinção entre religião e filosofia. Para os padres da Igreja, a religião cristã é a expressão íntegra e definitiva da verdade que a filosofia grega atingira imperfeita e parcialmente. Com efeito, a Razão (*logos*) que se fez carne em Cristo e se revelou plenamente aos homens na sua palavra é a mesma que inspirara os filósofos pagãos, que procuraram traduzi-la em suas especulações. (...)" (ABBAGNANO, 2007, p. 868).

ESCOLÁSTICA - "(...) O problema fundamental da Escolástica é levar o homem a compreender a verdade revelada. A Escolástica é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de alguma filosofia determinada, neoplatônica ou aristotélica) com vistas ao acesso à verdade religiosa, à sua demonstração ou ao seu esclarecimento nos limites em que isso é possível, apresentando um arsenal defensivo contra a incredulidade e as heresias. (...)" (ABBAGNANO, 2007, p. 401).

FIGURA 51 – ARNOLFO DI CAMBIO: *MADONNA ENTRE UMA SERVA E SÃO ZENÓBIO*, ANTIGAMENTE NA FACHADA DA IGREJA DE SANTA REPARATA, FLORENÇA. MÁRMORE (C.1294-1295)

FONTE: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura_do_g%C3%B3tico#It.C3.A1lia>. Acesso em: 17 out. 2013.

O interesse principal dos padres que iniciaram os esforços para a harmonização entre os princípios de fé e de razão era a eliminação das disputas entre as diferentes interpretações da verdade. O problema da revelação consistia na carência de justificação teórica e racional de seus fundamentos; sendo preciso que os padres desenvolvessem formas de garantir o reconhecimento das suas interpretações.

Neste sentido, inicialmente a harmonia almejada era especificamente baseada na justificação da fé pela via racional, ou seja, o uso da razão em favor da fé. O conhecimento racional, no contexto histórico do Império Romano, estava relegado ao ceticismo, isto é, as pessoas desacreditavam na realidade de uma verdade apenas. Desta forma, destituíam o próprio conhecimento em geral de qualquer possibilidade de sustentação, tendo na atividade filosófica-racional um mero exercício argumentativo. A desvalorização da razão como horizonte de uma visão de mundo, paradoxalmente, possibilitou o uso da razão como instrumento de justificação teórica da fé.

Um dos principais padres do início da Idade Média, entre aqueles que se dedicaram aos esforços teóricos de harmonizar a fé e a razão, fora Agostinho (c. 354-430), cujo trabalho intelectual apresentou um duplo sentido, pois ao reabilitar a confiança na razão, fortaleceu também a fé. Ambas envolvidas pelo contexto histórico–social, demonstravam a necessidade e a urgência de apaziguar os conflitos entre as diferentes opiniões e orientações dos indivíduos que compunham a coletividade social.

Reunindo na mesma estrutura reconhecida coletivamente, organizada hierarquicamente e garantida pela justificação e fundamentação teórica, as diversas opiniões. Desta forma:

> A consolidação da ortodoxia exige, no entanto, mais do que um ato de poder que a decrete. Ela também precisa ser convincente, apresentando-se não apenas como revelação, mas também como resultado de raciocínios. A filosofia patrística (dos santos padres) representa, em algumas de suas vertentes, esse esforço de munir a fé de argumentos racionais. Entre os santos padres, Santo Agostinho é quem leva mais longe a conciliação entre a fé e a razão: elabora a "filosofia cristã", como ele a chamaria. (ABRÃO, 1999, p. 97).

A pergunta nuclear de todo estudo acerca da verdade é a seguinte: como podemos conhecer, ou seja, como é possível o conhecimento do mundo real? O significado da resposta, nesta questão, reside na medida da força que o fundamento da verdade do conhecimento representa.

Vimos na Unidade 1 que, durante o surgimento da filosofia na Grécia antiga, a principal discussão consistia justamente acerca do fundamento do mundo ou realidade ao nosso redor. Visto como natureza ou *physis* no período pré-socrático e posteriormente se inclinando a uma compreensão de mundo enquanto organização humana política e econômica, isto é, a cidade ou *pólis*.

O fundamento do conhecimento não pode ser explicado pelo próprio conhecimento, pois o argumento não pode simplesmente se autogarantir. Assim, o argumento que fornece os elementos necessários para a construção lógica-racional deve ter um fundamento diferente de si mesmo, ou seja, um todo que fornece a integridade e o sentido do raciocínio entre as partes, argumentos ou elementos. No pensamento metafísico buscamos o princípio superior de ordenação que forneça a garantia de veracidade dos argumentos e realidade das coisas no mundo ao nosso redor.

Desde a Grécia Antiga vemos, segundo Parmênides, que podemos definir o acesso ao mundo real ou verdadeiro, a partir de duas vias: uma verdadeira e outra falsa. A via do conhecimento verdadeiro é através da razão e a via da ilusão é através dos sentidos.

Platão, por sua vez, explicava a efetividade do conhecimento através da teoria dos dois mundos na qual postulava que existam dois mundos separados: o fundamento do mundo superior e da verdade nele contida é o *logos*, ou seja, a razão, contrapondo aos sentidos ou mundo inferior que necessita de correção e controle. Assim, o mundo ao nosso redor, ou material, é uma cópia imperfeita do mundo superior ou ideal, perfeito.

A filosofia platônica teve uma importante retomada histórica no pensamento de Plotino e posteriormente assume o papel principal na discussão entre fé e razão no fundamento da Verdade, durante o início da Idade Média. Especialmente com o desenvolvimento dos estudos teológico-filosóficos de Santo Agostinho, que inicia o que ele mesmo denominou de filosofia cristã.

FIGURA 52 – SANTO AGOSTINHO

FONTE: Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/idealizador-revelacao-divina-423129.shtml?page=all>. Acesso em: 31 out. 2013.

A Verdade pode ser compreendida de certo modo, segundo Agostinho, pela via da fé, que exige uma base teórica forte para assegurar a integridade nas palavras e sentidos das Escrituras, conforme as palavras do próprio autor:

> Não sejas vã, ó minha alma, nem ensurdeças o ouvido do coração com o tumulto da tua vaidade. Ouve também: o mesmo Verbo clama que voltes. O lugar do descanso imperturbável está onde o Amor não é abandonado, a não ser que o Amor nos abandone primeiro. Eis como estas coisas passam, para outras lhes sucederem, e assim se formar de todas as suas partes este mundo, cá embaixo. [...]
> Entrega à Verdade tudo o que tens recebido da Verdade, e não só não perderás nada, mas ainda a tua podridão reflorescerá, as tuas fraquezas serão curadas, as tuas frouxidões serão reformadas, rejuvenescidas e estreitamente unidas a ti, sem te colocarem na ladeira por onde descem, mas ficando contigo e permanecendo junto do Deus sempre estável e eterno.
> [...] Deleita mais o todo uno, quando pode ser percebido, do que cada uma das partes. Mas quanto melhor que estas coisas é Aquele que as fez todas, o nosso Deus, que não passa porque nada Lhe sucede! (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 109, Livro IV, O Professor, III- Engano das criaturas: libertação para Deus, 11. Eis a Paz!...)

Se, entretanto, a via de acesso ao mundo real e verdadeiro é para Agostinho a fé, a via que conduz à fé e seu fortalecimento é o raciocínio e o entendimento lógico acerca das Escrituras. A filosofia, portanto, é uma busca pela verdade que conduz ao fortalecimento da fé.

A fé, por sua vez, conduz à iluminação, compreendida enquanto máxima beatitude ou felicidade. Agostinho desenvolve a Doutrina da Iluminação Divina, na qual absorve elementos da filosofia platônica da reminiscência, identificando o princípio de causalidade de todas as coisas com o princípio espiritual, causador de sua própria existência e previamente contido na alma inteligível.

FIGURA 53 – CONVERSÃO DE CONSTANTINO AO CRISTIANISMO EM PLENO CAMPO DE BATALHA: FÉ MARCA NOVA ERA

FONTE: Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/idealizador-revelacao-divina-423129.shtml?page=all>. Acesso em: 26 out. 2013.

A Doutrina da Iluminação Divina postula que o conhecimento é sintetizado no encontro com a verdade eterna revelada. Assim, o conhecimento verdadeiro depende da relação entre o intelecto humano e a luz divina enquanto presença ou atualidade da iluminação que irradia de Deus sobre as coisas do mundo.

Segundo Agostinho, a filosofia é o caminho para a fé, a partir da iluminação das nossas próprias ideias. Em contrapartida, a fé é o caminho para a contemplação direta de Deus através da filosofia mais elevada. No entanto, não podemos compreendê-Lo pelo raciocínio lógico, tornando a filosofia metafísica quase uma experiência mística.

O pensamento de Agostinho afirma essencialmente que "é necessário compreender para crer e crer para compreender" (*Intellige ut credas, crede ut intelligas*). A filosofia como método está a serviço da fé que leva novamente à filosofia como princípio de fundamentação teórica plena, contemplativa e superior.

FIGURA 54 – VITRAIS GÓTICOS

FONTE: Disponível em: <http://arteehistoriaepci.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>. Acesso em: 26 out. 2013.

A metafísica entendida como teologia abrange as filosofias em que foram desenvolvidas questões acerca do Ser Divino criador de todos os demais seres e ordenador de suas relações físicas e de causalidade. O principal caráter dos pensamentos filosóficos de interesse para os medievais consistia na fundamentação teológica do conhecimento, ou seja, das leis divinas que regem o mundo ao nosso redor.

Portanto, a contraposição entre os seres sensíveis, múltiplos, físicos, finitos e o Ser Divino, Uno, eterno, infinito é base da metafísica teológica. Neste sentido, a função fundamental da filosofia aliada à teologia é provar a existência de Deus, ou seja, do Ser Divino e, assim, legitimar a fé na verdade revelada através das Escrituras.

O próprio conhecimento do mundo é condicionado na filosofia cristã à força da fé na existência de um Deus Criador. Santo Agostinho traça o caminho para o fortalecimento da fé através da atividade racional, interpretação e compreensão das palavras sagradas. A filosofia, durante o período medieval, foi amplamente difundida na discussão teórica acerca dos argumentos que poderiam garantir a maior força de fundamentação para a hipótese da existência de Deus.

3 PRINCIPAIS QUESTÕES ACERCA DE DEUS

Questionar acerca de Deus, ou seja, de um princípio gerador e ordenador de todas as coisas, significa aprofundar a argumentação que fortalece o fundamento da realidade do mundo. O conhecimento do mundo real é dependente da possibilidade de reconhecimento da verdade, seja esta revelada ou argumentada; pois fortalece a proposição que se apresenta verídica, ou real, acerca das coisas

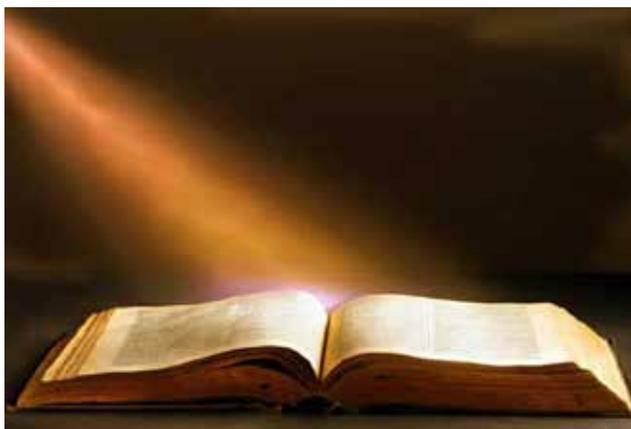
e suas relações. Conhecer é iluminar o mundo ao nosso redor ou ser iluminado; do primeiro modo, a luz divina emana através do intelecto humano, do segundo modo, a luz irradia diretamente da fonte primordial.

FIGURA 55 – EXISTÊNCIA DE DEUS

FONTE: Disponível em: <http://artureduardo.blogspot.com.br/2013/04/deus-existe-um-argumento-favor-da.html>. Acesso em: 26 out. 2013.

A pergunta radical que sustenta as demais questões acerca de Deus consiste na busca de determinar a afirmação ou a negação da possibilidade e fundamentação de sua existência. Desde os pré-socráticos a metafísica tem se mostrado estreitamente conectada com a necessidade de justificação e reconhecimento da existência de um princípio ou origem primordial.

Questionamos sobre o ponto de partida, a primeira causa sem causa fora de si mesma, ou seja, que causa a si mesmo, de onde todas as coisas tenham se originado, ou o início de toda a rede de causalidade que determina todos os corpos espaçotemporalmente. Antes de estudarmos as provas da existência de Deus, apresentaremos uma abordagem das formas de pensar acerca do sentido e do significado que nos permite afirmar Deus, com base na história da filosofia ocidental.

FIGURA 56 - REVELAÇÃO

FONTE: Disponível em: <http://laudenirjunior.blogspot.com.br/2012/07/revelacao-iluminacao-e-inspiracao.html>. Acesso em: 31 out. 2013.

Nos escritos dos pensadores medievais, a questão é nuclear. Porém, durante a modernidade, a questão de Deus entrou em conflito com o desenvolvimento do método científico baseado na razão lógica. Pois a força da ciência moderna em explicar as coisas e suas relações no mundo fornecendo soluções satisfatórias levou a hipótese da existência de Deus a segundo plano.

O entendimento acerca de Deus, na história do pensamento ocidental em geral, se divide entre a concepção de um princípio gerador de todas as coisas e entre a concepção de um princípio ordenador das relações humanas. Assim, na primeira concepção Deus é entendido como Causa de si mesmo e de todos os demais seres, e na segunda, Deus é entendido como o Bem, ou seja, regulador dos valores e das ações morais.

FIGURA 57 - MORAL E RELIGIÃO

FONTE: Disponível em: <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=77969>. Acesso em: 31 out. 2013.

Podemos compreender a relação de Deus com o mundo de três modos distintos: como Causa ordenadora, Causa necessária ou Causa criadora (ABBAGNANO, 2007). O primeiro modo é representado pela filosofia platônica, na qual todas as coisas são regidas a partir de um artífice ordenador do mundo, denominado de Demiurgo. A criação da ordem do mundo tem como base o modelo ideal de mundo perfeito, o Demiurgo molda a matéria do mundo sensível, a criação da ordem é um ato livre, mas limitada pela resistência dos corpos à ordenação. O objetivo do Demiurgo é, assim, o Bem, através da imitação da ordem perfeita do mundo ideal, sumo Bem. Esta teoria foi a base da metafísica teológica de Aristóteles.

No segundo modo, Deus é Causa necessária do mundo, ou seja, o mundo é uma consequência da existência divina ou um prolongamento de Deus. O mundo somente possui realidade existencial se Deus também existir, são interdependentes. Deus é visto como causa necessária, divina e natural do mundo.

O estoicismo é um representante deste segundo modo, pois apresenta em sua estrutura teórica interna uma forma de panteísmo. Deus, neste sentido, é o próprio mundo, pois inicia a rede de causalidade mundana, sendo Ele mesmo partícipe da corporeidade do mundo, assumindo várias formas.

O panteísmo apresenta ainda outros três modos de compreender a relação de Deus com o mundo: no primeiro modo, o mundo é a emanação de Deus, no segundo modo, o mundo é revelação de Deus e no terceiro modo o mundo é realização de Deus. Entre outros pensadores, podemos destacar Plotino e o seu neoplatonismo. Espinoza e seu racionalismo geometrizante de ordenação necessária do mundo, e ainda Hegel, que defende Deus como revelação de si mesmo ou o próprio espírito do mundo realizado como autoconsciência.

No terceiro modo de compreender a relação de Deus com o mundo, da Causa criadora, Deus cria o mundo a partir de si mesmo, mas distinto dele pressupondo a liberdade. Este modo assume sua melhor expressão no pensamento cristão com a concepção de criação, na qual não há necessidade de Deus em criar, pois Ele é livre no ato e na vontade. O Ser eterno cria o mundo, mas não participa dele, é distinto do mundo criado, mutável e temporal; assim, pode atuar livremente.

Agostinho defende que o mundo, enquanto devir (não–ser), ou aparência, é obra de criação do Ser eterno que cria o tempo ao passo que cria o mundo. Assim, a causalidade baseada no tempo cronológico não existe antes da criação. Para Anselmo, o mundo é criação Divina a partir do nada, ou seja, antes da criação não existe nada, tudo provém exclusivamente de Deus. Tomás de Aquino explica que a essência implica a existência, quer dizer, que a essência do Ser de Deus é necessária implicando a Sua existência.

FIGURA 58 - GALÁXIA

FONTE: Disponível em: <http://www.thiagopro.blogspot.com.br/2013/05/video-via-lactea-vista-de-uma-montanha.html>. Acesso em: 31 out. 2013.

A existência de Deus é uma questão profundamente interligada com as formas de se referir a Ele, o conceito de um Ser eterno superior converge para o ponto em que é necessário determinar as possibilidades de Sua existência. O principal argumento que reconhece a existência do Ser remete a Platão e Aristóteles, mas essa ideia já podia ser encontrada no pensamento do pré-socrático Anaxágoras. Classificamos esse argumento como teológico, pois, desde Anaxágoras podemos compreender o mundo como regido por este Ser inteligente capaz de estabelecer o Bem e a Verdade.

O argumento mais popular e, assim, o mais consensual, é aquele que afirma Deus como criador da ordem do mundo, sendo que a verdade e o bem são constituídos por uma perfeita ordenação. Podemos apoiar esta afirmação através da noção mais comum de Deus, afirmando a ideia de Deus inata ao ser humano, pois está presente em todas as pessoas. Demonstramos que é necessária a existência de Deus por meio da percepção de uma fina e perfeita ordenação dos astros no céu e dos corpos na Terra.

FIGURA 59 - VIA LÁCTEA

FONTE: Disponível em: <http://www.infoescola.com/astronomia/via-lactea/>. Acesso em: 31 out. 2013.

Do argumento que prova teologicamente a existência de Deus, desenvolve-se o argumento que o prova através do movimento. Em cada série de causas deve haver necessariamente um ponto de origem causador das demais causas subsequentes. Portanto, aquilo que se move é necessariamente movido por outra coisa, que é movida por uma coisa distinta e assim, até o ponto de partida que se define por um primeiro motor imóvel. Esta prova, oriunda da metafísica aristotélica, foi a mais usada no mundo medieval com Tomás de Aquino e posteriormente criticada principalmente por Guilherme de Ockham e Kant.

O pensamento metafísico aristotélico também produziu o argumento dos graus, reelaborado por Agostinho e Anselmo. A existência de Deus é demonstrada pela percepção das relações graduais dos eventos na natureza e na sociedade humana, propondo que as coisas avancem graus em direção ao melhoramento, até o extremo que atinge o máximo dos graus em Deus.

A prova moral da existência de Deus postula que é necessário ao homem acreditar em Deus como ordenador da vida prática humana. Conforme Pascal, podemos definir a prova moral com o argumento da *aposta,* o homem pode escolher acreditar ou não em Deus, ou seja, pode decidir se quer levar uma vida pressupondo a existência de Deus ou não. A aposta consiste numa necessidade entendida como conveniência, na qual o homem joga ou aposta na alternativa mais razoável com o objetivo de ganhar. A validade é prática e não se refere ao conceito de Deus, pois a prova da existência divina, neste sentido, é moral. O risco que se corre é ganhar tudo (Deus/Bem) ou perder nada (natureza corpórea), assim, é conveniente arriscar o finito para ganhar o infinito.

FONTE: Disponível em: <http://dmurcho.com/docs/50.pdf>. Acesso em: 31 out. 2013.

FIGURA 60 - MUNDO E MORAL

FONTE: Disponível em: <http://colerica.wordpress.com/page/3/>. Acesso em: 3 nov. 2013.

Tanto Kant como Pascal rejeitam a via puramente teórica de argumentação para sustentar a existência de Deus por meio da via das necessidades práticas do indivíduo e do coletivo humano. Conforme a crítica kantiana, "Deus é um postulado da vida moral: sua existência é requisito para a realização do bem supremo, da união de virtude e felicidade, que não se verifica na atuação das leis naturais" (ABBAGNANO, 2007, p. 310).

Vimos que a metafísica, desde o nascimento da filosofia na Grécia antiga até o período medieval, foi um fértil espaço de discussões acerca da estrutura, funcionamento e origem do mundo. Os desdobramentos da metafísica no período moderno e contemporâneo são frutos da herança antiga e medieval. As principais questões acerca de Deus não se esgotam nestes exemplos expostos acima, mas transpassam mais de 2.000 anos de história do pensamento ocidental. Veremos adiante a questão acerca da existência de Deus tratada especificamente por Anselmo, Tomás de Aquino e Espinoza.

3.1 SANTO ANSELMO

Anselmo de Cantuária (c. 1033 -1109) nasceu em Aosta (Itália) e foi arcebispo da Cantuária desde 1093. Seu pensamento gira em torno da relação entre fé e razão, na qual a razão é usada para reforçar os caminhos da fé. Anselmo ficou conhecido por elaborar o argumento ontológico da existência de Deus e, assim, é considerado o primeiro grande pensador da escolástica.

A prova ontológica consiste em deduzir a existência a partir do conceito de Deus, ou seja, se Deus pode ser pensado de modo integral é necessário que ultrapasse os limites do intelecto (*esse in intellectu*) e efetivamente seja real (*esse in re*). Assim, "esse argumento consta de dois pontos: 1º) o que existe na realidade é 'maior' ou mais perfeito do que o que existe só no intelecto; 2º) negar que aquilo de que não se pode pensar nada de maior existe na realidade significa contradizer-se" (ABBAGNANO, 2007, p. 309).

FIGURA 61 - SANTO ANSELMO

FONTE: Disponível em: <http://ststephenshouseoxford.blogspot.com.br/2009_10_01_archive.html>. Acesso em: 26 out. 2013.

Desta maneira, não sendo possível acrescentar nada ao conceito de Deus, pois ele já demonstra completamente a sublime perfeição divina, deduzimos que algo tão perfeito existe necessariamente. O argumento ontológico define a existência de Deus *a priori*, isto é, pela lógica discursiva dos argumentos e a força da conclusão. Mas, este argumento não foi muito bem aceito pelos medievais que, a exemplo de Tomás de Aquino, preferiam os argumentos *a posteriori* da prova da existência de Deus.

A PRIORI, A POSTERIORI

Com esses dois termos foram designados os elementos das três distinções seguintes: 1º) a distinção entre a demonstração que vai da causa ao efeito e a que vai do efeito à causa; 2º) a distinção entre os conhecimentos que podem ser obtidos com a razão pura e os conhecimentos que podem ser obtidos com a experiência; 3º) a distinção entre tautologias e verdades empíricas (ABBAGNANO, 2007, p. 85).

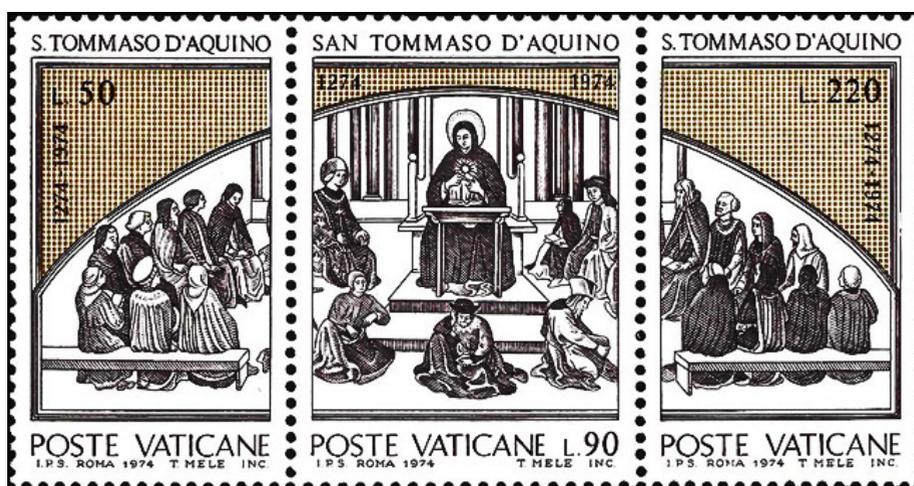
Porém, alguns modernos aceitaram e desenvolveram este pensamento acerca de Deus. Descartes foi o pensador que mais destaque teve na continuidade da argumentação ontológica em favor da existência divina, seguido por Leibniz. Estes modernos pensadores tinham como horizonte a lógica matemática, a dedução e a geometria.

A crítica kantiana acusou o argumento ontológico da prova da existência de Deus de contraditório, pois pensar a existência de Deus já seria pensar algo além do simples conceito formal de Deus. Por outro lado, a existência divina acrescenta ao conceito de Deus as experiências possíveis contradizendo o próprio conceito que define Deus além de todas as experiências possíveis.

Hegel, no entanto, afirmou a identidade do conceito de Deus com Sua existência, pois somente o conceito de Deus possui por natureza ou definição a necessidade da existência divina, apoiando esta definição pela concepção hegeliana de experiência, que afirma a diferença entre conceito e experiência somente do ponto de vista do tempo. O pensamento de Anselmo foi influência para as discussões posteriores que surgiram em razão da questão acerca de Deus, ora gerando continuidade da argumentação ontológica, ora sendo combatido através de novas formulações acerca da compreensão do mundo real.

3.2 TOMÁS DE AQUINO

Tomás de Aquino (c. 1224-1274) é o pensador mais importante da escolástica, nasceu em Nápoles e foi professor na Universidade de Paris, entre outras. Enquanto Anselmo elabora seu pensamento a partir da obra de Agostinho, Tomás de Aquino retoma a filosofia aristotélica relacionando os principais argumentos à filosofia cristã.

FIGURA 62 – SÉRIE COM 3 VALORES EMITIDA EM FORMATO SE-TENANT PELA CIDADE DO VATICANO, EM 1974, CUJA IMAGEM MOSTRA NO CENTRO DO TRÍPTICO SÃO TOMÁS DE AQUINO COM AURÉOLA E ESTUDANTES EM VOLTA

FONTE: Disponível em: <http://www.girafamania.com.br/historia_arte/historia_artemedieval.html#tomas>. Acesso em: 17 out. 2013.

A obra mais famosa de Tomás de Aquino é a *Suma Teológica,* compondo a sua vasta produção intelectual, fruto dos anos de ensino universitário. A prova da existência de Deus tomista reflete sua influência aristotélica e árabe, pois se volta para a realidade natural e o questionamento acerca de Deus (Ser) em relação com o mundo empírico da natureza sensível.

O argumento tomista afirma que o ser se distingue entre possível e necessário, na qual a cadeia causal de possibilidades remete a uma causa necessária que existe por si mesma (*ex possibili et necessario*). A prova da existência de Deus consiste na ideia de que, se algo existe, logo existe o Ser necessário, pois o ser possível não existe por si mesmo e apresenta a necessidade de que algo além de si mesmo exista necessariamente.

Assim como no pensamento aristotélico, o argumento tomista defende que Deus é o Ser necessário. Este argumento, que prova a existência de Deus, foi o mais aceito e também o mais discutido até a modernidade. Kant o critica afirmando que a prova tomista é uma prova cosmológica que esconde seu caráter ontológico. As noções de possível e necessário são apenas conceitos e a relação entre eles também é meramente conceitual, pois nem toda possibilidade implica a necessidade.

Tomás de Aquino elabora seu pensamento como resposta para as questões problemáticas encontradas em seus predecessores, em especial contra a corrente neoplatônica. Neste sentido, refuta a concepção de autoevidência da ideia de Deus agostiniana postulando que a mesma é circular e incompleta. A concepção de autoevidência pressupõe que não haja diferença entre existir no intelecto e existir na realidade.

Portanto, se a ideia de Deus não é autoevidente, ela precisa ser demonstrada para ser conhecida, pois a fé pressupõe a razão. Conhecer Deus é questionar acerca de seus efeitos no mundo, estes não determinam a essência de Deus, mas demonstram sua existência. A existência de Deus (infinito) é provada pela existência das coisas no mundo (finito), podemos conhecer completamente as coisas (efeitos), mas a essência de Deus não pode ser conhecida totalmente pela razão humana.

A prova da existência de Deus tomista retoma a argumentação aristotélica e constitui a partir de cinco vias de argumentação a demonstração da existência de Deus, através da análise dos seus efeitos no mundo natural (MARCONDES, 2000).

1- O movimento foi definido por Aristóteles como a passagem da potência ao ato. Determinando que tudo que se move é movido por outra coisa, que, por sua vez, é movida por outra coisa e assim até o infinito ou até o Primeiro motor imóvel; que dá partida gerando o movimento, entendido com Tomás de Aquino como Deus.

2- A causa eficiente determina que nada é causa eficiente de si mesmo, novamente para não subsumir ao infinito da rede causal, concluímos que exista uma Primeira causa eficiente que não necessita ter sido causada por algo distinto de si mesmo.

3- A necessidade e a contingência (argumento cosmológico) demonstram a necessidade da existência do cosmos (universo) e a contingência das coisas na natureza. Porém, se todas as coisas forem contingentes, contradizemos a necessidade da existência cosmológica do mundo. Portanto, é coerente que algumas das coisas que existem sejam necessárias, logo o Primeiro Ser é necessário.

4- Os graus determinam que todas as coisas sejam qualificadas segundo um termo comparativo, do pior para o melhor, do menos para o mais, do menor para o maior..., cujo parâmetro é sempre o máximo da realização, ou seja, a Perfeição própria de Deus.

5- A causa final (argumento teológico) que determina a orientação do universo e sua convergência integrada rumo a algo, ou seja, uma finalidade ou um propósito. Esta Causa final é Deus, entendida como a inteligência norteadora do mundo.

FIGURA 63 – SÃO TOMÁS DE AQUINO

FONTE: Disponível em: <http://www.juventudegoretiana.com/2012/01/santo-tomas-de-aquino.html>. Acesso em: 17 out. 2013.

Os conceitos aristotélicos foram reelaborados por Tomás de Aquino tendo como pano de fundo a crítica ao neoplatonismo e suas formas na patrística e no início do período medieval. A filosofia cristã de Agostinho tomava Deus como uma ideia autoevidente sem contato com a natureza mundana, o conhecimento de Deus é uma questão de fé.

Segundo Tomás de Aquino, este argumento é fraco, pois Deus não é uma ideia inata, precisamos estudar a natureza para buscar o conhecimento aproximado de Deus através da razão natural. O aristotelismo é revitalizado com o pensamento tomista trazendo consigo a valorização do estudo da natureza, desta forma, abriu as portas para o desenvolvimento das ciências e da própria filosofia.

3.3 ESPINOSA E A ORDEM DO MUNDO

Baruch (Benedito) Espinosa (c. 1632-1677) nasceu em Amsterdã, iniciou seus estudos na tradição judaica, sendo expulso da Sinagoga em 1653, em seguida prosseguiu seus estudos filosóficos de modo autônomo. Teve fortes influências do racionalismo cartesiano, como a crítica da filosofia e o fundamento do conhecimento constituído a partir das demonstrações racionais obtidas pelo método geométrico e pela dedução como metodologia (MARCONDES, 2000, p. 189-190).

A principal obra de Espinosa foi "A Ética: demonstrada pelo método geométrico", cujo núcleo de argumentação sistemática é a questão do Ser entendido a partir da ideia de substância. Seu pensamento foi posteriormente considerado um *teísmo* por ter definido a ideia de Deus como único Ser que existe apenas por si mesmo.

A concepção de Deus, neste sentido, é filosófica – metafísica e não teológica - religiosa, pois identifica a substância com a própria realidade natural (*Deus sive natura*):

> [...] os modos e atributos dessa substância, isto é, suas propriedades e características são, por sua vez, o que possibilita que a inteligência humana a apreenda, sobretudo os dois atributos centrais que nos são conhecidos, a extensão e o pensamento (MARCONDES, 2000, p. 190).

Devido a esta concepção extremamente racional, que entende Deus imanente à realidade como um princípio metafísico do mundo da natureza, Espinosa foi condenado como ateu.

FIGURA 64 – ESPINOZA. "STATUE OF BARUCH DE SPINOZA BY RUDOLF ROTH IN 1964. PLACED AT PARK 'T LOO IN VOORBURG BETWEEN HENDRIK VAN BOEIJENLAAN AND PRINS BERNHARDLAAN

FONTE: Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Baruch_de_Spinoza_Rudolf_Roth_Park_tLoo_Voorburg.jpg>. Acesso em: 25 out. 2013.

Portanto, Deus na concepção espinozista garante que a realidade natural possa ser conhecida, pois fornece a possibilidade de realizar uma analogia entre a ordem das coisas no mundo e a ordem das ideias no homem. O critério de verdade, neste sentido, se dá através da coerência entre substância pensante (ideias) e substância extensa (coisas/corpos) formando integralmente uma unidade.

Segundo Espinosa, precisamos distinguir dois modos de entender a natureza: *naturante* e *naturada*. A primeira afirma que Deus é a causa livre, isto é, existe e é concebido por si mesmo, justificada pela sua essência eterna e infinita; a segunda afirma que todas as coisas naturais possuem a necessidade de Deus (todos os atributos da substância) para existir. O mundo, portanto, é composto, formando um sistema (geométrico) no qual a racionalidade garante a coerência interna do sistema natural.

FIGURA 65 – GEOMETRIA

FONTE: Disponível em: <http://maestroviejo.wordpress.com/2013/06/05/en-busca-de-los-dioses-lineas-ley/>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Enquanto Deus é causa livre, o homem, por sua vez, também pode agir livremente, desde que busque conhecer as conexões naturais entre as coisas, e assim, pode reconhecer e aceitar (racionalmente) as coisas como são determinadas. Esta busca, no entanto, requer que o homem contemple a substância infinita de modo tranquilo, sem conflitos internos ou externos, possível apenas pelo amor intelectual a Deus. A originalidade do pensamento de Espinosa não foi bem aceita pelos seus contemporâneos, como Descartes e Leibniz. Suas ideias foram criticadas por cristãos, judeus e racionalistas, sendo reconhecidas apenas no declínio do racionalismo moderno.

RESUMO DO TÓPICO 1

Vimos neste tópico que:

- A metafísica para a história da filosofia, especialmente no período medieval, é a estrutura fundamental que permite o desdobramento das questões acerca de Deus.

- Os pensadores medievais buscaram na herança grega antiga as bases para apoiar e construir as principais argumentações acerca da relação entre o Ser primordial e o mundo.

- Os primeiros padres intelectuais foram os apologistas, que inauguraram um novo campo de discussões acerca de Deus, possibilitando, assim, o período denominado patrística.

- O principal pensamento da patrística foi de Agostinho, que afirmava Deus como a ideia autoevidente mais perfeita, assim, Deus existe no intelecto e é pressuposta sua existência real.

- Após a patrística houve o período chamado escolástica, cujo principal expoente é São Tomás de Aquino, que se contrapôs ao primeiro grande pensador da escolástica, Santo Anselmo. Tomás seguia a concepção aristotélica de demonstração a *posteriori* e Anselmo seguia a concepção neoplatônica de conhecimento intelectual apriorístico.

- Houve um salto cronológico para estudar o polêmico pensamento de Espinosa, que, apesar de afirmar Deus, se desviou da teologia cristã e propôs um racionalismo extremo ao evitar a fé, que não pode ser demonstrada geometricamente.

AUTOATIVIDADE

1 Explique a diferença entre o conceito de homem político e o conceito de homem universal.

2 Qual a doutrina desenvolvida por Santo Agostinho?

3 Explique os três modos de compreender Deus a partir dos seus efeitos no mundo.

4 Qual a principal distinção entre os pensamentos de Santo Anselmo e São Tomás de Aquino?

5 Explique, segundo Espinosa, as concepções de natureza naturada e natureza naturante.

OS GRANDES SISTEMAS METAFÍSICOS DA MODERNIDADE

1 INTRODUÇÃO

Estudaremos, neste tópico, os pensadores ligados às principais questões metafísicas na modernidade, que tiveram como horizonte de estruturação o modo sistemático e lógico de procedimento na análise rigorosa do fundamento da realidade, isto é, do conhecimento verdadeiro acerca do mundo. Para tanto, escolhemos quatro filósofos para representar as discussões e implicações da metafísica na modernidade, são eles: Descartes, Leibniz, Wolff e Hegel.

FIGURA 66 - TEMPOS MODERNOS

FONTE: Disponível em: <http://expressaolivremairi.blogspot.com.br/2012/08/modernidade-e-modernismo.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Descartes é o fundador da metafísica baseada no sujeito do conhecimento como fundamento ou ponto de partida para a estruturação da realidade. Leibniz sistematizou a realidade a partir da sua teoria das mônadas. Wolff retomou os argumentos de Leibniz e ampliou a compreensão das relações entre as mônadas, qualificando-as gradualmente. Enfim, Hegel tornou-se o último grande pensador sistemático, construindo uma estrutura lógica fechada de correspondência entre os campos epistêmico e ontológico. Através do método fenomenológico, a filosofia

reivindicou para si o posto de Saber Absoluto da Totalidade por meio da lógica – dialética que conduz à evolução da consciência até a fase mais alta, ou seja, a verdade imanente à realidade.

2 METAFÍSICA CARTESIANA

René Descartes (1596-1650) nasceu na França, em 1618. Alistou-se pela primeira vez nas tropas de Maurício de Nassau (Holanda), retornando para Paris somente para receber a herança de sua falecida mãe. Dedicou-se aos estudos de modo autônomo desde a conclusão do ensino secundário. Estudante inquieto, buscava o conhecimento verdadeiro com fundamentos fortes. Descartes escreveu livros e cartas filosóficas, suas obras mais conhecidas são *O discurso sobre o método* (1637) e *As meditações metafísicas* (1641), mas em 1662, todas as suas obras foram proibidas e listadas no *Index* pela Igreja.

FIGURA 67 - DESCARTES

FONTE: Disponível em: <http://www.veteranstoday.com/2013/09/09/descartes-and-western-civilization-individualism/>. Acesso em: 11 nov. 2013.

O período histórico do século XVI, chamado de Renascença, foi de extrema incerteza devido às críticas da filosofia aristotélica, e consequentemente da teologia tomista, e ainda do grande número de adeptos do ceticismo de Montaigne. Incertezas engatilhadas pelas mudanças políticas e sociais, reforçadas pelas ideias de Galileu e as descobertas de Copérnico, que abalaram os princípios aristotélicos acerca da ciência.

NOTA

"Michel de Montaigne nasceu em 1533 perto de Bordeaux, [...]. O otimismo e a confiança nas possibilidades humanas já não eram os mesmos e a Europa se desestabilizava em consequência dos conflitos entre católicos e protestantes. Esse ambiente refletiu-se na produção do filósofo, marcada pela dúvida e pelo ceticismo [...]".

FONTE: FERRARI, Marcos. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-montaigne-307588.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2013.

"A noção geral de movimento muda de significado. Galileu o relativiza, definindo-o como 'deslocamento de uma coisa em relação a outra'. Ou seja, aquilo que determina se um corpo está em movimento ou não, é outro corpo, tomado como referencial. E, se o movimento é relativo, não possui nenhuma finalidade (que, para Aristóteles, era o repouso). A natureza não tem causa formal" (ABRÃO, 1999, p. 193).

Decepcionado com as ideias que encontra nos livros, Descartes questiona acerca da realidade do mundo. O conhecimento dos livros teria alguma validade se o mundo fosse apenas uma ilusão ou um sonho?

Assim, projeta uma forma de encontrar o conhecimento verdadeiro, vivendo, buscando a partir de si mesmo a verdade através de suas viagens por culturas diferentes enquanto participava das batalhas de guerra. Pôde, assim, perceber que os hábitos mudavam de uma cultura para outra e a verdade não poderia ser baseada na cultura.

Descartes conclui que é preciso encontrar um método que assegure a verdade, já que a cultura e os hábitos não são confiáveis, propondo que a investigação se concentre em como o homem conhece, ou seja, no modo em que o conhecimento é produzido. Neste sentido, instala-se em seu quarto, retornando de suas viagens, e se esforça em afastar da mente todas as coisas e ideias que pudessem gerar um mínimo de perturbação ou dúvida, até chegar a algo que seja indubitável.

FIGURA 68 - DÚVIDA

FONTE: Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-vocacional/consulte-orientador/estou-duvida-engenharia-mecatronica-administracao-curso-devo-fazer-680444.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

A dúvida para Descartes é positiva, pois, tomada como método sistemático, não recai na dúvida cética que duvida apenas por duvidar, pois a dúvida radical coloca à prova a existência ou realidade de um pensamento. Assim, os objetos do pensamento são todos duvidosos, mas poderíamos duvidar do próprio ato de pensar? O método rigoroso e exagerado cartesiano cria a dúvida hiperbólica como critério de exame para todas as coisas. Chegamos a uma certeza, de que a dúvida como método pode ser aplicada para certificar o conhecimento verdadeiro. O método cartesiano inaugura a nova ciência moderna.

Para duvidar de tudo foi preciso que Descartes incluísse no exame o caráter de Deus, ou seja, poderia ser que ao invés de um Deus benéfico e criador tivéssemos no princípio de tudo um Gênio maligno e enganador. Sendo Deus de qualquer forma, o ato de duvidar dele prova que existe algo (sujeito) que duvida. Em todas as hipóteses, para saber se o Gênio ou Deus poderia enganar ou não, existe anteriormente o pensamento que pode (ou não) ser enganado, assim necessariamente existe algo que pensa que pensa.

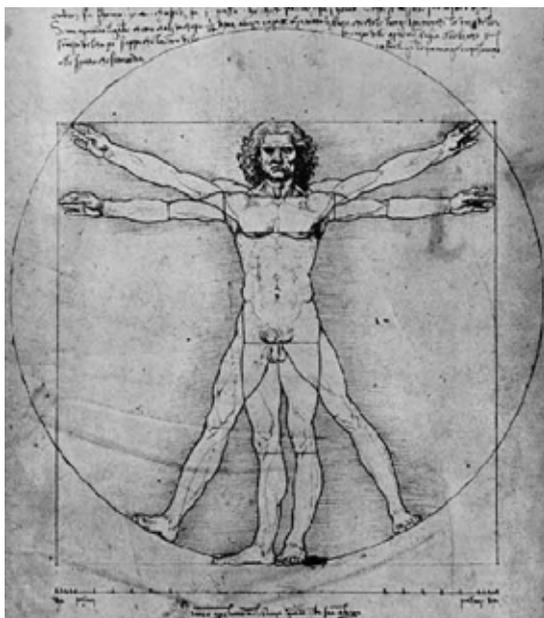
Ainda que duvidasse da dúvida, não deixaria de haver a própria dúvida, assim, existe algo que duvida: o pensamento. Esta é a primeira certeza encontrada pelo método cartesiano: “Penso, logo existo” exposta na obra Discurso do Método. Todas as demais certezas só podem ser encontradas a partir da primeira certeza fundamental.

FIGURA 69 - MAFALDA

FONTE: Disponível em: <http://www.otachodapepa.com/2013/07/responsabilidade-social.html>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Neste sentido, para existir é preciso antes pensar. Mas a pura constatação da existência não garante a verdade das proposições criadas pelo pensamento. Estas proposições precisam passar pelo método da dúvida radical e somente aquelas que foram absolutamente evidentes, claras e distintas serão verdadeiras. O critério de conhecimento verdadeiro é a evidência que determina a clareza total da ideia e seu aspecto de identidade que não a deixa ser confundida ou misturada com nenhuma outra ideia.

Porém, o que é essa coisa que pensa? Como definir indubitavelmente o "eu pensante"? O que sou eu?

FIGURA 70 - HUMANO

FONTE: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222005000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Avaliando sob o critério da dúvida hiperbólica, o eu que pensa não poderia ser um mero corpo, pois o corpo está sempre contaminado pelos desejos e assim é corruptível, podendo ser apenas mais uma ilusão do Gênio enganador. Se aquilo que pensa não é um corpo (*res extensa*), o que seria então?

Eu penso, logo existo enquanto dura o tempo em que estou pensando. Se não penso, não existo. Concluímos que aquilo que pensa é uma consciência, um entendimento ou uma razão, assim, eu sou uma substância pensante (*res cogitans*) definindo o eu penso como o *cogito*.

A questão problemática que se apresenta agora é: como romper os limites do isolamento do ser pensante? Temos a certeza de que existe o eu que pensa enquanto natureza incorpórea, mas este mesmo eu que pensa deve pensar sobre diversas coisas corpóreas do mundo e acerca do próprio mundo.

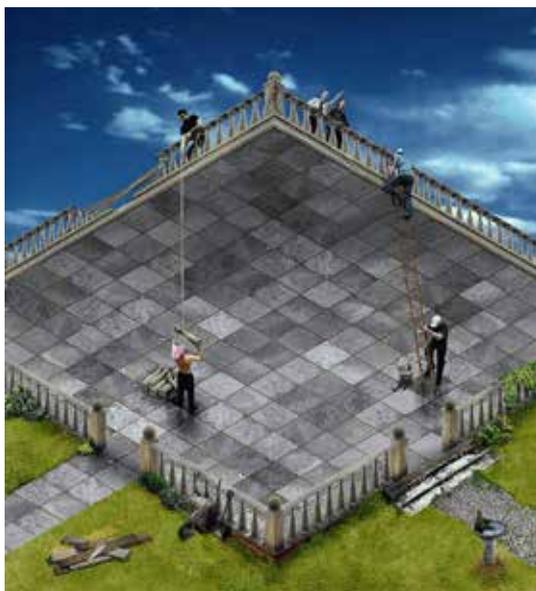
De todas as ideias que podem ser pensadas há uma em especial que é aprovada pelo critério da evidência, pois não depende do mundo nem do *cogito* para existir: a ideia de Deus. O *cogito* poderia produzir ilusões acerca das coisas do mundo. As coisas do mundo podem elas mesmas ser ilusões, mas a ideia de Deus (*res infinita*) não está enraizada no mundo, ou seja, não há causa para Deus no mundo. Portanto, se a causa da ideia de Deus é externa ao *cogito*, de onde surge a ideia deste ser infinito?

Todas as ideias possuem uma causa, se não há nada no mundo que possa fornecer a ideia de infinito, que também não foi produzida pelo próprio *cogito*, deve haver precisamente algo exterior que imprime na mente a ideia de infinito (Deus). Conforme Abrão (1999, p. 199):

> A ideia que o *cogito* tem de Deus é, nessa medida, o efeito de uma causa que lhe é exterior. E, como 'deve haver ao menos tanta realidade na causa quanto em seu efeito', à existência, no *cogito*, da ideia de Deus, só pode corresponder à existência de fato de Deus. Ele é uma substância, mas distinta do *cogito*; é uma substância infinita, *res infinita.* A essa prova da existência de Deus, Descartes acrescenta outra, muito semelhante à de Santo Anselmo: a existência é uma das perfeições e, por isso, uma substância perfeita necessariamente deve existir de fato.

Desta maneira, Descartes prova a existência de Deus, através do argumento citado acima que fundamenta a ideia de perfeição. A existência do pensar acerca do perfeito prova que "algo" deve existir necessariamente que tenha fornecido a causa da existência de um pensamento ou ideia de perfeição.

Mas, como saber se esse Deus que acaba de ser provado existencialmente não é aquele Gênio enganador justamente ludibriando os pensamentos? Descartes afirma que se a ideia de perfeição existe porque penso acerca dela, se não podemos encontrar causa para sua existência no mundo, logo a ideia de perfeição existente prova também que sua causa é a perfeição, assim, provado pelo seu efeito a causa maior somente pode ser Deus. O gênio enganador é um efeito das ilusões do mundo nos pensamentos.

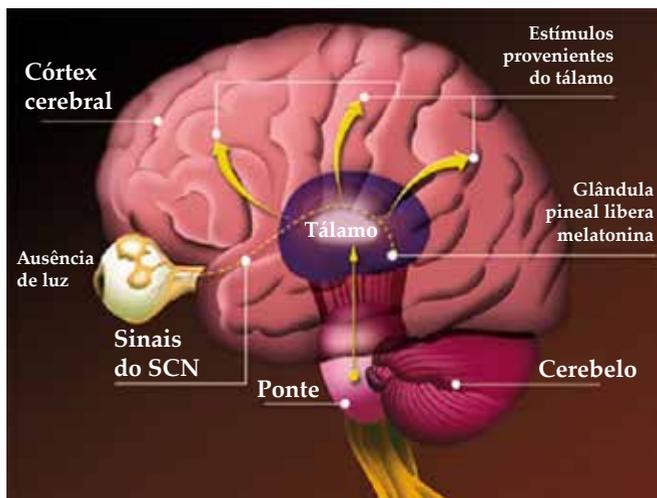
FIGURA 71 - ILUSÕES - "PINTURA DE MAURITS C. ESCHER" (HOLANDA, 1898-1972)

FONTE: Disponível em: <http://www.amattos.eng.br/>. Acesso em: 11 nov. 2013.

O *cogito* (eu penso) rompe as barreiras do seu isolamento no próprio pensar e se conecta com sua causa maior garantindo a existência do pensar para mais do que um simples ato momentâneo do eu penso. Pois, se existo apenas enquanto penso; se não penso, logo não existo. Neste sentido, garantimos também a existência da *res extensa*, ou o mundo (que não pensa), já que são obras da criação de Deus.

As ideias claras e distintas da *res extensa* são fundamentadas na geometria que prova desta forma a existência de coisas que possuem extensão, ou seja, largura, comprimento, altura e movimento. As propriedades geométricas das coisas fornecem os dados necessários para configurar suas relações no mundo de modo mais fundamental. Desta forma, para conhecer o mundo é preciso aplicar metodologicamente os cálculos geométricos, instituindo o lugar de destaque da matemática entre as ciências ou formas de saberes acerca do mundo extenso.

Porém, a matemática que definiu a forma fundamental de saber rigoroso é uma Matemática Universal (*mathesis universalis*), entendida como reunião ou estudo das matemáticas geométrica, algébrica e aritmética. A matemática ou ciência universal é uma forma de geometria analítica mais profunda, baseada na redução das coisas extensas às medidas comuns mais simples possíveis e quantificáveis; que possam fornecer os dados para entender as relações entre as coisas e, assim, compará-las.

No entanto, resta uma questão a ser definida, a saber: como o *cogito* se conecta com as coisas extensas, ou seja, como a alma acessa os corpos? Descartes define a relação entre alma e corpo como coisas coexistentes apesar de distintas que compõem, ou integram o todo denominado homem. A conexão entre alma e corpo acontece através da glândula pineal, órgão situado na parte inferior do cérebro humano.

FIGURA 72 - A GLÂNDULA PINEAL

FONTE: Disponível em: <http://praticascomplementaresasaude.blogspot.com.br/2013/04/a-glandula-pineal-e-serotonina.html>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Descartes inaugurava, a partir de suas reflexões e fundamentações metafísicas, a distinção entre o eu que pensa, ou seja, o sujeito capaz de produzir pensamentos, e o objeto de seus pensamentos, ou seja, o mundo exterior e extenso ou, ainda, a natureza. Tornando esta forma de entendimento o horizonte de pesquisas e explicações acerca das relações entre as coisas que compõem o mundo. O pensamento metafísico moderno se inicia fundamentado pelo método rigoroso e seguro de conhecimento científico, formando o núcleo das explicações acerca da natureza ao nosso redor.

3 A TEORIA DAS MÔNADAS DE LEIBNIZ

O pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) é, antes de qualquer coisa, uma concepção metafísica que antecipa as principais questões da filosofia contemporânea da linguagem e da mente (Gottlob Frege e Bertrand Russell). Leibniz nasceu em Leipzig, na Alemanha, foi um fértil autor de vasta obra, distribuída em artigos, opúsculos e tratados científicos. As três principais publicações são *O discurso de metafísica* (1686), a *Teodiceia* (1710) e a *Monadologia* (1714).

As ideias de Leibniz formaram uma forte crítica às concepções filosóficas dos empiristas ingleses, de Espinoza e principalmente as cartesianas. Contra Descartes, afirmava que a certeza se estrutura através de graus de maior ou menor evidência. Assim, a simples constatação da evidência não é suficiente para determinar a verdade baseada na clareza e distinção de uma proposição; sendo preciso estudar os graus de clareza e evidência.

FIGURA 73 - SELO COMEMORATIVO ALEMÃO – 1996

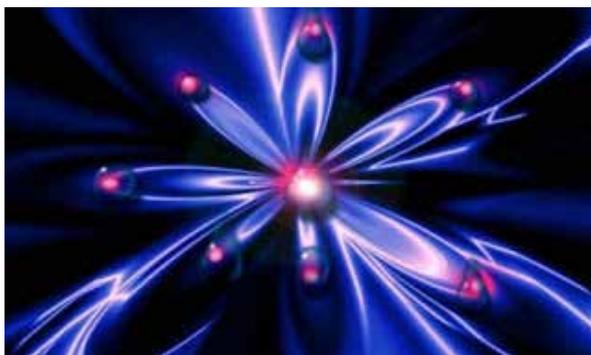
FONTE: Disponível em: <http://www.kerryr.net/pioneers/gallery/ns_leibniz8.htm>. Acesso em: 13 nov. 2013.

O racionalismo de Leibniz desloca o núcleo da subjetividade para a razão e a lógica. A clareza de uma afirmação não pode ser medida pelo sujeito (eu) como critério de força maior (psicologismo); a clareza é uma questão de aceitação ou negação de uma afirmação medida por suas razões.

Neste sentido, o conhecimento verdadeiro (*mathesis universalis*) é expresso por uma linguagem científica rigorosa, ou seja, um sistema lógico – simbólico perfeito – *characteristica universalis* – (MARCONDES, 2000, p. 193). O conhecimento verdadeiro é uma análise dada *a priori* a partir de uma linguagem universal, ou o mais próximo da perfeição lógica, em que todas as proposições pudessem ser testadas e comensuradas por melhores razões.

A filosofia possui a função de integrar os elementos constituintes do universo. O racionalismo de Leibniz prova que o argumento dos empiristas, segundo o qual "nada há no intelecto que não tenha antes estado nos sentidos", é logicamente falho, pois as razões são obtidas através do cálculo. O sujeito pensante é destituído do privilégio de fundamento do conhecimento ou realidade, somente a razão como necessária implica a realidade.

A *monadologia* ou teoria das mônadas de Leibniz é uma explicação acerca do elemento mais simples de constituição do universo (universalismo); sendo fundamental, inextensa e indivisível, pode ser considerada uma unidade espiritual. A mônada é um átomo eterno gerado diretamente da vontade de Deus, ou seja, nascem sequencialmente como relâmpagos.

FIGURA 74 - ÁTOMO

FONTE: Disponível em: <http://portalcienciaecultura.blogspot.com.br/2010/06/o-conceito-de-elemento-quimico.html>. Acesso em: 13 nov. 2013.

Cada uma delas é imperecível e inabalável, constituem a força da totalidade do universo reunido por uma harmonia que conecta todas as mônadas umas às outras. Existem, neste sentido, diversos níveis ou qualidades de mônadas, distintas entre si, constituem desde a alma até a matéria do mundo.

A primeira vez que o termo 'mônada' foi empregado em 1591, por Giordano Bruno, teve o sentido de um elemento mínimo constituinte da totalidade das coisas. Posteriormente, Leibniz retomou essa ideia e a reformulou designando as mônadas como forças potenciais distintas ou perspectivas diversas acerca do universo, pois não é possível que existam dois 'seres' exatamente iguais.

Leibniz emprega este termo para definir como são constituídas as estruturas fundamentais que garantem a realidade do universo, assim, sua possibilidade de ser conhecido de modo verdadeiro. A teoria das mônadas garante que possamos compreender como se constitui o universo ao nosso redor. Através do estudo das unidades primitivas mais próximas da fonte primordial da harmonia do universo, atingimos o mais próximo de Deus, enquanto unidade primitiva originária.

Existe, portanto, uma harmonia hierarquizada entre as distintas mônadas, desde a mais inferior ou inanimada até a Suprema Mônada, ou seja, Deus. Contra a ideia de Espinosa, que afirmava em seu monismo uma identidade entre Deus e a realidade, segundo Leibniz, Deus é o último degrau que constitui a realidade do mundo. A ordenação hierárquica entre as mônadas constitui o melhor dos mundos possíveis.

O conhecimento fundamentado nas verdades da razão é sempre necessário, portanto, *a priori* e lógico ou sustentado pelo princípio da identidade e da não contradição. Porém, existe ainda o conhecimento contingente obtido através da experiência, ou seja, as verdades de fato que são baseadas no princípio da razão suficiente. A metafísica de Leibniz institui o campo das análises a partir da linguagem (lógica–simbólica) baseado no modelo matemático. O racionalismo extremo projetou um horizonte otimista determinando a necessidade de vivermos no melhor dos mundos possíveis.

4 A ONTOLOGIA WOLFFIANA

Christian Wolff (1679-1754) interpretou e sistematizou a concepção da realidade de Leibniz. A filosofia, segundo a concepção de Wolff, é a ciência de todas as coisas possíveis, responsável pela integração cosmológica composta de substâncias simples de potencial dinâmico.

Neste sentido, a filosofia é fundamentalmente uma ontologia, ou seja, o estudo analítico do ser das coisas. A ontologia é o campo do saber que se fundamenta pela noção de identidade e pelo princípio de não contradição como condicionantes da realidade de uma coisa no mundo. Por isso, encontra as razões necessárias que implicam a realidade da proposição, ou seja, a sua verdade; mas a experiência não alcança o grau de certeza da teoria filosófica–científica, pois é apenas um conhecimento provável, ou seja, de grau inferior.

A ontologia de Wolff baseada no racionalismo influenciou o Iluminismo subsequente, devido à distinção apontada entre a metafísica ontológica científica, lógica ou artificial e a metafísica ontológica natural, de uso comum ou vulgar, produto dos raciocínios naturais do intelecto humano. Desta maneira, priorizando o conhecimento abstrato, mas subsidiando as conexões deste com a experiência, Wolff pôde amenizar os conflitos entre metafísica e experiência.

A metafísica ontológica é uma ciência rigorosamente demonstrativa e sistemática que possui como objeto os entes e suas determinações de dois modos distintos: absolutamente e a partir de certas condições empíricas, ampliando o alcance metafísico, como ciência descritiva empirista, ainda que apriorística e dedutiva.

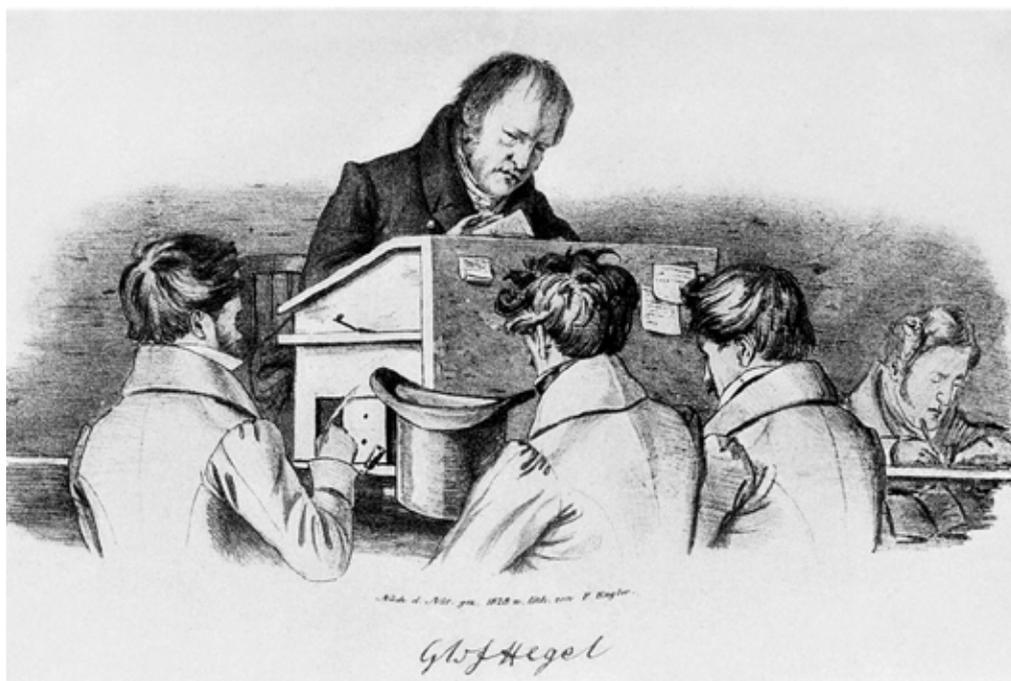
Além da metafísica ontológica, Wolff define outros três tipos de metafísicas: teológica, psicológica e física, que possuem objetos específicos, a saber: Deus, a alma humana e as coisas naturais (ABBAGNANO, 2007). Na dimensão psicológica distingue a psicologia empírica e a psicologia racional. Apesar do racionalismo extremo de Wolff ter sido criticado por Kant e pelos empiristas, mas reconhecido pelos pesquisadores da linguagem, o pensamento lógico–sistemático foi também retomado pelo filósofo que criou o maior sistema filosófico moderno, Hegel. Wolff foi considerado o pai do Iluminismo (Aufklarüng).

5 HEGEL E O OBJETO DA FILOSOFIA

O filósofo alemão Hegel (1770 -1831) foi o mais influente pensador sistemático do período moderno, criou um edifício de saberes a partir da lógica e do rigor da ciência lógica aplicada à filosofia, considerado o último sistema filosófico da história. A obra sistemática implica a integração de todos os temas e questões pertinentes à filosofia, ou seja, o pensamento hegeliano exige uma compreensão do todo como suporte para os saberes específicos que o compõem.

NOTA

"Georg Wilhelm Friedrich Hegel, talvez o mais importante filósofo alemão do séc. XIX, nasceu em Stuttgart em 1770, estudou no seminário protestante de Tübingen, mas logo abandonou a pretensão de se tornar pastor; porém, uma de suas primeiras obras foi uma *Vida de Jesus* (1795) e entre 1798-99 escreveu *O espírito do cristianismo e seu destino*. Professor na Universidade de Jena, assistiu ao assédio da cidade pelas tropas de Napoleão (1806) e durante esse período redigiu a *Fenomenologia do espírito* (1806-07). Enquanto diretor do Liceu de Nuremberg, escreveu a *Ciência da lógica* (1812-16). Em seguida, tornou-se catedrático na Universidade de Heidelberg, quando redige a *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1817). Sucede a Fichte (ver III.9.B) como catedrático na Universidade de Berlim, o coroamento de sua carreira acadêmica, ministra uma série de cursos, frequentados por numeroso público, que serão posteriormente publicados como *as Lições de história da filosofia, Lições de Estética, Lições de filosofia da religião e Lições de filosofia da história, bem como escreve os Princípios da filosofia do direito*. Em 1829, no auge de seu prestígio intelectual, torna-se reitor da Universidade de Berlim, e em 1831 morre de cólera" (MARCONDES, 2000, p. 216).

FIGURA 75 - HEGEL

FONTE: Disponível em: <http://www.hegel-gesellschaft.de/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

O fundamento do sistema hegeliano de conhecimento ou explicação filosófica-científica do mundo é o sujeito pensante, ao modo cartesiano, isto é, a consciência que sabe que pensa. Porém, a retomada do horizonte subjetivo pós–kantiano, com a crítica hegeliana ao sujeito transcendental de Kant, ampliou a exigência de profundidade na compreensão do "eu" pensante, tornando necessária a investigação acerca da constituição, estrutura e funcionamento do processo subjetivo de conhecimento.

O objeto da filosofia torna-se o saber Absoluto, deslocando a questão fundamental do campo exclusivamente epistemológico para o campo fenomenológico, isto é, uma ontologia que engloba uma epistemologia, como modo mais seguro para garantia da compreensão da verdade imanente à realidade. Assim, para conhecer sistematicamente é preciso também investigar rigorosamente a si mesmo, como auge da consciência na manifestação da autoconsciência do espírito.

Enquanto Kant parte do sujeito conhecedor, Hegel propõe investigar o núcleo formador do sujeito, isto é, a consciência de si, única via que sustenta a validade de um conhecimento Absoluto. Portanto, a consciência crítica precisa voltar para si mesma e se autorrefletir como parte do processo de conhecimento sistemático.

FIGURA 76 – SELO DE CORREIO ALEMÃO EMITIDO NO 200º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE GWF HEGEL

FONTE: Disponível em: <https://pedromotablog.wordpress.com/2014/10/15/idealismo-hegel-versus-materialismo-marx-o-problema-fundamental-da-filosofia/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

No pensamento hegeliano não há a dicotomia kantiana entre a realidade e o intelecto consciente, assim, a consciência já é o próprio saber Absoluto, mas que ainda não se reconhece. O Absoluto é o verdadeiro ou a consciência da realidade, a lógica ou razão imanente à realidade. Tomado como objeto da fenomenologia, integra em sua sistemática tanto a epistemologia quanto a ontologia metafísica.

O saber proposto pelo método fenomenológico constitui-se de um processo formador da história da consciência que o espírito faz de si mesmo, desde os dados gerados na experiência sensível, até atingir a pura abstração do saber Absoluto. O conhecimento verdadeiro acontece quando se define a identidade ou coincidência entre a coisa–em–si e a coisa–para–si. A totalidade do Absoluto e sua identificação com a própria realidade das coisas pode ser considerada uma metafísica teológica, na qual Deus é o objeto da filosofia.

A consciência progride evolutivamente, enquanto caminha passo a passo na produção de sua própria história, compondo a história em geral. Todos os objetos de conhecimento da consciência possuem no seu interior uma estrutura dialética que define a distinção entre o ser –em–si (essência) e o ser–para–nós (manifestação). Este procedimento dialético possibilita o conhecimento a partir de fases alternadas entre o positivo e o negativo, compondo o sistema que engloba todas as fases e promove a superação das inferiores pelas superiores, formadas durante o processo da consciência.

A realidade é um fator gerado pela própria consciência ao atuar por meio da dialética, rompendo a distância entre o seu interior e o exterior. Neste sentido, é na ação que a consciência pode realizar-se em três graus distintos: o primeiro, da consciência sensível, atua tomando como conhecimento verdadeiro da realidade as apreensões da percepção sensível; o segundo, do entendimento, atua como alteridade entre a consciência e a consciência de si, que a desloca para a posição de objeto de si mesma; no terceiro, a distância entre a consciência e a realidade é testada ao limite da insatisfação com a natureza e a própria infelicidade.

Nasce assim o pensamento filosófico que atua transformando a consciência a partir do entendimento dos seus próprios atos, interiorizando aquilo que lhe era exterior. A consciência como espírito subjetivo sofre uma metamorfose e se apresenta como espírito objetivo, a partir desta fase o conhecimento verdadeiro ou realidade se manifesta por meio da moral, do direito e da história. Após esta fase, do espírito objetivo, surge o espírito Absoluto, que, por sua vez, se manifesta por meio da religião, da arte e da filosofia, numa última fase de realização da consciência (MARCONDES, 2000).

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você viu:

- Os quatro grandes sistemas metafísicos da modernidade.

- Estudamos os pensamentos de Descartes, Leibniz, Wolff e Hegel a partir das implicações para a compreensão filosófica acerca da realidade e da verdade. Desde o fundamento radical cartesiano definido pelo sujeito conhecedor numa conexão imediata com Deus identificado pela razão lógica e demonstrável no mundo físico pela geometria analítica.

- Passamos pelos sistemas de Leibniz e Wolff, que destituem o eu pensante e instituem a razão ou lógica como fundamento da realidade, pois ordena as unidades mínimas mais simples constituintes do universo. Até Hegel, que, por sua vez, constrói o último grande sistema filosófico da modernidade a partir de uma metafísica teológica que define Deus como o Saber Absoluto e a realidade um ato da consciência ao realizar-se na história de si mesma.

AUTOATIVIDADE

1 Explique as seguintes concepções: res extensa, res infinita e res cogitans, segundo o pensamento cartesiano.

2 Qual o objeto da filosofia e como alcançá-lo, conforme o pensamento de Hegel?

AS QUESTÕES METAFÍSICAS NA MODERNIDADE

1 INTRODUÇÃO

Estudaremos neste tópico as recepções das questões metafísicas no início do período moderno. Para tanto, abordaremos quatro correntes filosóficas que forneceram os subsídios para os desenvolvimentos modernos e pós-modernos das discussões dos temas metafísicos: o idealismo, o empirismo, o positivismo e o ceticismo.

Veremos que a metafísica perdeu seu *status* de ciência primeira após o período medieval, mas ofereceu o suporte necessário para as novas questões que se apresentavam nos campos da lógica, da epistemologia e da ontologia. As ciências tomaram o *status* de garantidoras da verdade em detrimento da metafísica, mas mesmo elas tiveram seus pontos fracos e seus problemas acerca de seus aspectos dogmáticos.

FIGURA 77 – ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, 1924 – TARSILA DO AMARAL

FONTE: Disponível em: <http://www.revistasina.com.br/portal/cultura/item/2597-o-surrealismo-de-tarsila-do-amaral>. Acesso em: 1414 nov. 2013.

2 O IDEALISMO E O EMPIRISMO

Leibniz introduziu o termo idealismo metafísico na história da filosofia ao estudar o mundo das ideias platônicas, por volta do século XVII, entendido como natureza espiritual da realidade. Porém, não foram prósperas as iniciativas neste sentido, o termo idealismo foi considerado mais pertinente aos campos epistemológico e romântico.

FIGURA 78 - DESCARTES ARGUMENTANDO COM A NOBREZA

FONTE: Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/02/o-racionalismo-cartesiano-no-contexto.html>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Segundo Wolff, o idealismo é definido como a teoria que nega a existência real dos corpos no mundo físico e afirma sua existência ideal em nosso espírito. Kant (1724-1804) formulou seu pensamento como uma crítica ao idealismo, afirmando a antecedência da experiência sensível e a construção, a partir dela, das ideias.

O pensamento kantiano é oposto ao idealismo, assim, critica os argumentos idealistas para justificar o seu realismo transcendental. Kant acusa o pensamento cartesiano de idealismo problemático e o pensamento de Berkeley (1685-1753) de idealismo dogmático, devido às suas abordagens da experiência empírica. No entanto, o idealismo romântico surge como uma abordagem crítica ao pensamento kantiano.

Schopenhauer (1788-1860) afirma que o mundo é constituído pelas nossas ideias ou representações, a partir de suas leituras e interpretações da obra kantiana. Assim, os leitores póstumos de Kant formularam correntes de críticas ao kantismo que culminaram no idealismo alemão pós-kantiano, desenvolvido pelos filósofos Fichte (1762-1814), Schelling (1775-1854) e Hegel (ABBAGNANO, 2007).

FIGURA 79 - SÃO PAULO, 1924 – TARSILA DO AMARAL

FONTE: Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/02/tarsila-do-amaral-em-80-obras/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

O idealismo absoluto alemão teve suas principais questões geradas no idealismo romântico. O núcleo epistemológico define que a realidade pode ser reduzida ao fundamento do eu, ou espírito transcendental, como princípio de todas as coisas.

O idealismo transcendental de Fichte é uma reformulação do duplo princípio da realidade kantiano para um princípio único, absoluto e ideal, pois nada pode possuir existência fora dele. Assim, o eu possui realidade própria anterior a qualquer objeto que possa ser tomado em ato.

Segundo Hegel, a filosofia é um idealismo absoluto ou subjetivo, pois possui em sua estrutura interna o princípio ou noção de infinito determinado como a verdade ou o ser superior. O infinito é, desta forma, a própria realidade existente, aquilo que se constitui pela finitude não possui realidade. O argumento idealista de Hegel contrapõe-se à perspectiva empirista de negação da verdade absoluta que condiciona a existência de conhecimento verdadeiro à experiência.

FIGURA 80 – AUTORRETRATO DE TARSILA DO AMARAL (MANTEAU ROUGE), 1923

FONTE: Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/09/01/frase-do-dia-tarsila-do-amaral/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Segundo Leibniz, o método empírico de conhecimento é oposto ao método racional-ideal, as ações e pensamentos baseados na experiência empírica são uma característica dos animais. Portanto, somente os homens dotados de razão são capazes de conhecer a realidade pela via da verdade, necessária e eterna, pois a experiência empírica é contingente, falha e provável.

Conforme Abbagnano (2007), podemos considerar quatro principais características do empirismo. A primeira delas é a negação do inatismo das ideias; a segunda é a negação de qualquer fundamento não verificável empiricamente (Suprassensível); a terceira é a exigência de comprovação atual, isto é, a presença de provas observáveis; e por fim, a quarta característica é o reconhecimento do fundamento humano do processo de conhecimento da realidade, isto é, o acesso à verdade imanente é limitado pela própria natureza humana.

Os principais conceitos desenvolvidos pela via empírica de epistemologia foram: evidência intuitiva, probabilidade, indução e experimento (ABBAGNANO, 2007). Assim, a razão é o instrumento de produção de ideias a partir da experiência.

3 O POSITIVISMO E O CETICISMO

A romantização da ciência é o núcleo formador da corrente filosófica de pensamento positivista. O advento das explicações científicas criou uma dimensão privilegiada para o método das ciências que forneciam boas soluções para as questões humanas, sociais e até espirituais. A primeira vez que o termo 'positivismo' foi usado designou o método próprio das ciências modernas, na obra de Saint-Simon (1760-1825).

As ciências estavam no auge da sua popularidade, assim, pretendiam guiar a vida em todos os sentidos, por exemplo, na política e na religião. As descobertas científicas pautavam os comportamentos sociais e subsidiavam a vida individual. O mundo ocidental do século XIX havia rompido seus laços com a metafísica e projetava um futuro em que as questões e soluções humanas fossem reduzidas à matéria observável e, assim, provável.

O positivismo apresentava o otimismo do progresso industrial, baseado nos avanços técnico–científicos, transformando a vida social humana materialmente e, assim, refletindo no modo em que os modernos viam as questões metafísicas e espirituais. Podemos distinguir dois tipos de positivismo, o primeiro deles é o positivismo social, que define a ciência empírica como único fundamento da organização social; e o segundo deles é o positivismo evolucionista, que projeta o avanço científico empírico a todas as formas de ciência e âmbitos da vida.

FIGURA 81 - A GARE, 1925 – TARSILA DO AMARAL

FONTE: Disponível em: <http://museuvirtualsemanaartemoderna.arteblog.com.br/9583/A-GARE-TARSILA-DO-AMARAL/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Augusto Comte (1798-1857), filósofo positivista francês, colaborou com Saint-Simon e teve contato com suas obras, recebendo fortes influências em seu modo de pensar a partir das suas leituras. O positivismo, segundo Comte, é o fundamento último da verdade, tendo a filosofia uma função de sistematizar a totalidade do conhecimento, no qual a ciência é o último degrau a ser alcançado.

A descoberta da grande lei fundamental sustentou a estrutura do pensamento positivista de Comte, assim, os indivíduos foram definidos por um movimento histórico, a partir das suas dimensões: espiritual, corpórea ou teórica–científica. A lei fundamental de Comte define a hierarquia da sucessão histórica através dos três estados progressivos: o teológico, o metafísico e o positivo, ou seja, o mais avançado. Porém, o positivismo não é um empirismo, sua concepção de método científico é racional, fundamentado pela definição de leis através da observação e análise lógica, projetando previsões a partir das próprias leis.

FIGURA 82 - TRABALHADORES, 1938 – TARSILA DO AMARAL

FONTE: Disponível em: <http://omundomentaldemaria.blogspot.com.br/2012/02/meu-percurso-afetivo-com-tarsila-do.html>. Acesso em: 14 nov. 2013.

O método do positivismo é a razão capaz de descobrir as leis fundamentais dos fenômenos e dos fatos. Porém, a razão, por si só, poderia fornecer a segurança e garantia de um conhecimento verdadeiro, sem recorrer à metafísica para afirmar sua fonte de força e origem? A autoafirmação da razão como instrumento de conhecimento verdadeiro é contrariada pela corrente filosófica fundada pelo ceticismo.

O ceticismo define o modo de pensar que não encontra uma garantia plausível para o critério da racionalidade em escolhas ou decisões acerca da verdade. Assim, não apresenta uma negação radical da verdade ou um relativismo, pois o centro do pensamento cético é postulado pela falta de critérios para decidir acerca de uma proposição ser falsa ou verdadeira.

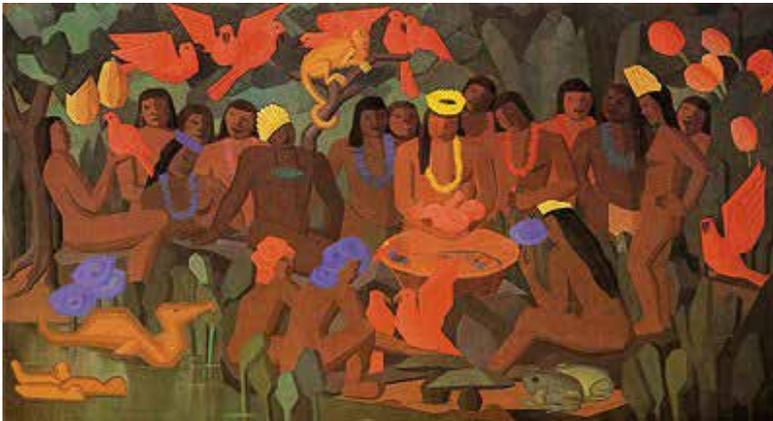
Para os céticos, os opostos constituem a racionalidade. O ceticismo surge por definição com o pensamento Sexto Empírico (séc. II) na antiguidade, foi ignorado durante o período medieval e reaparece nos pensamentos de Montaigne (1533–1592) e posteriormente em Hume (1711-1776).

Para Sexto Empírico, o ceticismo possui a função de investigar os modos e processos de conhecimento. Segundo Montaigne, o ceticismo é um experimento precisamente fundamental para o indivíduo na busca do conhecimento. No entanto, somente Hume assumiu uma filosofia fundamentalmente cética, intitulando-se o defensor da filosofia acadêmica ou cética.

Hume levou ao limite o programa empirista ao formular sua filosofia cética, ou seja, o questionamento aprofunda a tese da não formulação de hipóteses, ampliando o alcance desde o mundo material até o mundo espiritual. Desta maneira, Hume investiga o conceito de subjetividade, perguntando: o que é o espírito, ou eu? (ABRÃO, 1999).

Neste sentido, não existe o eu metafísico, isto é, o eu como substância. O ceticismo afirma que a substância não pode ser conhecida, mas será que o eu, enquanto natureza humana, é acessível ao entendimento? O eu é um composto de associações de ideias organizadas pela mente, porém, quais são os modos que as ideias se associam na mente humana?

Partimos, com Hume, da questão fundamental para a filosofia cética acerca da constituição, estrutura e função da natureza humana. A verdade formada pelo critério de causalidade é uma crença gerada pela experiência vivida, isto é, hábitos ou costumes.

FIGURA 83 - O BATIZADO DE MACUNAÍMA, 1955 – TARSILA DO AMARAL

FONTE: Disponível em: <http://www.brasilescola.com/literatura/macunaima.htm>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Portanto a verdade é uma crença na relação de causa e efeito entre os corpos ou ideias, pois é mais do que ficções produzidas pela imaginação, possui regularidade a partir das experiências, isto é, pela repetição de determinados hábitos. Assim, Hume contradiz o lugar de privilégio do método científico baseado na razão, pois esta não fornece a garantia da verdade. A razão é um instrumento das nossas crenças formadas pelos hábitos.

Para Hume, então, o conhecimento é fruto da associação de ideias produzidas pelo hábito. As ideias se conectam umas às outras por meio de três princípios, das mais simples até as mais complexas.

FIGURA 84 - DAVID HUME

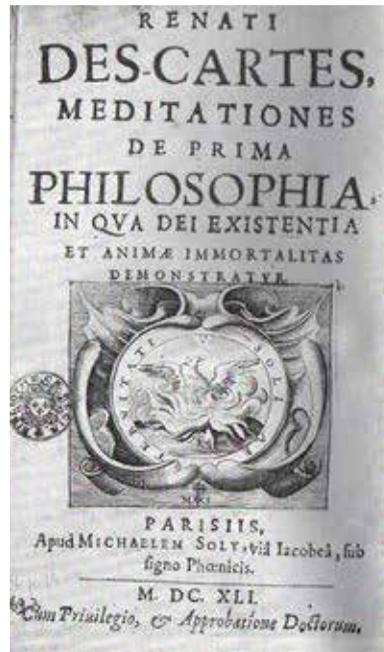
FONTE: Disponível em: <http://mises.org/daily/5077/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

As ideias são impressões ou cópias que se conectam pelo princípio da semelhança ou pelo princípio da contiguidade, ou ainda, pelo princípio da causalidade. Do primeiro modo, uma visão de um objeto evoca a ideia deste objeto, no segundo modo as ideias evocam outras ideias mais próximas, e no terceiro modo uma ideia (efeito) evoca outra ideia (causa) como sua causa. Por exemplo, primeiro vemos um livro e logo, pensamos no livro; segundo, pensamos numa laranja e logo, pensamos na cor laranja; terceiro, pensamos no molhado e logo, pensamos que algo líquido foi derramado.

As associações de ideias são os objetos da razão, elas podem apresentar-se como relações de fato ou relações entre ideias. As primeiras correspondem ao princípio da causalidade a partir das experiências sensórias, possuem força de verdade e certeza, mesmo sendo baseadas em crenças. As segundas correspondem às ciências matemáticas e são demonstráveis pelas operações racionais, que também possuem apenas a garantia de crença, destituindo a ciência de fundamento único da realidade, mas longe de abalar sua credibilidade.

FIGURA 85 - MEDITAÇÕES METAFÍSICAS

RENATI
DES-CARTES,
MEDITATIONES
DE PRIMA
PHILOSOPHIA,
IN QVA DEI EXISTENTIA
ET ANIMÆ IMMORTALITAS
DEMONSTRATVR.

PARISIIS,
Apud MICHAELEM SOLY, viâ Iacobeâ, ſub
ſigno Phœnicis.
M. DC. XLI.
Cum Priuilegio, & Approbatione Doctorum.

FONTE: Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/02/o-racionalismo-cartesiano-no-contexto.html>. Acesso em: 14 nov. 2013.

LEITURA COMPLEMENTAR

MEDITAÇÕES METAFÍSICAS[1]

RENÉ DESCARTES

MEDITAÇÃO PRIMEIRA[2]
Das coisas que se podem colocar em dúvida

1 Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-Ia por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir.

2 Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que as que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas.[3] E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.

---

1 DESCARTES, René. (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1983.

2 A primeira Meditação tem como peculiaridade o fato de não se tratar aí de "estabelecer verdade alguma, mas apenas de me desfazer desses antigos prejuízos". (Sétimas Respostas.) Sua composição é a seguinte:

§§ 1-3: o princípio da dúvida hiperbólica;

§§3-13: argumentos que estendem e radicalizam a dúvida.

(§3): argumento dos erros dos sentidos;

(§§4-9): argumento do sonho; (§§9-13): argumento que estende a dúvida ao valor objetivo das essências matemáticas, em duas etapas:

- o Deus enganador;
- o Gênio Maligno.

3 Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.[4]

4 Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.

5 Todavia, devo aqui considerar que sou homem[5] e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.

7 E pela mesma razão, ainda que essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e outras semelhantes, possam ser imaginárias, é preciso, todavia, confessar que há coisas ainda mais simples e mais universais, que são verdadeiras e existentes; de cuja mistura, nem mais nem menos do que da mistura de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que residem nesse pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas.

---

3 A dúvida assim posta em ação: a) distinguir-se-á da dúvida vulgar pelo fato de ser engendrada não por experiência, mas por uma decisão; b) será "hiperbólica", isto é, sistemática e generalizada; c) consistirá, pois, em tratar como falso o que é apenas duvidoso, como sempre enganador o que alguma vez me enganou.

4 Argumento do erro do sentido, primeiro grau da dúvida. É insuficiente para nos fazer duvidar sistematicamente de nossas percepções sensíveis.

5 Aqui começa o argumento do sonho, segundo grau da dúvida, que irá estendê-la a todo conhecimento sensível, ou pelo menos a seu conteúdo.

Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral, e sua extensão; juntamente com a figura das coisas extensas, sua quantidade, ou grandeza, e seu número; como também o lugar em que estão, o tempo que mede sua duração e outras coisas semelhantes[6].

8 Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas; mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubitável. Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza.

9 Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião[7] de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo? E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso. Mas pode ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom. Todavia, se repugnasse à sua bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe contrário permitir que eu me engane algumas vezes e, no entanto, não posso duvidar de que ele mo permita[8].

10 Haverá talvez aqui pessoas que preferirão negar a existência de um Deus tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas são incertas. Mas não lhes resistamos no momento e suponhamos, em favor delas, que tudo quanto aqui é dito de um Deus seja uma fábula. Todavia, de qualquer maneira que suponham

---

6 O segundo argumento encontra, pois, o seu limite: ele não me permite pôr em dúvida os componentes de minhas percepções, a saber, as "naturezas simples", indecomponíveis (figura, quantidade, espaço, tempo), que são o objeto da Matemática. Tais elementos "escapam, contrariamente aos objetos sensíveis, a todas as razões naturais de duvidar": sublinha Guéroult, apoiando-se no texto da Meditação Quinta: "A natureza de meu espírito é tal que eu não me poderia impedir de julgá-las verdadeiras enquanto as concebo clara e distintamente"'. Daí a necessidade de recorrer ao terceiro argumento que abalará esta certeza "natural".

7 Essa "opinião" é sustentada pelos teólogos das Segundas Objeções: Deus, dada sua onipotência, pode nos enganar. Não é o parecer de Descartes: o engano em Deus constituiria não só um sinal de malignidade, mas de não-ser. (Col. com Burman.) Isso redunda em afirmar o valor tão-somente metodológico dessa suposição antinatural.

8 A consideração da bondade, por si SÓ, não basta para invalidar a suposição. Cf. a nota precedente

ter eu chegado ao estado e ao ser que possuo, quer o atribuam a algum destino ou fatalidade, quer o refiram ao acaso, quer queiram que isto ocorra por uma contínua série e conexão das coisas, é certo que, já que falhar e enganar-se é uma espécie de imperfeição, quanto menos poderoso for o autor a que atribuírem minha origem, tanto mais será provável que eu seja de tal modo imperfeito que me engane sempre. Razões às quais nada tenho a responder, mas sou obrigado a confessar que, de todas as opiniões que recebi outrora em minha crença como verdadeiras, não há nenhuma da qual não possa duvidar atualmente, não por alguma inconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente consideradas: de sorte que é necessário que interrompa e suspenda doravante meu juízo sobre tais pensamentos, e que não mais lhes dê crédito, como faria com as coisas que me parecem evidentemente falsas, se desejo encontrar algo de constante e de seguro nas ciências.[9]

11 Mas não basta ter feito tais considerações, é preciso ainda que cuide de lembrar-me delas; pois essas antigas e ordinárias opiniões ainda me voltam amiúde ao pensamento, dando-lhes a longa e familiar convivência que tiveram comigo o direito de ocupar meu espírito mal grado meu e de tornarem-se quase que senhoras de minha crença. E jamais perderei o costume de aquiescer a isso e de confiar nelas, enquanto as considerar como são efetivamente, ou seja, como duvidosas de alguma maneira, como acabamos de mostrar, e, todavia muito prováveis, de sorte que se tem muito mais razão em acreditar nelas do que em negá-las. Eis por que penso que me utilizarei delas mais prudentemente se, tomando partido contrário, empregar todos os meus cuidados em enganar-me a mim mesmo, fingindo que todos esses pensamentos são falsos e imaginários; até que, tendo de tal modo sopesado meus prejuízos, eles não possam inclinar minha opinião mais para um lado do que para o outro, e meu juízo não mais seja doravante dominado por maus usos e desviado do reto caminho que pode conduzi-lo ao conhecimento da verdade. Pois estou seguro de que, apesar disso, não pode haver perigo nem erro nesta via e de que não poderia hoje aceder demasiado à minha desconfiança, posto que não se trata no momento de agir, mas somente de meditar e de conhecer.

12 Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno[10], não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

9 A dúvida é agora universalizada.

10 A função do Deus enganador e do Gênio Maligno é a mesma: porém o Gênio Maligno é um artifício psicológico que, impressionando mais a minha imaginação, levar-me-á a tomar a dúvida mais a sério e a inscrevê-la melhor em minha memória ("é preciso ainda que cuide de lembrar-me dela").

13 Mas esse desígnio é árduo e trabalhoso[11] e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e evito despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederiam à tranquilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma luz ou alguma clareza no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas.

FONTE: Disponível em: <http://www.ruipaz.pro.br/fenomenologia/descartes.pdf>. Acesso em: 21 out. 2013.

---

11 Esta insistência na dificuldade de exercer uma dúvida tão radical não é enfática; quanto mais a dúvida for vivida como radical, mais as certezas que se impuserem, em seguida, se apresentarão como inabaláveis. Tomar a dúvida levianamente é expor-se a nada compreender da sequência das Meditações. A este propósito, cf. 203. - “Não há erro mais grave”, diz Alain, “do que julgar que esta dúvida é fingida. Não há também erro mais comum, porque poucos homens jogam este jogo seriamente.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico vimos que:

- O pensamento metafísico no período moderno sofreu abalos profundos devido ao advento das ciências e dos avanços técnicos–industriais que transformaram a visão de mundo do homem.

- O idealismo no pensamento dos alemães modernos trouxe avanços nas investigações teóricas e técnicas acerca da linguagem e da lógica.

- O empirismo no pensamento dos ingleses modernos trouxe avanços nas investigações acerca dos objetos físicos e naturais.

- O positivismo, como proposta de via única para as ciências, elevou-a ao *status* de fundamento do modo de vida moderno.

- O ceticismo, por sua vez, trouxe a constatação da falibilidade da razão como critério de verdade e ameaçou o *status* da ciência na modernidade.

AUTOATIVIDADE

1 Quais são as quatro características principais da corrente filosófica definida pelo termo “empirismo”?

2 Defina a corrente filosófica denominada de ceticismo.

UNIDADE 3

AS CRÍTICAS À METAFÍSICA E A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- apontar as principais questões acerca da crise da metafísica dogmática tradicional;
- explicar o contexto histórico filosófico em que se inseriam as críticas à metafísica e suas novas reformulações;
- demonstrar habilidade com os pensamentos e concepções dos principais autores do pensamento contemporâneo em relação à metafísica;
- debater as ontologias contemporâneas;
- coordenar as diferentes direções que os desdobramentos da crise da metafísica tomaram;
- validar o discurso metafísico na filosofia contemporânea de modo argumentativo.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No final de cada um deles você encontrará atividades visando à compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – A CRISE DA METAFÍSICA DOGMÁTICA TRADICIONAL

TÓPICO 2 – AS ONTOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

TÓPICO 3 – A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA E O DISCURSO METAFÍSICO

A CRISE DA METAFÍSICA DOGMÁTICA TRADICIONAL

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico abordaremos o pensamento de dois dos principais filósofos modernos que investigaram e construíram teorias para explicar a crise da metafísica dogmática tradicional frente à modernidade. O primeiro deles é Kant, pioneiro na formulação de uma crítica radical da razão metafísica e na delimitação do campo de atuação deste saber. O segundo é Nietzsche, precurssor do pensamento niilista moderno, que projeta o futuro construído sob as cinzas dos dogmas da religião.

FIGURA 86 – DEUS

FONTE: Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/charge.php>. Acesso em: 18 nov. 2013.

A metafísica desenvolvida durante o período medieval entra em confronto com o progresso das ciências nas diferentes áreas do conhecimento e necessidades práticas humanas. Enquanto as ciências empíricas forneciam resultados para as questões humanas práticas no mundo dos fenômenos, a metafísica tradicional se distanciou do contexto histórico–social da modernidade europeia.

Kant formulou o seu pensamento baseado na noção de crítica e no método transcendental, apoiado pelo fundamento racional das ciências modernas, no qual a metafísica, sob os domínios da razão, estaria apta para ocupar o campo conceitual do saber científico. O pensamento nietzschiano, por outro lado, implica uma desconfiança da razão e sua potência ordenadora do mundo, fundamentando o mundo na potência ou vontade de vida.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA FILOSOFIA DE KANT

O Iluminismo é determinante como contexto histórico do desenvolvimento do pensamento kantiano, também conhecido como o Século das Luzes (séc. XVIII). Podemos entender este período histórico como um conjunto de correntes filosóficas e distintas ciências que se orientam pelo horizonte iluminista, formando uma cultura e um modo específico de construção política e social.

FIGURA 87 – LEITURA NO SALÃO DE M. ME GEOFFRIN, 1755 (TELA DE A. LEMONNIER)

FONTE: Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/iluminismo2.htm>. Acesso em: 24 nov. 2013.

O núcleo da concepção iluminista de visão de mundo consiste na confiança na razão como esclarecedora da realidade. O termo Iluminismo (*Aufklärung*) tem o mesmo sentido de esclarecimento ou ilustração. Em geral significa o oposto do período das trevas ou Idade Média, no qual as visões de mundo possuem fundamento místico, oculto ou religioso.

O período das luzes exige que somente sejam aceitas as explicações acerca das questões humanas, fundamentadas na racionalidade. Através de uma crítica da razão, causadora do uso adequado da capacidade racional e natural humana, como método de conhecimento da realidade. Assim, a concepção de racionalidade é enriquecida pela noção de consciência e limites da própria razão.

O projeto da *Enciclopédia* propunha o conhecimento esclarecido e esquematizado racionalmente da natureza e de todas as coisas reais através da catalogação e sistematização dos conceitos. Conforme Marcondes (2000, p. 204):

> Sua publicação foi iniciada em 1751 sob a liderança de Denis Diderot, mas reunindo escritos dos principais pensadores, filósofos, cientistas da época, sobretudo franceses como Voltaire, D'Alembert, Condorcet e Rousseau. Sua edição completa chegou a vinte e quatro volumes *in folio*, tendo sido censurada pelo Parlamento francês (1759), temeroso das repercussões desse projeto, e pela Igreja, em virtude da visão materialista e anticlerical de muitos de seus autores. Posteriormente, já nos anos 1770, foram publicados volumes *in quarto* e *in octavo*, formatos menores que tornavam a obra mais barata e acessível, e no reinado de Luís XVI ela acabou por receber a aprovação oficial da Coroa.

A razão é a luz que combate a escuridão da ignorância, isto é, das opiniões baseadas em superstições e crendices. Contra o obscurantismo, o Iluminismo projeta um conhecimento enciclopédico que envolve a ciência rigorosa moderna e a educação como acesso à construção do aprendizado individual.

Desde a filosofia grega antiga, especialmente na obra "República" de Platão, foi defendida a ideia de razão associada à metáfora das luzes como nos demonstra o "mito da caverna". Neste mito, a ilusão e a ignorância são associadas à escuridão de dentro da caverna, na qual somente é possível ver as sombras da realidade.

A atitude filosófica consiste na saída da caverna, possibilitando ver com a iluminação da claridade do dia (racionalidade) a realidade, ou seja, o mundo real. O Iluminismo propõe a retomada deste horizonte norteador para o mundo moderno. O contexto histórico que compreende o Iluminismo ocorreu paralelamente na Inglaterra, na Itália, na França e na Alemanha, cada qual com suas distinções específicas.

Segundo a concepção iluminista, o homem nasce dotado de racionalidade. Neste sentido, é uma luz natural ou uma capacidade de aprender que permite o acesso ao conhecimento da realidade. O desenvolvimento dessa luz natural é responsabilidade da educação, das ciências e da filosofia, tornando o homem capaz de articular suas realizações conforme seus objetivos, ou seja, agir guiado por determinados fins.

Portanto, podemos perceber que o Iluminismo projeta uma nova formação do homem, objetivando sua emancipação através da educação para o desenvolvimento da racionalidade e sua aplicabilidade no mundo prático. O projeto do Iluminismo está fundamentado pela noção de progresso e aprendizado como aspectos importantes do processo humano de explorar epistemologicamente a realidade.

FIGURA 88 – REVOLUÇÃO INTELECTUAL NO ILUMINISMO

FONTE: Disponível em: <http://maccord-rita-prof.blogspot.com.br/2013/03/iluminismo-luz-da-idade-moderna-2-ano.html>. Acesso em: 27 nov. 2013.

O contexto histórico em que Kant se insere é o Iluminismo alemão, tendo como afirmativas os aspectos laico, secular e até anticlerical do progresso do conhecimento. Desta forma evita-se o recurso à autoridade na construção ou aceitação de um conhecimento com pretensão de verdadeiro.

A capacidade racional do homem deve ser provida de autonomia e liberdade no seu desenvolvimento progressivo da menoridade para a maioridade, conforme a filosofia kantiana. Assim, o homem que pensa por si mesmo está emancipado de qualquer forma de tutela.

2.1 KANT

Immanuel Kant, considerado um dos maiores filósofos da modernidade, nasceu em Königsberg em 22 de abril de 1724 e veio a falecer na sua cidade natal em 12 de fevereiro de 1804, levando uma vida filosoficamente regrada, com a peculiaridade de ter passado todos os dias de sua vida em Königsberg, sem nunca haver saído. Estudou e lecionou na Universidade de Königsberg apresentando seu maior interesse pelo racionalismo de Descartes e Leibniz e pelo empirismo inglês através de Hume, Locke e Berkeley, ou seja, contemplando em seus estudos o método dedutivo e o indutivo de critério para o conhecimento da realidade.

Segundo Kant, devemos nos guiar pelo lema do Iluminismo: ter a coragem de fazer bom uso da sua própria razão (*Sapere aude*!). Saindo da menoridade, em que o homem precisa de orientação quanto aos seus pensamentos e ações, para a maioridade, em que o homem possui discernimento e responsabilidade sobre seus próprios pensamentos e ações.

FIGURA 89 – IMMANUEL KANT

FONTE: Disponível em: <http://www.openculture.com/2013/10/the-daily-habits-of-highly-productive-philosophers.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

A filosofia kantiana tem sua origem no interesse à investigação filosófica acerca dos limites e domínios da razão, isto é, das características, estrutura e fundamentação daquilo que concordamos em denominar de "racionalidade". Neste sentido, o pensamento crítico que Kant enfatiza estabelece uma importante condição ao acesso à realidade, ou seja, a necessidade de uma investigação acerca da própria razão.

O processo de autoconhecimento da razão deve sempre estar determinado pelo seu bom uso, pois o mau uso da razão é contrário ao ideal de democracia e humanismo próprios da concepção iluminista. A razão usada de modo dogmático com o objetivo de impor uma vontade (individual) aos demais seres que constituem a coletividade humana gera o caos e guerras, através das diferentes formas de violência física e psicológica.

A dominação da razão cega, em todos os aspectos da vida humana, fundamentando os modos de pensar e comportar-se dos indivíduos, não sustenta o progresso da humanidade que a razão projeta em sua essência conceitual. A razão cega é compreendida como análoga ao conhecimento dogmático; este consiste na imposição de uma proposição acerca do mundo real de modo autoritário, de modo a obrigar o indivíduo a aceitar regras através de uma tese construída por um pequeno grupo privilegiado, como única verdade inquestionável.

A concepção kantiana de razão crítica é fruto de suas leituras acerca dos pensamentos de Hume. Os principais aspectos que constituíram a filosofia cética humeana foram fundamentados na crítica à razão dogmática. Hume propôs uma investigação filosófica, acerca da validade da razão e a pretensão de conhecimento verdadeiro da ciência racionalista moderna, fundada no hábito.

Hume é considerado por Kant aquele que o despertou do "sono dogmático" no qual a razão pura ou metafísica era fundamentada nas ideias produzidas racionalmente pelo intelecto humano, denominadas de coisa–em–si. As coisas–em–si eram tomadas dogmaticamente como a própria realidade em si mesma, independente do sujeito do conhecimento, existindo de modo exterior e atuando em si mesma e para si mesma.

NOTA

COISA–EM–SI (...). A origem desta noção pode estar em Descartes, que, em Princípios de Filosofia (II, 3), assim se exprime: "Será suficiente observar que as percepções dos sentidos referem-se apenas à união do corpo humano com o espírito e que, enquanto de ordinário nos mostram aquilo que nos possa prejudicar ou ajudar nos corpos externos, não nos ensinam absolutamente, mas só ocasional e acidentalmente, o que tais corpos são em si mesmos." Essa distinção entre as "C.-em-si-mesmas" e as 'C. em relação a nós", isto é, como objetos de nossas faculdades sensíveis, torna-se lugar comum na filosofia do Iluminismo.

Neste sentido, o dogmatismo afirma que existe a coisa–em–si. Por outro lado, o ceticismo humeano e o criticismo kantiano afirmam que a coisa em si não existe, ou seja, o ser que existe por si mesmo como causa de si mesmo não pode ser pensado na realidade contingente do mundo sensório-material. Este modo de pensar filosoficamente o conhecimento determina o idealismo transcendental kantiano.

2.2 A METAFÍSICA DOS COSTUMES

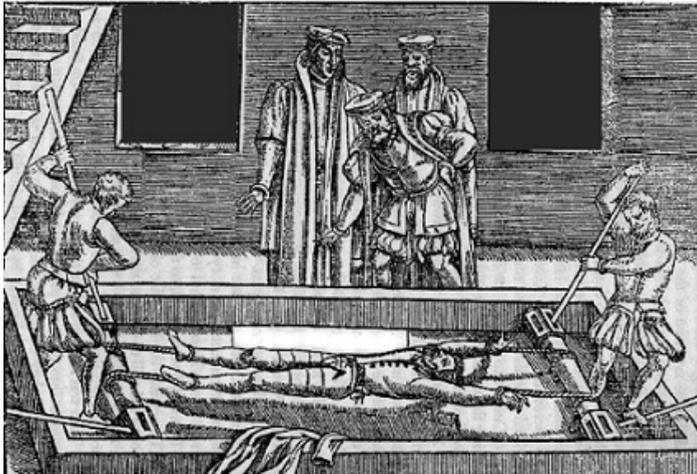
Kant define a partir da crítica à razão pura, que veremos adiante, um novo modo de teoria moral humanista, rompendo com o modo cosmológico e teológico do mundo antigo e ainda com o modo utilitarista. A concepção utilitarista de moral é aquela fundamentada no interesse subjetivo que move o homem em busca da felicidade, como única finalidade da vida.

Sobre o tema, aqui tratado, as principais obras kantianas foram: *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785) e *Crítica da razão prática* (1788). Ambas as obras procuram fundamentar filosoficamente os valores humanos rejeitando os valores antigos ligados à metafísica.

A moral não deve ser justificada pela metafísica, pois esta não possui competência prática para fundamentá-la, o pensamento metafísico produz apenas ilusões sem compromisso com o mundo empírico. A percepção humana é trazida para compor juntamente da racionalidade numa dinâmica metodológica **transcendental** que evita a hierarquia entre um e outro.

NOTA

TRANSCENDENTAL (...) o conceito kantiano de T. consiste em: 1º considerar o T. como condição da possibilidade da coisa, ou seja, como conceito a priori ou categoria; 2º considerar a coisa, cuja condição é o T., como fenômeno e não como "coisa em si". Contudo, para Kant, o T. não se identifica com as condições a priori do conhecimento humano e dos seus objetos (que são os fenômenos), mas é considerado o conhecimento (ou a ciência, se existe uma ciência) dessas condições a priori (...). (ABBAGNANO, 2007, p. 1158).

FIGURA 90 – BANCO DA TORTURA (MÉTODO UTILIZADO PARA OBTER INFORMAÇÕES OU CONFISSÕES)

FONTE: Disponível em: <http://hypescience.com/10-instrumentos-de-tortura-horriveis/>. Acesso em: 3 dez. 2013.

O sentimento do dever, segundo Kant, é o oposto ao interesse egoísta natural; este expresso na construção hierarquizada do conjunto do saber, no qual as regras são impostas pela força física ou poder autoritário de outrem. O autoritarismo é o obstáculo da autonomia no processo de desenvolvimento racional do ser humano.

A natureza em si mesma é moralmente neutra e predeterminada pela lei do mais forte, não há explicação natural para os valores morais, estes que por sua vez são uma produção do homem racional ou sujeito do conhecimento. Agir moralmente é, de certo modo, agir em contraponto com a natureza, seja em sua dimensão exterior, como as manifestações turbulentas ou catástrofes naturais, ou ainda em sua dimensão interior, como as manifestações de egocentrismo ou imposição de interesses pessoais.

O mundo natural não pode ser modelo para o mundo que objetivamos com o exercício da racionalidade. A harmonia do cosmo não é preexistente, depende da faculdade humana de transformá-lo. Kant inaugura o horizonte do Humanismo, o dever–ser da práxis assume a função da teoria, harmônica e a *priori* do ser; erguendo os fundamentos da ética moderna. Assim, delineamos uma realidade que só é percebida e construída a partir de uma estrutura que permite o conhecer.

Após a ruptura com a metafísica antiga de inspiração platônica e aristotélica, Kant aponta para as novas possibilidades de relações entre a natureza e a virtude, ou seja, entre a naturalidade e a liberdade humanas. Conforme Ferry (2012, p. 77): "O primado da *theoria* cedeu lugar àquele da *práxis*. Doravante, a virtude exprime-se por engajamentos que modificam o real e mudam a nós mesmos".

FIGURA 91 – COMBATE À TORTURA

FONTE: Disponível em: <http://latuffcartoons.wordpress.com/tag/sociedade-maranhense-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 3 dez. 2013.

O homem racional humanista é antinatural e antimetafísico, pois fundamenta sua ação moral em proposições lógicas acerca do mundo e da melhor maneira de viver humanamente nele. Não podemos encontrar virtudes nos fenômenos e fatos da natureza, o princípio ético é um produto da construção humana e subjetiva do conhecimento.

Afastado da natureza pela confiança na capacidade racional de realização e plenitude humana, o homem moderno se distancia da dimensão metafísica do saber filosófico. O sujeito se percebe como ator e cocriador no mundo natural, o qual pode e deve controlar conforme seus juízos de valor e desenvolvimento técnico-científico.

A metafísica aplicada às questões práticas e morais é um obstáculo à liberdade de pensamento e expressão humana, a ética moderna universaliza o sujeito do conhecimento emancipando-o da tutela hierárquica. O homem moderno deve obedecer apenas à sua própria consciência submetida ao critério da universalização de suas proposições com pretensão de verdade, ou seja, se vale para um indivíduo, precisa ser válido para todos os indivíduos.

FIGURA 92 – DIREITOS HUMANOS – DIVERSIDADE RELIGIOSA

FONTE: Disponível em: <http://assessorialgbt.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html>. Acesso em: 3 dez. 2013.

A harmonia do universo deve ser construída pelo homem, o primado da humanidade no processo de conhecimento do mundo questiona a ideia de Deus, como uma ideia demasiadamente humana. Neste sentido, Deus não é uma ideia confiável para fundamentar as ações morais humanas, pois estas precisam também dos dados da experiência sensível e Deus não é um objeto ou sujeito que possamos ver ou tocar, cheirar, medir etc.

A lei universal deve ser justificada a partir da razão subjetivada no respeito à racionalidade do outro e à liberdade de crítica. A dignidade humana deve ser pensada segundo o próprio discernimento do sujeito do conhecimento, sem recorrer às revelações, mistérios e divindades. O pensamento de Kant e de outros iluministas inspiraram a criação da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1789).

A filosofia kantiana também pode ser considerada responsável teoricamente pela reformulação e institucionalização do humanismo após a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Inspirando as diretrizes políticas nas declarações internacionais e nos estatutos nacionais a ampliar a noção de proteção e conservação da vida em geral.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Adotada e proclamada pela Resolução No 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 – Preâmbulo – Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo, (...)."

FONTE: Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 14 jan. 2014.

FIGURA 93 - FÓRUM NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA ANIMAL

FONTE: Disponível em: <http://www.forumnacional.com.br/new/index.php?option=com_content&view=article&id=1759:forum-nacional-de-protecao-e-defesa-animal-une-forcas-com-a-entidade-humane-society-international-hsi-em-sua-campa>. Acesso em: 3 dez. 2013.

No entanto, a moral kantiana não é uma moral utilitarista, pois nesta o interesse do indivíduo é oposto à boa vontade, ou seja, a escolha da melhor ação fundada na subjetividade é oposta àquela fundada na humanidade. O objetivo do sujeito é seu próprio interesse, enquanto que o objetivo da humanidade é a dignidade e qualidade da vida humana. A moral kantiana possui a pretensão de compor uma estrutura que englobe a totalidade das ações humanas, fundada no homem em sentido universal, ou seja, os homens da totalidade do real.

Portanto, segundo Kant, todos os seres vivos possuem o *status* ontológico necessário para a posse de direitos, porém, somente o homem, devido à sua característica transcendental, é capaz de realizar os juízos morais. A sensibilidade e o entendimento estruturam o processo de conhecimento da realidade humana; neste sentido, a moralidade será sempre uma noção exclusivamente humana.

Neste sentido, o homem possui o dever de proteger e cuidar de si mesmo, e da vida de todos os seres em geral; mas nem as plantas e nem os animais são capazes de realizar juízos morais, portanto, não possuem liberdade para agir conforme a boa vontade, ou seja, não podem deliberadamente escolher; sem a liberdade perde-se também a dignidade e a responsabilidade por sua existência e da existência do outro.

A transcendência kantiana está fundada na imanência, porque a razão parte de um sujeito autônomo que delibera sobre causas e efeitos conforme a lei da razão. Esta ontologia moral que fundamenta a realidade no sujeito é objetiva e, assim, apresenta uma finalidade no próprio humano, que nunca deverá ser usado como meio.

O fim da ação moral kantiana é o outro, ou seja, a lei universal que é gerada a partir da lei da razão, na qual as máximas verdadeiras são aquelas universalizáveis, ou seja, uma máxima que gera uma ação deve sempre, também, ser aplicada a todos os casos e a todos os indivíduos. Portanto, a ação moralmente correta é aquela que nasce a partir da razão subjetiva com a pretensão (objetivo) de se tornar universal, estendendo a lei para todos os contextos e hipóteses humanas possíveis. A proposição ou máxima que se pretenda verdadeira deve ser verdadeira em todos os casos particulares, sem exceção.

A metafísica dos costumes ou crítica da razão prática influenciou os desdobramentos históricos, que culminaram no compromisso assumido por maioria dos países em orientar as suas políticas públicas para a universalização da paz. Apaziguando os conflitos entre as diferentes visões de mundo dos seres vivos, especialmente os humanos racionais, que compartilham o planeta. A concepção de crítica da razão prática kantiana é uma consequência da crítica da razão pura, ou seja, da crítica à metafísica tradicional.

A crítica da metafísica tradicional projeta a unificação do horizonte de todos os indivíduos humanos para a ação desinteressada do dever fundado na boa vontade, e não mais na ideia abstrata de bondade divina. A metafísica fundamentada por um princípio divino é deslocada de seu posto de superioridade. Emergindo o princípio humanista que coloca o homem no centro da fundamentação da realidade em detrimento do princípio teológico–ético que define Deus como núcleo da realidade anterior ao homem. Conforme Ferry (2012, p. 81-82):

> (...) Há inicialmente o Criador, o Ser absoluto e infinito, e, em relação a Ele, o ser humano se define como falta, como finitude. Eis a razão para suas fraquezas notórias, sua ignorância congênita, obviamente, mas também para sua irreprimível propensão ao pecado. Essa perspectiva, na qual Deus vem lógica, moral e metafisicamente antes do homem, ainda se harmoniza com o que podemos chamar de "teológico–ético", ou seja, a fundação da moral sobre a religião.
> É fundamentalmente essa hierarquia que Kant questionará. Com efeito, a visão moral do mundo que ele inaugura e tematiza em sua filosofia irá fundar-se sobre uma nova definição do ser humano como o ser de liberdade, como o único ser vivo que, diferentemente das plantas ou dos animais, escapa a todos os "códigos", a todas as categorias nas quais se pretendia encerrá-lo. (...)

A fundamentação teórica da ética kantiana inverte a relação entre Deus e o homem, este se liberta dos limites da predeterminação divina e voluntariamente escolhe seguir sua própria razão preocupada com o universal. Kant buscou afastar os efeitos determinantes na ação que inibem ou coíbem a liberdade, gerados pelo medo ou pela esperança, próprios da fundamentação metafísica–teológica aplicada à razão prática.

No entanto, o homem Kant continua cristão, o Cristo é humanizado, ou seja, transformado no projeto ideal de homem, cujos princípios são a dignidade, o respeito e a caridade. Segundo Ferry (2012, p. 83): "o homem já não pode recorrer a Deus para compreender que deve respeitar o outro, tratá-lo como fim, e não apenas como meio", mas tampouco Deus deixa de compor o universo humano, o sentido é que mudou do homem para Deus.

Kant reintroduz a dimensão da fé prática (*posteriori*), revolucionando a religião. O homem não é mais definido pelo Ser, mas pelo não-Ser, ou seja, pelo dever-Ser que projeta o ideal de humanidade que pretendemos alcançar. A objetividade da ação, neste sentido, não é contrária à liberdade do sujeito, evitamos desta forma o dogmatismo. A metafísica dogmática é, assim, neutralizada com a negação da finalidade (mecanicismo) e a afirmação da existência real dos fins.

2.3 A CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Immanuel Kant escreve a Crítica da razão pura (*Kritik der reinen Vernunft, 1ª edição de 1781 e 2ª edição de 1787)* como a primeira das três Críticas, *Crítica da Razão Prática* (*Kritik der praktischen Vernunft* – 1788) e a *Crítica do Juízo* (*Kritik der Urteilskraft* – 1790). Para compreender o significado e o sentido da filosofia kantiana, expressa na sua primeira Crítica, é preciso inseri-la no seu contexto histórico-social de grandes mudanças.

As principais transformações foram geradas pela revolução filosófica científica no modo de pensar o mundo. A cosmologia antiga fundada na ideia de um mundo fechado é rompida, e assim, redimensionada para o horizonte do universo infinito postulado pela física moderna, cujos principais expoentes foram Copérnico (1543), Newton (1687), Descartes (1644) e Galileu (1632) (FERRY, 2012).

FIGURA 94 - CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Critik
der
reinen Vernunft
von
Immanuel Kant,
Professor in Königsberg,
der Königl. Academie der Wissenschaften in Berlin
Mitglied.

Neueste Auflage.

Frankfurt und Leipzig
1794.

FONTE: Disponível em: <http://www.library.usyd.edu.au/libraries/rare/philosophy/kantkritik.html>. Acesso em: 4 jan. 2014.

Vimos anteriormente que a metafísica tradicional, segundo Kant, é apenas uma pretensão inviável de conhecer os seres abstratos que não podem ser conhecidos, pois estes não se submetem às condições necessárias e universais dos juízos. Portanto, a metafísica que se apropria das categorias do espaço, tempo, causalidade, quantidade, qualidade é dogmática, porque não possui nenhuma relação com a realidade fenomênica.

Neste sentido, o pensamento kantiano fundamenta a nova metafísica a partir da impossibilidade de relação imediata com a experiência. Para tanto, Kant distinguiu duas modalidades da realidade, uma partindo da experiência, como formas da sensibilidade e categorias do entendimento, e outra partindo do conhecimento da coisa em si, isto é, do conceito puro. A segunda delas é o campo da metafísica que pode ser pensada (*nôumeno*), mas não pode ser conhecida de modo fenomênico.

A metafísica não possui um objeto cognoscível, pois os conceitos que são seus objetos não dependem do sujeito; todo conhecimento possível é um produto da consciência humana. Kant demonstra os limites ou finitude de nosso alcance epistêmico. Segundo Ferry (2012, p. 24):

> Em outros termos: a finitude, o simples fato de nossa consciência *já* estar *sempre limitada* por um mundo externo a ela, por um mundo que ela não produziu, é o fato *primeiro*, aquele do qual se tem de partir para abordar todas as outras questões da filosofia, e isso pela simples e boa razão de que não existe nenhum outro ponto de vista *real* sobre o mundo.

A Crítica da Razão Pura, justamente, busca os limites da metafísica para determinar: como é possível afirmar sua credibilidade, já que não podemos creditá-la ao sujeito do conhecimento. A razão prática, ao contrário, é uma ciência dimensionada pelos fenômenos da experiência sensível sob as formas do espaço e tempo e das categorias do entendimento. Esclarecendo, desta maneira, como se estruturam os elementos constituintes da arquitetônica da razão transcendental.

Kant inverte o ponto de partida de acesso ao conhecimento da realidade, sendo preciso pensar o Absoluto ou Deus a partir das limitações dos seres finitos e não mais pensar o homem a partir de Deus, assim o conhecimento científico, baseado em consciência e reflexão lógica, é uma característica do sujeito, mas não pode ser uma característica de Deus:

> Como a consciência, da qual ela é a operação por excelência, a reflexão é a particularidade do pensamento finito, pois sempre supõe um objeto que faça frente à consciência e que a limite, um mundo fora de si, com o qual deparamos, para voltarmos, num segundo momento por assim dizer, a nós mesmos. (...) Deus não poderia refletir, uma vez que é onisciente e que seu entendimento, por definição, não é limitado por nada. Deus é o ser para o qual pensar e ser são a mesma coisa. Como Espinoza havia entendido perfeitamente, Deus não poderia, justamente por essa razão, ter consciência – pois para que exista consciência e reflexão, também é preciso haver limite, o que exclui a ideia da infinitude e da onisciência divinas. Para nós, seres finitos, ser e pensar são distintos, e o corte entre ambos, com razão, nomeia-se "sensibilidade" – eis por que a *Crítica* começará por uma análise da *aisthesis*, da sensibilidade, e de seus dois âmbitos incontornáveis: o espaço e o tempo. (FERRY, 2012, p. 24-25).

O conceito ou ideia pura é o objeto da metafísica, mas a ausência dos limites impostos pelas condições da sensibilidade impede seu enraizamento científico. Porque a ciência é construída pela razão transcendental do sujeito do conhecimento. Neste sentido, qual é a relevância ou justificativa da validade da metafísica?

Qual é o lugar da metafísica na modernidade fundada sobre os pilares do saber científico? O pensamento kantiano inova toda a compreensão humana acerca do estudo metafísico a partir da sua atualidade contextual.

FIGURA 95 – PRODUÇÃO INDUSTRIAL

FONTE: Disponível em: <http://poluicaomeioambiente.wordpress.com/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Neste ponto, a metafísica se tornava a ciência das ciências. A ciência pura que estuda as condições necessárias e fundamentais (*a priori*) da possibilidade da existência do conhecimento científico humano, enquanto experiência transcendental. Assim, a metafísica é anterior às ciências, mas constantemente atualizada pelas questões que a ciência levanta acerca de si mesma e de seu horizonte de realidade.

Vimos que a filosofia desenvolvida por Kant projeta uma revisão da metafísica a partir de uma necessidade de reestruturação da metodologia, para que forneça maior segurança e rigorosidade, a exemplo dos resultados e soluções produzidos pelo método científico. Tendo no horizonte, desta mudança, o fundamento das ciências; gerado a partir dos pensamentos de Leibniz e Wolff e da física de Newton.

Portanto, a metafísica racionalista não pode ser nada mais do que uma ficção da própria razão, pois, conforme Kant, não é o ser que fundamenta a realidade, mas o sujeito do conhecimento a partir de suas estruturas conceituais e necessárias que organizam os dados fornecidos pela experiência vivida.

O fundamento das ciências abandona o campo metafísico do ser para expandir o pensamento filosófico que compreende o saber científico pelo seu modo transcendental de se realizar.

Somente existe o conhecimento sensível, devido aos dados da experiência caracterizados como fenômenos; a metafísica é, por sua vez, caracterizada pela busca epistêmica por algo além dos dados da experiência, anterior ou *a priori* e independente. Logo, seu campo de atuação deve ser determinado pela investigação dos princípios que formam a estrutura do conhecimento humano.

Os objetos da metafísica, segundo Kant, são as categorias do entendimento puro (modos de pensar), inspirado por Aristóteles que definiu, no pensamento grego antigo, as categorias como modos de ser. A diferença principal entre o modo de pensar e o modo de ser reside na ausência de conteúdo nas formas puras da sensibilidade como base da estrutura das categorias do entendimento, ao contrário do ser que é composto de conteúdo.

Kant renova o mundo do pensamento metafísico ao redefinir e delimitar o objeto da metafísica enquanto ciência da razão pura, contrapondo à metafísica tradicional dogmática. Neste sentido, a metafísica se determina como saber verdadeiro condicionado à crítica, imprescindivelmente:

> Segundo Kant, M. é o estudo das formas ou princípios cognitivos que, por serem constituintes da razão humana – aliás, de toda razão finita em geral –, condicionam todo saber e toda ciência, e de cujo exame, portanto, é possível extrair os princípios gerais de cada ciência. Kant expunha este conceito da M. nas últimas páginas de *Crítica da Razão Pura*, mais precisamente no capítulo sobre a arquitetura. Kant diz que a M. pode ser entendida de duas formas: como a segunda parte da "filosofia da razão pura", ou seja, como "sistema da razão pura (ciência), conhecimento filosófico total (seja verdadeiro, seja aparente) que deriva da razão pura em conexão sistemática" (e, nesse sentido, dela é alijada a parte preliminar ou propedêutica da filosofia da razão pura, que é a crítica), ou então pode ser entendida como a filosofia *total* da razão pura, incluindo a crítica. É neste segundo sentido que Kant chamava a metafísica de ontologia no documento de 1793, com o qual respondia ao tema proposto pela Academia de Berlim: "Quais são os progressos reais da M. desde o tempo de Leibniz e Wolff?" (ABBAGNANO, 2007, p. 770).

O pensamento kantiano influenciou o idealismo alemão em duas grandes vertentes: a hegeliana que instituiu o caráter absoluto do fundamento da realidade, e por outro lado, o materialismo-histórico, que se contrapõe ao recusar por completo o campo metafísico de fundamentação da realidade, determinando-a como uma estrutura fundada nas relações de poder econômico.

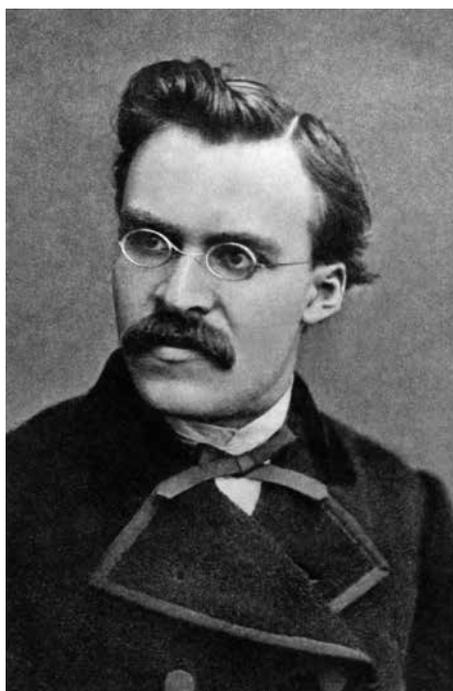
3 NIETZSCHE E A FICÇÃO DO MUNDO

Filho e neto de pais protestantes, Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken na Alemanha em 1844, dedicou-se aos estudos de teologia, filologia e filosofia. Admirador do compositor Richard Wagner, dedicou-se aos estudos da relação entre música e tragédia grega, publicando sua primeira obra acerca do tema: *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música* (1871), no início de sua breve carreira docente na Universidade da Basileia. Posteriormente afastado das atividades acadêmicas, escreveu suas grandes obras, entre elas, *Humano, Demasiado Humano* (1879), *A Gaia Ciência* e *Assim Falou Zaratustra* (1884), *Anticristo* e *Vontade de Potência* (póstumos); veio a falecer muito debilitado, em Weimar, no ano de 1900.

Nietzsche toma posição frente às principais questões da chamada filosofia do século XIX, sob a influência dos pensamentos de Kant e Schopenhauer, através da crítica da razão e da metafísica da vontade. Para o pensamento filosófico-científico da modernidade, os princípios do espaço, do tempo e da causalidade poderiam ordenar e assim explicar o mundo através da representação lógica construída pela razão transcendental.

NOTA

"Artur Schopenhauer nasceu em Dantzig, Alemanha, em 1788. (...) Schopenhauer fez medicina em Göttingen. Doutorou-se, em 1813, pela Universidade de Berlim, com a tese 'Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente'. Em 1819, publicou O Mundo como Vontade e Representação, sua principal obra, sem repercussão na época. (...) Schopenhauer morreu em 1860, deixando várias obras, entre elas o ensaio Sobre a Visão e as Cores, publicado quando ainda jovem, em 1816, e Parerga e Paralipomena, em 1851." (ABRÃO, 1999, p. 401-402).

FIGURA 96 – FRIEDRICH NIETZSCHE

FONTE: Disponível em: <http://www.openculture.com/2013/10/the-daily-habits-of-highly-productive-philosophers.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

Vimos que esta perspectiva do conhecimento humano é fruto do desenvolvimento do pensamento kantiano. O otimismo de Kant no progresso do saber científico e da própria humanidade consistia o efeito da esperança na emancipação dos homens, ou seja, na educação científica-racional do sujeito de modo transcendental, no qual a metafísica estaria delimitada pelas questões fundamentais das ciências.

Nietzsche, no entanto, através de suas leituras da principal obra de Schopenhauer, aproxima-se mais da interpretação deste em relação à filosofia de Kant. O projeto de mudança da filosofia do futuro focalizava a elevação humana, através da sua própria superação baseada na educação para a humanidade superior, ou seja, o super-homem. Assim, enquanto Kant acredita no projeto da modernidade, no qual a metafísica dogmática estaria eliminada pela crítica da razão, Nietzsche projeta o futuro a partir da dissolução dos valores e critérios que serviam de fundamento para a civilização moderna. Nietzsche anuncia o fim da metafísica e a morte de Deus.

FIGURA 97 – A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA (1931)

FONTE: Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/01/07/903289/conheca-persistencia-da-memoria-salvador-dali.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

O pensamento nietzschiano gira em torno da relação entre cristianismo, moral e metafísica, afirmando que não existe a ordem, estabilidade ou lei moral independentes da vontade. No fundamento puro da realidade do mundo está a vontade humana enraizada pela multiplicidade que se sucede no devir. A metafísica fornecedora da verdade estrutura uma estabilidade que se propõe regular a visão de mundo dos indivíduos, anulando sua capacidade criativa de atuar e produzir as suas próprias visões de mundo.

A consciência histórica é a representação construída do mundo e fornecida como um horizonte pronto de acesso à realidade, seja produzida por dogmas metafísicos–religiosos ou pela cultura da razão. A memória construída historicamente afasta a ligação primordial do homem com a vontade de criação, isto é, de produção de algo novo. Neste sentido:

> A doença histórica é uma espécie de definhamento que se manifesta em uma civilização que, pelo excesso dos estudos e dos conhecimentos sobre o passado, perde toda a capacidade criativa. Esta, segundo Nietzsche, é a situação de nossa época: o enorme desenvolvimento dos instrumentos de conhecimento histórico e a quantidade de noções e de documentos disponíveis sobre as épocas passadas reduziram grande parte da cultura a ser simplesmente "história da cultura", como se vê pelos programas dos institutos de instrução, sem mais impulso produtivo. A extrema consciência histórica, de fato, mata no homem a vontade de criar algo novo, provocando-lhe uma espécie de paralisia que nasce da perda absoluta da confiança em si mesmo e na própria obra. (VATTIMO, 2010, p. 13-14).

O verdadeiro mundo é trágico, ou seja, sem sentido, que nos conduz para a ausência do corpo físico; a metafísica dogmática e a história serviram de alívio psicológico para os questionamentos mais profundos da humanidade. Assim, segundo Nietzsche, os homens precisam da mentira, isto é, da ficção para viver e enfrentar a crueldade da realidade do mundo. Portanto, a metafísica, a religião, a ciência e a arte são apenas diferentes formas de ficção acerca da tragédia mundana.

A metafísica, em geral, ao destituir-se de seu posto privilegiado no arcabouço do conhecimento humano, apresenta um descobrimento dos seus objetivos e propósitos, simples e práticos: introduzir normas e valores conforme os seus interesses próprios. Desta maneira, Nietzsche propõe a inversão do platonismo, ou ainda sua superação e das nossas limitadas projeções de caráter psicológico e vital cujo motivo é a vontade de viver e seu fortalecimento.

> Assim, se dizemos que a raiz das mentiras da filosofia e da moral é o instinto de conservação e aumento da vida, entendemos esse instinto como um âmbito que se subtrai à mistificação (e, consequentemente, à desmitificação); na diversificação e na sucessão das metafísicas, das religiões, dos ideais morais, há algo de certo e de não falso, a vontade de viver, que é concebida como uma espécie de força natural sempre igual a si mesma, sobre a qual se move, como um jogo de sombras chinesas, a história variável das mitologias humanas. (VATTIMO, 2010, p. 115).

O edifício construído com conceitos metafísicos é uma ilusão. O otimismo da ordenação formal do mundo é um engano, forjado pelo próprio homem moderno, causador da desilusão dos efeitos concretos do saber metafísico. A decepção gerou o pessimismo moderno e o niilismo, como a outra face do platonismo, tornou-se um estado psicológico necessário. O niilismo é a suposta perda de sentido e valor do mundo, tal como se apresenta organizado; através da superação do niilismo pela criação artística do mundo nas cinzas das velhas verdades é possível a superação da condição caótica humana.

FIGURA 98 - JOGO DE SOMBRAS CHINESAS

Jogos de sombras - Surge na China, por volta de 5.000 a.C. É a projeção, sobre paredes ou telas de linho, de figuras humanas, animais ou objetos recortados e manipulados. O operador narra a ação, quase sempre envolvendo príncipes, guerreiros e dragões.

FONTE: Disponível em: <https://midiatividades.wordpress.com/tag/curiosidades/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Para Nietzsche é preciso realizar um estudo mais atento acerca dos pensamentos dos pré-socráticos, para resgatar o sentido do devir e das mudanças que constituem a instabilidade do mundo natural, pois o platonismo e a metafísica tradicional idealizavam objetivamente um mundo além e distinto do mundo sensível dos corpos e de toda a matéria. O mundo verdadeiro e ideal representaria a antítese ontológica do nosso mundo material e ilusório, porém, este mundo ideal, no qual Deus é núcleo de sustentação, é apenas um artifício humano para sua própria sobrevivência no mundo sensível, real e desesperadoramente trágico. Inspirado pelos pré-socráticos do devir, como Heráclito (aprox. 535 a.C. - 475 a.C.), Nietzsche denuncia o "ser" do mundo como uma mera projeção humana, uma ficção. O platonismo deve ser invertido e assim, superado pelo mergulho pleno na visão de mundo niilista.

3.1 O NIILISMO

O tema do niilismo aparece pela primeira vez nas obras nietzschianas, nos fragmentos de 1880 que compuseram postumamente o livro *Vontade Potência*. Entre outras influências, os estudos de Nietzsche, acerca do niilismo, tomaram forma a partir da noção de decadência da sociedade cosmopolita europeia no contexto da modernidade, e das associações comumente levantadas entre niilismo e terrorismo.

NOTA

NIILISMO (...). Esse termo – do latim nihil, nada – indica em geral uma concepção ou uma doutrina em que tudo o que é – os entes, as coisas, o mundo e em particular os valores e os princípios – é negado e reduzido a nada. A história dos conceitos evidencia, porém, diversos significados que devem ser distinguidos: 1º algumas ocorrências esporádicas, com acepções hesitantes, encontram-se, sobretudo, em tratados teológicos; 2º o primeiro emprego filosófico específico do termo é registrado entre o fim do século XVIII e o início do século XIX nas controvérsias que caracterizam o nascimento do idealismo alemão; 3º na Rússia da segunda metade do século XIX o N. explode como movimento de rebelião ideológica e social, impondo-se em escala geral; 4º a teorização principal do N. é elaborada por Nietzsche; e 5º ela exerce ampla influência sobre o pensamento do século XX, sobretudo alemão (Ernst Jünger, Martin Heidegger), mas também francês e italiano. (...) (ABBAGNANO, 2007, p. 829).

FIGURA 99 – NIILISMO

FONTE: Disponível em: <http://pt.euronews.com/2013/02/21/explosao-de-carro-bomba-mata-mulheres-e-criancas/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

O niilismo no pensamento de Nietzsche possui, desta maneira, dois sentidos distintos, o primeiro é compreendido como o niilismo passivo ou reativo e o segundo é o niilismo ativo. No primeiro caso é um sintoma da decadência moderna, definido pela diminuição da força do espírito ou da vontade de viver, e no segundo é uma porta de saída desta decadência, definido como aumento da força do espírito (VATTIMO, 2010).

O niilismo passivo ou reativo afirma a ausência de sentido no mundo e reafirma que não existe nenhuma necessidade de haver sentido, basta-se em apenas contemplar a insignificância do mundo, instaurando a preguiça como resposta ou reação, assim:

> A característica essencial do niilismo reativo ou passivo não é a negação: ao contrário, esse niilismo sempre assumiu, em suas várias formas históricas, uma aparência afirmativa, já que seu objetivo era esconder o nada que está no fundo de tudo o que é considerado ser, valor, estrutura estável. (...)
> A ligação entre passividade e reatividade mostra-se, assim, clara: a reação, ou seja, a invenção de todo tipo de disfarces, de máscaras ideológicas, é um aspecto da atitude que se recusa a reconhecer que não existem significados e valores *objetivos*, estruturas *dadas* do ser, e que por isso seria preciso criá-los ativamente (VATTIMO, 2010, p. 242-243).

O niilismo ativo, de outro modo, além de afirmar que o edifício metafísico fornecedor de segurança e objetividade está destruído, assim como Deus está morto, também se compromete com a total aniquilação dos destroços. Ao invés de ficar esperando as terríveis consequências da perda de valores e sentidos, o niilista atua frente à sua total dissolução. Portanto, a tomada de posição niilista de modo ativo causa a superação do próprio niilismo através da confiança na força da vontade de vida.

A diferença entre os dois modos de niilismo determina o duplo efeito na humanidade, sendo este a sua superação ou seu aniquilamento. A estrutura que constitui o ser em si é uma verdade dada que não admite seu devir, aponta somente como pode ser possível a conservação e a preservação da espécie humana baseadas numa interpretação de mundo. São como máscaras ideológicas, que precisam ser destruídas, mas ao destruí-las ativamente projetamos novas máscaras, ou seja, novas interpretações. Portanto:

> O que acreditamos ser a verdade, a estrutura do ser em si, é apenas a projeção ideológica de uma certa forma de vida – de indivíduos ou de sociedades. Ora, o motivo pelo qual essas máscaras ideológicas merecem ser convertidas em ruínas é também o motivo que as torna necessárias: toda forma de vida precisa de uma verdade, de um sistema de condições de conservação e desenvolvimento projetado em uma “interpretação” de mundo. (VATTIMO, 2010, p. 244).

A força de vontade de vida é associada do niilismo ativo, pois os valores e normas são produções humanas que precisam ser destruídas para serem reconstruídas com novos pilares. Assim, não há um critério objetivo de validade de uma verdade, cada interpretação individual projeta sua própria verdade.

A pretensão de verdade de uma forma de vida apresenta uma condição hermenêutica. Cada visão de mundo é uma criação gerada pela capacidade interpretativa da natureza humana, a vontade de vida ou de viver de um indivíduo pode ser medida pela força de combate de sua interpretação do mundo frente às demais. O combate, no entanto, não se reduz à força física, mas assume uma fundamentação psicológica a partir do sujeito que nega sua individualidade limitadora através de uma visão de mundo coletiva.

Portanto, o niilismo precisa ser combatido pelo próprio niilista ativo que escolhe transcender o instinto de conservação. O super-homem que enriquece sua força vital ao desinteressar-se de si mesmo almejando a condição de cocriador de si mesmo enquanto obra de arte. O artista ao criar percorre o processo do niilismo ao extremo anulando seu instinto de autoconservação subjetivo pelo combate vital da existência. Nietzsche aponta para a metafísica de artista ou uma forma de metafísica vitalista.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico vimos que:

- As causas para a crise da metafísica dogmática tradicional foram desencadeadas em concordância com o advento do pensamento moderno.

- A modernidade é o tema do Iluminismo como projeto de emancipação do homem das diversas formas de dominação.

- Kant sofreu fortes influências do contexto iluminista em que se inseria, enriquecendo as questões acerca do "esclarecimento" no âmbito filosófico-teórico.

- A principal obra kantiana afirma a necessidade de partirmos da crítica, inclusive na metafísica, delimitando seu objeto como a coisa em si que não pode ser conhecida.

- Nietzsche, posteriormente a Kant, destitui também a razão do seu posto de ordenadora ou reguladora das coisas do mundo, promovendo em seu lugar a vontade como fundamento daquilo que entendemos como realidade do mundo.

AUTOATIVIDADE

1 Faça um breve comentário sobre o contexto histórico do pensamento kantiano.

2 Explique as implicações práticas e morais da crítica kantiana à metafísica tradicional.

3 Comente sobre os pensamentos kantianos acerca da metafísica, conforme a Crítica da Razão Pura.

4 Quais são os dois sentidos do termo “niilismo”, segundo Nietzsche?

TÓPICO 2

AS ONTOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

1 INTRODUÇÃO

Estudaremos, neste tópico, destinado ao tema das ontologias contemporâneas, dois dos principais pensadores que marcaram a filosofia atual com suas questões ontológicas e métodos filosóficos desenvolvidos. Iniciaremos nossa abordagem pelo estudo da filosofia de Husserl e, posteriormente, seguiremos com a filosofia de Heidegger.

Vimos, no tópico anterior, a anunciada morte de Deus e o enfraquecimento da validade da metafísica na modernidade como consequência da crítica kantiana e do pensamento niilista nietzschiano. Agora, podemos, com Husserl e sua filosofia fundamentada no método fenomenológico, resgatar a esperança numa reabilitação da validade da metafísica, mas, neste caso, como uma ontologia ou estudo do ser.

Husserl questionou, através de conceitos lógicos e matemáticos, acerca das estruturas fundamentais da formação da nossa consciência dos objetos, para responder como podemos ter acesso aos objetos que se encontram no mundo. Este pensamento fundou as bases da fenomenologia contemporânea, no campo do saber filosófico-metafísico, através do combate ao psicologismo e a confiança na lógica matemática para exame e validação do conhecimento da realidade.

Heidegger, por sua vez, recebeu profundas influências da fenomenologia de Husserl, porém, realizou sua readaptação da metafísica, como ontologia, através da pergunta acerca do sentido do ser. Para Husserl, o objeto de investigação é a intencionalidade depositada no encontro entre o sujeito e o objeto. Para Heidegger, no entanto, o objeto de investigação é a existência humana fundamentalmente temporal, através do estudo do *Dasein* (ser-aí).

A fenomenologia se fundamenta na ideia de que a consciência é sempre a consciência de algo, pois o humano é um sujeito e também o objeto de sua própria percepção e compreensão do mundo. A intencionalidade atribui sentido e significado aos objetos que se encontram no mundo e, assim, constituem os fenômenos apreendidos pela nossa consciência.

A ontologia de Heidegger denuncia o esquecimento do ser pelos pensadores modernos, estes criaram um véu que encobre a essência do humano no mundo, pois não há intencionalidade sem abertura para as possibilidades de o ente realizar-se existencialmente. O ser humano é um projeto aberto de si mesmo, que se realiza no tempo como ser-aí no mundo.

A filosofia, no pensamento heideggeriano, é a tarefa de buscar pelo sentido do ser, pois o mundo de possibilidades existenciais também é o mesmo mundo que apresenta a única possibilidade certa de acontecer, a morte. Transcendência e angústia caracterizam o ser-aí que vive a possibilidade da morte existencial ao projetar-se no jogo da vida.

FIGURA 100 – TRANS-RE-TORNO

FONTE: Disponível em: <http://sushidekriptonita.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18 nov. 2013.

2 A ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE HUSSERL

O professor, matemático e filósofo Edmundo Husserl nasceu em 1859 na Morávia (Império Austro-Húngaro). Lecionou na Universidade de Freiburg e, perseguido pelos nazistas, veio a falecer em 1938. "Suas principais obras foram: *Investigações lógicas* (1900-01), *A filosofia como ciência rigorosa* (1910-11), *Ideias diretrizes para uma fenomenologia* (1913), *Lógica formal e lógica transcendental* (1929), *Meditações cartesianas* (1931)." (MARCONDES, 2000, p. 257).

FIGURA 101 – EDMUND HUSSERL

FONTE: Disponível em: <http://www.filosofia.mx/index.php?/forolibre/archivos/historias_de_la_filosofia_edmund_husserl>. Acesso em: 18 nov. 2013.

NOTA

ONTOLOGIA (...) No que se refere a a), enquanto o termo metafísica parece pressupor a priori (ou seja, antes ainda de demonstrar) uma dimensão metassensível e metanatural, o termo O. limita-se a assinalar a existência de um problema do ser que pode ser resolvido de maneiras diferentes (ou seja, não só em direção a uma metafísica transcendentalista, mas também em direção a uma metafísica imanentista). Em outras palavras, enquanto o termo metafísica parece já conter em si uma solução específica do problema do ser, o termo O. mostra-se mais descritivo e menos ligado a uma (possível) solução do problema do ser. (...) Quanto a b), a O., entendida como exposição ordenada dos caracteres fundamentais do ser que a experiência revela de modo repetido e constante parece conter, em si mesma, um aspecto descritivo ou denotativo capaz de eliminar a velha oposição entre metafísica e experiência (...). (ABBAGNANO, 2007, p. 848).

As principais influências filosóficas recebidas por Husserl vieram da filosofia da consciência desenvolvida durante o período racionalista moderno, especialmente dos pensamentos de Descartes, Kant e Hegel. Este último sendo seguido pelos caminhos da fenomenologia, que segundo ele possui a definição de: “ciência da experiência da consciência”. (HEGEL, 2011, p. 45). Husserl transforma a fenomenologia numa nova corrente de pensamento filosófico, associada com as questões levantadas pelos grandes críticos da metafísica, e marcando, por sua vez, uma nova geração de filósofos, entre eles, Merleau-Ponty e Heidegger.

A fenomenologia busca superar as contradições existentes entre realismo e idealismo, isto é, entre o sujeito e o objeto, pois toda consciência é uma consciência de algo, um objeto ou um fenômeno. A consciência pode refletir sua própria experiência examinando a intencionalidade que a move em direção de um objeto específico, conforme Husserl:

> Cada um de nós, meditando à maneira cartesiana, foi levado até seu *ego* transcendental pelo método da redução fenomenológica, e, bem entendido, este *ego de fato*, com seus conteúdos monádicos concretos, como ao *ego* absoluto, só e único. Eu, enquanto sou esse *ego*, encontro, na sequência de minhas meditações, formações típicas, perceptíveis pela descrição, das quais se poderia extrair a estrutura intencional, e eu teria podido avançar gradualmente na elucidação das direções essenciais da intencionalidade, de minha “mônada”. Expressões como “necessidade essencial” ou “essencialidade” deslizam com frequência, e por boas razões, em nossas descrições; essas expressões traduzem um conceito determinado do *a priori* que somente a fenomenologia delimita e esclarece. (HUSSERL, 2001, p. 85-86).

NOTA

FENOMENOLOGIA: O próprio Husserl preocupou-se em eliminar a confusão entre psicologia e fenomenologia. Esclareceu que a psicologia é uma ciência dos dados de fato; os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos a que pertencem, inserem-se no mundo espaço-temporal. A F. (que ele chama de “pura” ou “transcendental”) é uma ciência de essências (portanto, “eidética”), e não de dados de fato, possibilitada apenas pela redução eidética, cuja tarefa é expurgar os fenômenos psicológicos de suas características reais ou empíricas e levá-los para o plano da generalidade essencial. (ABBAGNANO, 2007, p. 511).

O método fenomenológico consiste na suspensão (*époche*) dos juízos de valor moral para proporcionar a consciência voltar-se para si mesma e examinar a constituição de sua própria experiência. Assim, a experiência vivida pela consciência precisa ser reduzida ao simples dado da consciência, levando-nos à natureza essencial ou formal (*eidética*) do fenômeno examinado, independentemente de sua constituição real ser concreta ou não.

Podemos perceber que Husserl resgata a questão do ser com novo horizonte de investigação e análise filosófica, reabilitando a metafísica, agora entendida como ontologia fenomenológica. Propondo: "com o método fenomenológico, uma abordagem intuitiva e descritiva dos conteúdos fenomenais das vivências, dados à consciência com evidência numa visão imanente". (BLANC, 1997, p. 26).

FIGURA 102 – FENOMENOLOGIA

FONTE: Disponível em: <http://www.bibliotecadoat.com.br/1/at/index.php/biblioteca-do-at/sabores-do-at>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Husserl desenvolve seu pensamento em torno da concepção de ontologias regionais baseadas em essências intuídas de modo evidente, fundadas pela ontologia formal. Nesta última, as categorias do ser são *dados presentes* perceptíveis de modo imanente; assim, a forma já está presente na matéria em potencial, acessível devido ao caráter intuitivo e descritivo do método fenomenológico.

A consciência subjetiva também precisa ser submetida à *redução eidética* que busca a natureza essencial do sujeito transcendental como base de constituição de sua própria experiência subjetiva. Porém, neste sentido, a ontologia fenomenológica precisaria abranger em seu processo as consciências dos outros, evitando sua decadência pautada por um possível subjetivismo.

Surge, deste modo, a necessidade de introduzir na questão fenomenológica o problema da essência das outras consciências, tornando substancial analisar inclusive as essências da realidade social, das relações das subjetividades entre si (intersubjetividade) e da relação entre a subjetividade e o mundo vivido. Husserl formula a concepção de horizonte do mundo da vida (*Lebenswelt*) fundamentada nas interações sociais que acontecem num espaço vivido e compartilhado.

Portanto, segundo Husserl, o núcleo do saber é o "sujeito transcendental do conhecimento" na condição de consciência reflexiva que cria ou doa intencionalmente sentido ao mundo experimentado. A consciência apresenta sua essência de ser pura atividade formal, diferente dos outros seres fenomênicos que são os receptores do sentido e do significado. Assim, as consciências possuem a intencionalidade como sua própria essência, sendo constituintes das essências das coisas no mundo, é sempre a consciência de alguma coisa.

Husserl afirma que o exame das estruturas da intencionalidade permite conhecer a essência daquilo que é percebido através das relações entre este último e o ato de perceber. Apesar da aproximação da concepção de método kantiana, Husserl amplia esta com a afirmação da exclusividade existencial dos fenômenos enquanto essências das coisas no mundo. Da mesma maneira que conhecer a realidade significa conhecer fenômenos.

Assim a metafísica é repensada com Husserl e transformada numa ontologia fenomenológica que compreende as ontologias regionais determinadas pelas regiões do ser enquanto ente. Abrindo o caminho para o exame das essências de todas as coisas distintamente ao afirmar o caráter material dos princípios ontológicos ou lógico-formais de cada objeto ou fenômeno.

3 A CRÍTICA DE HEIDEGGER À METAFÍSICA

Heidegger, assim como Husserl, projeta uma reabilitação da metafísica após os abalos gerados pelo rápido e promissor desenvolvimento do paradigma das ciências modernas. Apesar de Heidegger afirmar nos seus primeiros escritos o caráter positivo da metafísica influenciado pelo pensamento husserliano, a partir do exame filosófico da atividade essencial do Ser-aí (*Dasein*), posteriormente assume uma postura negativa de aceitação e mutação associada ao niilismo nietzschiano.

Segundo a crítica heideggeriana, a tradição metafísica equivocou-se ao confundir os entes e os seres, tornando-se uma metafísica essencialista que esqueceu a pergunta fundamental acerca do sentido do ser. Desta forma, a filosofia da consciência é falha por orientar-se pela epistemologia e não pela metafísica como ontologia fundamental, ou seja, como questão do sentido do ser.

FIGURA 103 – ROSA MEDITATIVA (SALVADOR DALI – 1958)

FONTE: Disponível em: <http://www.salvatorefiorillo.it/surrealism.html>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Inspirado pelo pensamento fundador do estudo do ser, a concepção de Parmênides sobre a verdade, a linguagem e o ser, Heidegger atribui grande importância à questão da linguagem ao analisar a existência ou sentido do ser, pois é no solo fértil desta e assim, do discurso, que as aberturas para as possibilidades se apresentam.

Para analisar o ser do ente é preciso transcender a ausência ou o não ser deste mesmo ente, isto é, o ente está no ser e também está no não ser, enquanto diferentes possibilidades de ser. O sentido negativo que Heidegger atribui à metafísica apresenta uma ontoteologia fundamentada no esquecimento do ser e na consequente falta da abordagem do ente como ente (ser-no-mundo).

A ontoteologia heideggeriana defende que a metafísica é uma composição de ontologia, teologia e lógica, na qual a ontologia e a teologia possuem uma relação lógica e circular.

A lógica pensa o ser como uma unidade fundadora do ente, vinculando-se ao esquecimento do ser de modo ontológico. O pensar anterior ao ser demonstra que o ser-aí precisa de uma análise de si mesmo no mundo, promovida pelo esquecimento de seu ser através do princípio da razão fundadora do seu próprio ente. Assim, examinando cada ente e todos eles, teremos chegado inclusive no ente superior ou Deus.

Assim, a metafísica torna-se, com o pensamento de Heidegger, uma ontologia fundamental, ou seja, uma ciência analítica do jogo existencial do ser, representado racionalmente pelas atividades do ente. Analisando, entre os demais entes, o ente humano é o único que possui a condição existencial de ser-para-a-morte, definindo a essência do homem como um projeto de si mesmo, sempre por fazer-se com relação a um fim.

A essência é um poder-ser, ou seja, a presença do ente no mundo sempre acontece como possibilidade. A única possibilidade que se coloca como fim, ou seja, o não ser para o Ser-aí (*Dasein*) do ente humano no mundo é a morte, dada como fato privilegiado, que se define por uma ontologia da vida. Desta suposta e cruel possibilidade que antecipa a presença da morte surge uma angústia frente ao nada, aonde a análise da existência inautêntica é a condição para o desvendamento da existência autêntica.

O *Dasein*, neste sentido, ocupa-se sempre de seu próprio existir no mundo para um fim: o nada, como única possibilidade derradeira. Este existir no mundo é um projeto de si mesmo, lançando-se no jogo existencial, aonde a existência do *Dasein* é sempre fundamentalmente ser no mundo (*in der – Welt – sein*) e com os outros (*Mit – sein*).

A aceitação da nossa própria finitude, ou ser-para-a-morte, não significa que o *Dasein* irá simplesmente realizá-la através do suicídio ativo ou da passividade imobilizadora. Pois, o Ser-aí já está sempre convidado a estar presente, ou seja, aceitando aquilo que ele já é enquanto presença (*ousía*). Assim, é necessário um radical questionamento acerca do sentido do Ser-aí-no-mundo explicitando paralelamente a presença do ente atuando no mundo, pondo o mundo em movimento.

Portanto, a metafísica como ontologia fundamental projeta a abertura do Ser-aí para seu poder de questionamento acerca de seu próprio ser-no-mundo. O Ser-aí ocupa a posição de superioridade em comparação com os outros entes, pois, não pode ser reduzido a um objeto qualquer no mundo. O homem é o ente inacabado por meio do qual os demais entes se fazem presentes.

3.1 HEIDEGGER

FIGURA 104 – MARTIN HEIDEGGER

FONTE: Disponível em: <http://geviert.wordpress.com/tag/martin-heidegger/>. Acesso em: 18 nov. 2013.

O filósofo e professor Martin Heidegger nasceu em Messkirch, na Alemanha, no ano de 1889, estudou com Husserl na Universidade de Friburgo, levando consigo as fortes influências do pensamento fenomenológico. Afirmou que o método fenomenológico de análise existencial é considerado a mais clara e segura possibilidade de acesso à realidade dos fenômenos da existência.

As principais obras de Heidegger foram o inacabado *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*, 1927), *Kant e o problema da metafísica* (1929), *O que é metafísica?* (1929), *Sobre a essência da verdade* (1930), *Carta sobre o humanismo* (1949), *Que é isto, a filosofia?* (1956), *Sobre a questão do ser* (1956) e *Nietzsche* (1961) e *A tese de Kant sobre o ser* (1962) etc. Heidegger faleceu em Freiburg no ano de 1976.

As primeiras investigações filosóficas heideggerianas focaram no conceito de verdade (*aletheia*), herdado dos gregos antigos, porém utilizado de modo errôneo. Assumido como horizonte para a tradição do pensamento ocidental até a modernidade. O significado original de *aletheia* é o “desvelamento”, isto é, o mostrar-se do ser; logo o homem que busca o ser deve realizar uma análise ontológica e hermenêutica da sua compreensão de sentido do seu ser (MARCONDES, 2000).

O ser do homem (ente) é sempre voltado para o movimento em direção ao futuro, ao lançar-se no mundo ou ser jogado nele. Por outro lado, está voltado também para o passado através da memória e ainda intui sua presença no mundo (presente). Portanto, a temporalidade, conforme o pensamento de Heidegger, "é a estrutura mais fundamental do ser". (MARCONDES, 2000, p. 267).

FIGURA 105 – TEMPO

FONTE: Disponível em: <http://cleofas.com.br/nao-perca-tempo/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

3.2. O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO

Conforme vimos anteriormente, a principal crítica de Heidegger à metafísica tradicional é o esquecimento do ser, ocasionando a confusão entre ser e ente, ou seja, entre os âmbitos: ontológico, responsável pelo estudo filosófico da estrutura do conhecimento do ente, e ôntico, responsável pela essência do ente, correspondendo a cada ente uma ontologia regional correlata.

O ente humano é diferente dos demais entes por um triplo caráter fundamental: é o único ente que está no mundo como ser-aí, ser-com o mundo e ainda, ser-próprio dele. A questão ontológica da existência humana somente pode ser elucidada através do próprio existir humano, ou seja, interagindo no mundo como fato ôntico ou fenômeno.

Neste sentido, o primeiro caráter essencial constitutivo do ser do ente humano é marcado pela temporalidade que fornece a possibilidade de antecipação do futuro no projetar-se no mundo como presença, significando que a morte ou o nada é uma possibilidade factual insuperável. Neste ponto, Heidegger concebe a angústia como a essência do humano, conforme suas próprias palavras:

> A angústia manifesta o nada.
> "Estamos suspensos" na angústia. Melhor dito: a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios – os homens que somos – refugiarmo-nos no seio dos entes. É por isso que, em última análise, não sou "eu" ou não és "tu" que te sentes estranho, mas a gente se sente assim. Somente continua presente o puro ser–aí no estremecimento deste estar suspenso onde nada há em que apoiar-se. (HEIDEGGER, 1999, p. 57).

Heidegger busca superar a velha metafísica fundada na consciência subjetiva. Para tanto, recorre à ontologia através de um ponto de partida fenomenológico, no qual a angústia não é um mero fator psicológico, mas uma experiência possível do nada. Estamos todos implicados neste jogo em que também somos jogados.

FIGURA 106 – MULTIDÃO DE PESSOAS

FONTE: Disponível em: <http://musebr.blogspot.com.br/2011/04/em-meio-multidao-encontrei-voce-entao.html>. Acesso em: 14 jan. 2014.

A vida ou existência humana é um modo de ser, pois, no humano, a essência se realiza na existência diferentemente dos outros entes. Assim, a angústia reflete a indefinição do humano que precisa constantemente se lançar no jogo que já está sendo jogado com ele mesmo. A vida humana é um projeto e a angústia revela a fraqueza da condição existencial humana: o caminhar para o nada, a morte ou o não ser. Interrogar acerca deste nada é a essência humana que transcende o mundo fenomênico da concretude e alcança a reflexão sustentada pela percepção temporal e pela interatividade no mundo que fundamenta a totalidade do ente.

> O estar suspenso do ser-aí dentro do nada originado pela angústia escondida é o ultrapassar do ente em sua totalidade: a transcendência.
> Nossa interrogação pelo nada tem por meta apresentar-nos a própria metafísica. O nome "metafísica" vem do grego: *tà metà physikà.* Esta surpreendente expressão foi mais tarde instante de existência como o provável e derradeiro último instante, assim, vivendo intensamente este instante, que conquista o máximo de valor enquanto vida que ainda resiste.
> interpretada como caracterização da interrogação que vai *metá – trans* "além" do ente enquanto tal.
> Metafísica é o perguntar além do ente para recuperá-lo, enquanto tal e em sua totalidade, para a compreensão. (HEIDEGGER, 1999, p. 61).

Existem dois modos de estranhamento do mundo ou angústia, o primeiro deles é a postura daquele que assume as consequências de estar vivo, ou seja, saber que algum dia, e este dia chegará, o sujeito irá morrer. Caracterizando a existência autêntica como aquela que transcende sua condição finita de caminhar para o nada. Aceitando cada instante de existência como o provável e derradeiro último instante, assim, vivendo intensamente este instante, que conquista o máximo de valor enquanto vida que ainda resiste.

O segundo deles é aquele que utiliza a máscara do medo para não enfrentar sua própria condição existencial no mundo, caracterizando a sua existência como inautêntica, no qual cada instante é um instante perdido e perdendo-se, assim o instante perde-se também o seu valor. Deste modo:

> O ser-aí humano somente pode entrar em relação com o ente se se suspende dentro do nada. O ultrapassar o ente acontece na essência do ser-aí. Este ultrapassar, porém, é a própria metafísica. Nisto reside o fato de que a metafísica pertence à "natureza do homem". (HEIDEGGER, 1999, p. 62-63).

No primeiro caso temos uma consciência indeterminada da revelação fundamental: a existência do nada é uma possibilidade certeira; no segundo caso nos escondemos na impessoalidade de uma rotina costumeira qualquer. Podemos, a partir de nossa condição transcendente, perceber-nos existindo e atuando no mundo que se apresenta à nossa mente.

Assim, segundo Heidegger, podemos refletir acerca de nossas próprias reflexões e propósitos: "na medida em que o homem existe, acontece, de certa maneira, o filosofar. Filosofia – o que nós assim designamos – é apenas pôr em marcha a metafísica, na qual a filosofia toma consciência de si e conquista seus temas expressos" (HEIDEGGER, 1999, p. 63). A angústia nos permite transcender nossa condição temporal de ente no mundo e abre nosso entendimento acerca de nós próprios enquanto entes capazes de produzir pensamentos metafísicos e assim filosofar.

FIGURA 107 – SER-AÍ *(DASEIN)*

FONTE: Disponível em: <http://www.webradiorc.net/index.php/noticia.php?id=355>. Acesso em: 14 jan. 2014.

A análise existencial heideggeriana demonstra que conhecer a realidade do mundo significa interpretar os fenômenos dele. Assim, a filosofia parte da metafísica, enquanto característica essencial de um ente que é capaz de refletir acerca de si mesmo distante do mundo e ainda, acerca de sua atuação no mundo. O ser humano realiza-se ao movimentar-se no tempo, escrevendo a história dos fatos e projetando-se para a superação do nada existencial desafiando sua própria finitude.

FIGURA 108 – DESAFIO

FONTE: Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/05/10/alpinista-dribla-campo-minado-a-abastece-moto-com-oleo-de-cozinha-em-busca-de-recorde-nos-andes.htm?cmpid=cgp-bolnoticias-news>. Acesso em: 10 jan. 2014.

O humano é um ente provido essencialmente de possibilidades, pois transcende sua condição temporal e projeta-se na sua existência presencial, o futuro, bem como, rememora os principais fenômenos do passado. O "ser-aí" realiza-se no tempo, demonstrando o conteúdo histórico da experiência como mobilidade dos acontecimentos. A metafísica é o campo da interrogação acerca do sentido do ser, enquanto o humano é um movimento temporal que cria ou produz sua própria história. Portanto, o ente metafísico existe ao passo que se temporaliza, reunindo em sua estrutura transcendente o ser e o tempo.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico vimos que:

- O problema da crise da filosofia tradicional moderna foi retomado por dois dos maiores filósofos contemporâneos, Husserl e Heidegger.

- Husserl desenvolve uma reabilitação da metafísica através da fenomenologia, ou seja, pelo exame da intencionalidade como fundamento da nossa consciência.

- Heidegger, ao reabilitar a metafísica, propõe a retomada da investigação acerca do sentido do ser, que nos remete a Parmênides (pré-socrático), fundando uma ontologia preocupada com a existência humana no mundo.

- A ontologia fenomenológica de Husserl parte das ontologias regionais, ou seja, do exame das essências dos entes no mundo fenomênico.

- A filosofia heideggeriana parte da transcendência e da temporalidade do *Dasein* (ser-aí) para encontrar o ser, projeto de si mesmo, esquecido pela metafísica tradicional moderna.

AUTOATIVIDADE

1 Explique como Husserl aborda a questão da crise da metafísica na modernidade.

2 Como Husserl define o “sujeito transcendental do conhecimento”?

3 Reflita e comente sobre a concepção metafísica de Heidegger.

4 Qual a relação entre transcendência, filosofia e metafísica no pensamento heideggeriano?

UNIDADE 3

TÓPICO 3

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA E O DISCURSO METAFÍSICO

1 INTRODUÇÃO

Abordaremos, neste tópico, o estudo das concepções filosóficas contemporâneas em relação com o discurso metafísico. Veremos como as críticas à metafísica tradicional acabam por trazer novas questões metafísicas contemporâneas, tornando-se quase impossível eliminá-la da estrutura da vida humana. A metafísica engloba a totalidade da realidade fornecendo subsídios fundamentais para suportar a angústia, característica própria da humanidade.

FIGURA 109 – FUTURO

FONTE: Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/charge.php?pg=2>. Acesso em: 18 nov. 2013.

As correntes filosóficas que buscaram empreender esforços na eliminação da metafísica estavam também fortalecendo de algum modo a reabilitação da dimensão do absoluto na finita existência humana. Estudaremos o positivismo lógico e sua tentativa de substituir a metafísica pela ciência dos dados observáveis.

Conheceremos o programa básico do Círculo de Viena que serviu de base para os encontros entre os intelectuais que compartilhavam suas ideias. Nele foram desenvolvidas as principais concepções de fundo lógico-científico na construção da filosofia contemporânea que exclui a metafísica como conhecimento da realidade.

A filosofia analítica estabeleceu o procedimento metodológico do conhecimento válido. A filosofia da mente a partir do método de análise das relações entre mente e corpo, ou seja, entre mente e cérebro, levou a outros patamares a noção humana acerca da mente e sua estrutura de acesso à realidade concreta.

Posteriormente, o pensamento pós-metafísico de Habermas toma forma e se apresenta como uma crítica racionalista ao paradigma da consciência para construir uma estrutura comunicativa de fundo intersubjetivo para promover a interação dialógica entre os sujeitos que compartilham o mundo da vida.

Então, estudaremos Vattimo e sua filosofia hermenêutica niilista que busca determinar uma nova ontologia fraca como recurso à metafísica e, assim, à apreensão da totalidade da realidade. Entre todas as reabilitações contemporâneas das questões do discurso metafísico, podemos encontrar um fio condutor comum: a instauração da linguagem como campo de produção de conhecimentos válidos.

2 POSITIVISMO-LÓGICO E O SIGNIFICADO DA METAFÍSICA

O positivismo lógico ou empirismo lógico é a corrente de pensamento originada pelas questões desenvolvidas pelos intelectuais do Círculo de Viena, que veremos adiante. Em geral, esta corrente fundamenta-se pela redução de todas as questões filosóficas à análise da linguagem, ou seja, busca-se a análise das estruturas linguísticas de atribuição de sentido e significado às proposições que pretendem validade.

Para tratar de modo abrangente as questões propostas, os positivistas lógicos dividem a linguagem em científica e comum. A interpretação dos fenômenos, desenvolvida por Husserl e Heidegger, influenciou de modo negativo a área da metafísica na abordagem do positivismo lógico.

Nesta análise lógica da linguagem, a metafísica não ocupa nenhum lugar, pois não é passível de verificação empírica e validação das suas proposições. A metafísica não possui sentido, significado e lógica, enquanto conhecimento científico válido empiricamente.

O positivismo lógico não admite conhecimentos válidos *a priori*; sem conexão com a experiência observável. Assim, os conceitos metafísicos são vazios de conteúdo científico, ou seja, conhecimento. A mudança de paradigma da metafísica para a linguagem determinou os rumos das questões levantadas acerca do conhecimento da realidade, em grande parte como desdobramentos do pensamento de Wittgenstein:

> Têm também em comum as duas teses propostas pela primeira vez por Ludwig Wittgenstein, em seu *Tratado lógico-filosófico* (1922): 1ª os enunciados factuais, isto é, que se referem a coisas existentes, só têm significado se forem empiricamente verificáveis; 2ª existem enunciados não verificáveis, mas verdadeiros com base nos próprios termos que os compõem; tais enunciados são *tautologias*, ou seja, não afirmam nada a respeito da realidade; a matemática e a lógica são conjuntos de tautologias. (ABBAGNANO, 2007, p. 382).

O positivismo lógico baseado na análise da linguagem científica teve como um dos seus grandes expoentes e cofundadores o filósofo Rudolf Carnap, que definia o método lógico como o estudo das tautologias e suas determinações na construção do conjunto de signos convencionados por determinado contexto empírico. Assim, o positivismo lógico considera o fator subjetivo na produção de conhecimento científico, ou seja, o cientista-pesquisador também interfere no processo e no resultado do problema.

NOTA

Carnap, Rudolf (1891-1970), um dos mais influentes filósofos do fisicalismo ou positivismo lógico; juntamente com Moritz Sehlick, fundador do Círculo de Viena. Carnap nasceu na Alemanha e foi professor na Universidade de Viena e posteriormente na Universidade de Chicago e de Los Angeles, tendo emigrado para os Estados Unidos por razões políticas. Em sua obra mais importante, A estrutura lógica do mundo (1928), procura construir um sistema que mostre a relação entre os teoremas gerais da física e os dados observacionais da experiência. Mais tarde modifica de certo modo essa concepção, mantendo, no entanto que a experiência deve sempre confirmar as teorias científicas, através da aplicação da teoria da probabilidade. (...) Essa concepção influenciará fortemente uma filosofia da ciência formulada em bases analíticas, sobretudo nos Estados Unidos (...). (JAPIASSU E MARCONDES, 2001, p. 270).

A metafísica rechaçada pelo positivismo lógico é aquela de fundo tradicionalista. Apesar disso, Carnap afirma que algumas questões da metafísica deveriam ser recolocadas no campo da linguagem conceitual de modo pragmático, mesmo que sirvam apenas como expressão do sentido da vida. (ABBAGNANO, 2007). Assim, a metafísica em geral não é um conhecimento científico e suas questões precisam ser reelaboradas no âmbito do discurso científico.

A filosofia é definida por Carnap como a análise lógica do discurso científico, mas também do discurso comum, sendo que este último apresenta em sua estrutura fundamental certos paradoxos e proposições relativas. A filosofia é uma explicação dos signos atribuídos por determinada linguagem de modo corretivo.

Portanto, o positivismo lógico destitui a metafísica intuitiva e dedutiva do grau de conhecimento válido, eliminando-a do discurso das ciências por não ser verificável empiricamente e, assim, não possuir nenhuma ligação com a realidade. Mas, ainda assim, deixa um espaço reservado às questões metafísicas que se referem às generalizações, ou seja, uma metafísica de horizonte indutivo de construção de conceitos, mesmo que conectados parcialmente à experiência.

2.1 O CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO CÍRCULO DE VIENA

As diferentes "mortes" da metafísica, anteriormente anunciadas, tiveram seu ápice com a destituição de validade da metafísica, após a crescente confiança inspirada pelos resultados satisfatórios que a ciência positiva estava alcançando. A metafísica desprovida de qualquer conhecimento empírico era uma forma enganosa de conhecimento e deveria ser evitada.

NOTA

CÍRCULO DE VIENA (...) Tem esse nome o grupo de filósofos e cientistas que se reuniu em torno de Moritz Schlick, professor da Universidade de Viena, nos anos de 1929 a 1937; grupo que compreendia, entre outros, Kurt Gõdel, Philip Franc, Friedrich Waissmann, Otto Neurath e Rudolf Carnap. Ao C. de Viena vinculava-se o grupo de Berlim, em torno de Hans Reichenbach e Richard von Mises. A revista Erkenntniss, publicada de 1930 a 1937 e dirigida por Carnap e Reichenbach, foi o órgão desta corrente. Quando o grupo se dissolveu, com o início das perseguições raciais (1938), seus membros foram quase todos para os Estados Unidos, onde continuaram em atividade profícua. Um dos inspiradores do C. de Viena foi Wittgenstein. (ABBAGNANO, 2007, p. 167).

FIGURA 110 – UNIVERSIDADE DE VIENA

FONTE: Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/economia/biografia.htm>. Acesso em: 18 nov. 2013.

Surge neste contexto um grupo de intelectuais que compartilham a mesma orientação lógico-científica e antimetafísica. O discurso metafísico não pode resistir à análise lógica da linguagem, impossibilitando a abordagem científica baseada no método de verificação empírica das proposições.

O Círculo de Viena desenvolveu sua filosofia fundamentada pelo rigor do método científico, apesar da filosofia se limitar a resolver os problemas de modo discursivo, ou seja, através da análise lógica dos seus enunciados. O núcleo do pensamento em Viena consiste na afirmação da verdade como um enunciado exprimível, pois aquilo que não pode ser enunciado, não pode também ter validade.

FIGURA 111 – CÍRCULO DE VIENA

FONTE: Disponível em: <http://www.eluniverso.org.es/2013/07/la-filosofia-y-lo-que-creemos-que-sabemos-4/>. Acesso em: 10 jan. 2014.

A metafísica e a filosofia não correspondem ao conhecimento verdadeiro, isto é, da realidade dos fatos empíricos. Neste sentido é preciso, segundo o conteúdo programático do Círculo de Viena, estabelecer critérios científicos para o conhecimento, evitando os erros de imprecisão da metafísica. Estes critérios somente serão suficientes quando possuírem uma estrutura lógica e exata com clareza e distinção das definições.

3 A FILOSOFIA ANALÍTICA E A FILOSOFIA DA MENTE

NOTA

ANALÍTICA, FILOSOFIA (...) Esse termo indica um conjunto de correntes da filosofia contemporânea que se iniciou na Polônia, nos países anglo-saxões e escandinavos, passando depois aos Estados Unidos e propagando-se finalmente pela Europa continental. Costuma-se indicar sua data de início em 1898, quando Moore publica o artigo "The Nature of Judgmente"; seu processo gestativo dura cerca de vinte anos e conclui-se em 1918, com a publicação de Philosophy of Logical Atomism de Russel, e 1921, ano do Tratactus de Wittgenstein (ABBAGNANO, 2007, p. 52).

A filosofia analítica é o conjunto de pensamentos que compartilham o mesmo método sistemático de análise. Husserl utiliza o exame analítico na construção da sua ontologia fenomenológica, Moore pensou uma filosofia moral baseada na análise das categorias do discurso. Russel define a filosofia como uma análise que deve construir uma solução nova para o problema analisado e Wittgenstein afirmou a análise como uma forma de correção dos erros realizados no passado, entre outros expoentes da corrente analítica (ABBAGNANO, 2007).

Frege pode ser considerado o fundador da filosofia analítica contemporânea ao definir a análise da linguagem como o campo do conhecimento objetivo, buscando substituir a função da metafísica. No segundo momento das investigações filosóficas de Wittgenstein, muda sua preocupação com a lógica da linguagem para uma investigação sobre o uso da linguagem no cotidiano. Por outro lado, como vimos anteriormente, Carnap e a corrente do positivismo lógico definem a filosofia como uma análise lógica da linguagem científica.

FIGURA 112 – SALVADOR DALI

FONTE: Disponível em: <http://bob520.wordpress.com/2010/09/13/salvador-dali/>. Acesso em: 18 nov. 2013.

NOTA

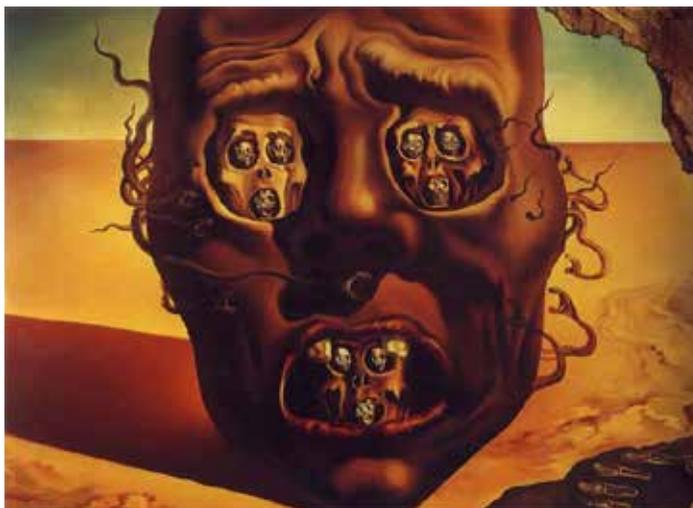
MENTE, FILOSOFIA DA (...) A reflexão acerca da natureza e das propriedades essenciais da M. humana, assim como a análise das principais capacidades cognitivas do sujeito pensante, é tão antiga quanto a filosofia, pelo menos no sentido de que tanto Platão e Demócrito, quanto Aristóteles, os estoicos ou os Padres da Igreja tinham ideias precisas e teorias aprofundadas sobre M., alma, espírito (expressões estas de modo algum sinônimas e cuja articulação semântica varia conforme varia o quadro teórico global em que estão inseridas). A expressão “filosofia da M.” propriamente dita, parece, porém, caracterizar um âmbito específico de discussão, que veio a configurar-se sobretudo no contexto da filosofia analítica contemporânea, com base na reflexão sobre uma série de questões, como a da relação entre M. e cérebro, da natureza e da arquitetura cognitiva, da análise da capacidade representativa da M. humana, do papel de intencionalidade e consciência no pensamento, do estatuto da psicologia do senso comum, das relações entre razão e emoção etc. (ABBAGNANO, 2007, p. 7620).

A filosofia da mente possui como procedimento a análise filosófica inspirada na filosofia analítica, compartilham o método analítico de abordagem das questões, mas possuem objetos específicos diferenciados. A filosofia analítica adota uma postura antimentalista ao estruturar-se sob a égide da linguagem.

A mente humana foi tomada de modo exclusivo como objeto de meditação, pela primeira vez com Descartes, que estabeleceu a divisão entre a *res cogitans* (sujeito) e a *res extens*a (objeto). Inaugurando desta forma, as questões que determinaram o fundamento do dualismo interacionista que analisa as conexões e interações entre a mente e o corpo. (ABBAGANANO, 2007). O dualismo afirma que a mente não pode ser reduzida ao cérebro, em contraposição, o fisicalismo defende que os eventos da mente podem ser descritos ou reduzidos aos eventos físicos.

No século XX, a filosofia da mente tornou-se naturalista e materialista, com o advento das pesquisas comportamentais e o esforço em afastar qualquer dado que possa ser gerado no interior do sujeito que não seja passível de observação empírica. Propondo, neste caso, uma ciência da mente ou uma ciência cognitiva, que deu origem ao funcionalismo computacional que toma como objeto as relações entre a "mente e cérebro", demonstrando a analogia entre os processos mentais e os processos computacionais.

Paralelamente ao funcionalismo computacional surge a corrente do materialismo de identidade, dividida em dois modos: identidade de tipo no qual a psicologia é redutível à neurobiologia devido à correspondência entre os eventos mentais e cerebrais; e identidade de ocorrência no qual os eventos mentais são iguais aos eventos cerebrais.

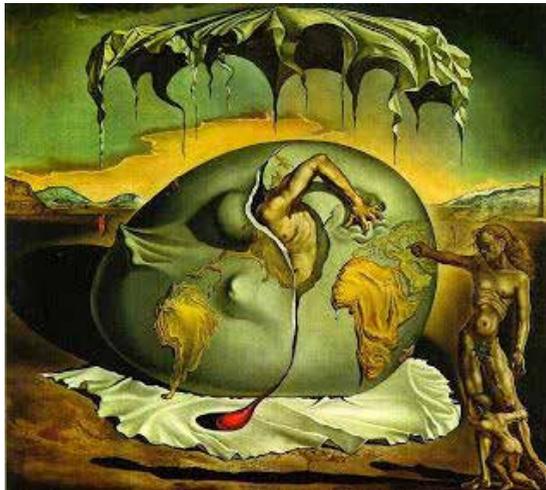
FIGURA 113 – A FACE DA GUERRA (SALVADOR DALI – 1940)

FONTE: Disponível em: <http://culturahispana2f.blogspot.com.br/2011/09/salvador-dali-face-da-guerra.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

O materialismo eliminativista defende que não existem entidades mentais, assim como a linguagem mentalista (mente) não pode ser reduzida à linguagem fisicalista (corpo). As questões atuais acerca da mente humana são postas em jogo no debate acerca do estatuto ontológico das entidades mentais, envolvendo os temas da intencionalidade, neurobiologia da consciência, o inatismo, a análise da representação etc.

4 O PENSAMENTO PÓS-METAFÍSICO

As críticas à metafísica resultaram, cada qual em sua especificidade, em novas reformulações da própria metafísica. Vimos isto acontecer com todos os pensadores estudados na Unidade 3, pois suas ideias contrárias à metafísica tradicional de cunho teológico forneceram-lhes os subsídios para a construção de suas próprias teorias.

Após a mudança de paradigma da filosofia do sujeito para a filosofia intersubjetiva, ou seja, do horizonte da consciência para os campos da linguagem, a metafísica passou a ser alvo de críticas dos intelectuais defensores da metodologia científica de validação de proposições. O pensamento pós-metafísico corresponde à intersubjetividade como pano de fundo das análises dos enunciados; por outro lado, a filosofia da subjetividade é implicada numa metafísica moderna. Segundo Nietzsche, podemos equivocadamente trocar a crença metafísica pela crença na ciência, se não questionamos seus fundamentos norteadores.

FIGURA 114 – CRIANÇA GEOPOLÍTICA OBSERVANDO O NASCIMENTO DO HOMEM NOVO (SALVADOR DALI – 1943)

FONTE: Disponível em: <https://vanguardiasxxi.wordpress.com/ultraismo-2/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

O pensamento pós-metafísico é constituído pela virada linguística pragmática do paradigma do conhecimento humano. Esta concepção foi usada por Habermas, em sua crítica à razão instrumental. A razão pode ser de dois tipos: comunicativa e intersubjetiva ou razão estratégica e instrumental.

O primeiro tipo, veremos adiante, na última parte deste tópico. No segundo tipo a razão é usada como instrumento estratégico para atingir uma finalidade baseada nos interesses do sujeito, mas, para Habermas, os interesses subjetivos não correspondem ao acesso seguro da realidade, pois são enraizados em interpretações ou perspectivas limitadas pela subjetivação do conhecimento.

O pensamento pós-metafísico apresenta duas direções diferentes, uma que critica a metafísica no âmbito histórico da filosofia e uma segunda crítica baseada na racionalidade comunicativa, mundo da vida e intersubjetividade. No geral, ambas concordam com a desilusão quanto à consciência subjetiva, cujo método racional de acesso à realidade não suportou a totalidade do real.

Por isso, a razão dialógica precisa inteirar-se no mundo da vida como horizonte anterior ou pré-teórico que prepara para a interação subjetiva. A metafísica, ao não acompanhar a profusão de multiplicidades na realidade contemporânea, cede seu posto privilegiado para a análise dos jogos de linguagem e do cotidiano.

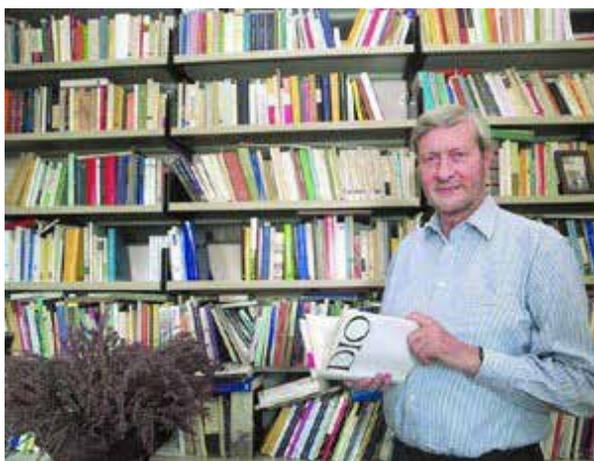
FIGURA 115 - A ÚLTIMA CEIA (SALVADOR DALI – 1955)

FONTE: Disponível em: <http://pre-vestibular.arteblog.com.br/31672/IDADES-DA-HISTORIA-Antiguidade-depois-de-Cristo/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

4.1 VATTIMO E A HERMENÊUTICA

Hermenêutica foi um termo usado originalmente com fundo religioso ao se tratar da interpretação dos textos sagrados. Atualmente, a filosofia é compreendida por alguns pensadores como a teoria da interpretação, entre eles destacamos Heidegger, Gadamer e Vattimo, tendo sido influenciados pelos pensamentos nietzschianos, conforme vimos no Tópico 1.

Gianni Vattimo nasceu em Turim, em 4 de janeiro de 1936. Foi professor de Estética e Filosofia Teorética; além de atuar politicamente, publicou vasta obra intelectual dedicada à filosofia. Entre elas, destacamos *Para Além da Interpretação – O significado da hermenêutica para a filosofia,* de 1994. Estudou, entre outros filósofos, com Hans-Georg Gadamer, o qual reverenciou ao reformular sua teoria hermenêutica aproximando-a do niilismo nietzschiano.

FIGURA 116 - GIANNI VATTIMO

FONTE: Disponível em: <http://www.lavocedifiore.org/SPIP/article.php3?id_article=4197>. Acesso em: 18 nov. 2013.

O pensamento hermenêutico de Vattimo parte da concepção de Nietzsche acerca da morte de Deus e da concepção de Heidegger acerca do esquecimento do ser, como dois pilares da crise do pensamento moderno. A hermenêutica deve, segundo Vattimo, tomar o lugar da ontologia, propondo assim um enfraquecimento da própria ontologia como recurso para a metafísica.

A ontologia fraca preserva, assim, várias verdades ou interpretações em detrimento de uma verdade metafísica e universal, esvaziando o ser dos atributos da metafísica tradicional e possibilitando um novo recomeço. Segundo Vattimo (2010), a metafísica da violência se realizou na modernidade, através da imposição de um ser forte transformado numa instituição rígida e opressora.

FIGURA 117 – ENTES PLÁSTICOS – *PERFORMANCE*

FONTE: Disponível em: <http://www.kamelilian.net/html/performances.html>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Neste sentido, o enfraquecimento do Humanismo é justamente o caminho de retorno ao fortalecimento do Humanismo. A filosofia é uma hermenêutica niilista, na qual a estrutura linguística é imprescindível para atribuir os sentidos ao ser, sempre aberto às novas interpretações. A atividade hermenêutica deve ser fundada na importância da escuta como abertura para alcançar aos apelos do ser.

O niilismo de Vattimo possui uma proximidade com a secularização da religião. A verdade absoluta produz violência e repressão, a plenitude somente pode existir no multiculturalismo. Pois, o enfraquecimento do ser estimula o diálogo e as interpretações, no qual Deus perde o *status* de força e poder absoluto para tornar-se uma encarnação dentre uma pluralidade de seres encarnados, favorecendo o retorno da religião.

4.2 HABERMAS E O PENSAMENTO DIALÓGICO-COMUNICATIVO

Vimos anteriormente que Habermas desenvolve seu pensamento pós-metafísico a partir da crítica à razão instrumental, ou seja, ao paradigma da subjetividade. Jürgen Harbermas é sociólogo e inicia sua carreira intelectual com a formulação de uma teoria crítica da sociedade. Nasceu em Düsseldorf, em 18 de junho de 1929, foi colaborador do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e autor de vasta obra, entre elas, *Pensamento Pós-Metafísico*, de 1988.

FIGURA 118 – JÜRGEN HABERMAS

FONTE: Disponível em: <http://teoriasdelacomunicacion29.blogspot.com.br/p/jurgen-habermas.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

Habermas é considerado o último grande racionalista, pois é o pensador contemporâneo que ainda desenvolve seus estudos filosóficos fundamentando na concepção de razão, neste caso, dialógica. No entanto, a razão pode apresentar diferentes sentidos e significados dependendo do seu uso. Kant nos alertou sobre o mau uso da razão pela tradição metafísica, demonstrando que a razão deve ser empregada para a libertação das consciências humanas. O pensamento habermasiano acerca da razão dialógica parte da crítica kantiana à metafísica tradicional e o aplica à razão iluminista que a própria concepção kantiana formulou.

A questão problemática, segundo Habermas, consiste no interesse por trás do uso da razão para um fim estratégico, instrumental ou técnico. A concepção moderna de razão deve ser revisada e posta sob o paradigma da intersubjetividade, ou seja, na dinâmica das interações sociais entre os sujeitos que compartilham o mesmo horizonte do mundo da vida.

A razão metafísica precisa ser destituída e no seu lugar deve entrar a concepção de razão dialógico-comunicativa, na qual as verdades são construções intersubjetivas que possuem como campo de atuação os jogos de linguagem. Portanto, a metafísica moderna deslocou-se e perdeu-se juntamente com o paradigma que a acompanhava. Na atualidade, vemos pensadores como Vattimo e Habermas teorizarem acerca do retorno da religião para ocupar o espaço vazio deixado pela metafísica, como saber da totalidade do movimento da vida no mundo, caracterizado pelo niilismo.

FIGURA 119 – PESSOAS REUNIDAS

FONTE: Disponível em: <http://poluicaomeioambiente.wordpress.com/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

LEITURA COMPLEMENTAR

QUE É METAFÍSICA?[1]

"Que é metafísica?" — A pergunta nos dá esperanças de que falará sobre a metafísica. Não o faremos. Em vez disso, discutiremos uma determinada questão metafísica. Parece-nos que, desta maneira, nos situaremos imediatamente dentro da metafísica. Somente assim lhe damos a melhor possibilidade de se apresentar a nós em si mesma.

Nossa tarefa inicia-se com o desenvolvimento de uma interrogação metafísica, procura, logo a seguir, a elaboração da questão, para encerrar-se com sua resposta.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA INTERROGAÇÃO METAFÍSICA

Considerada sob o ponto de vista do são entendimento humano, é a filosofia, nas palavras de Hegel, o "mundo às avessas". É por isso que a peculiaridade do que empreendemos requer uma caracterização prévia. Esta surge de uma dupla característica da pergunta metafísica.

De um lado, toda questão metafísica abarca sempre a totalidade da problemática metafísica. Ela é a própria totalidade. De outro, toda questão metafísica somente pode ser formulada de tal modo que aquele que interroga, enquanto tal, esteja implicado na questão, isto é, seja problematizado. Daí tomamos a indicação seguinte: a interrogação metafísica deve desenvolver-se na totalidade e na situação fundamental da existência que interroga. Nossa existência — na comunidade de pesquisadores, professores e estudantes — é determinada pela ciência. O que acontece de essencial nas raízes da nossa existência na medida em que a ciência se tornou nossa paixão? Os domínios das ciências distam muito entre si. Radicalmente diversa é a maneira de tratarem seus objetos. Esta dispersa multiplicidade de disciplinas é hoje ainda apenas mantida numa unidade pela organização técnica de universidades e faculdades e conserva um significado pela fixação das finalidades práticas das especialidades. Em contraste, o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, desapareceu completamente.

Contudo, em todas as ciências nós nos relacionamos, dóceis a seus propósitos mais autênticos com o próprio ente. Justamente, sob o ponto de vista das ciências, nenhum domínio possui hegemonia sobre o outro, nem a natureza sobre a história, nem esta sobre aquela. Nenhum modo de tratamento dos objetos supera os outros. Conhecimentos matemáticos não são mais rigorosos que os filológico-históricos. A matemática possui apenas o caráter de "exatidão" e este não coincide com o rigor. Exigir da história exatidão seria chocar-se contra a ideia

1 Versão eletrônica da obra (1929) de HEIDEGGER, M., a preleção: que é Metafísica? (Was ist Metaphysik?) Tradução: Ernildo Stein.Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cv000036.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2014.

do rigor específico das ciências do espírito. A referência ao mundo, que importa através de todas as ciências enquanto tais, faz com que elas procurem o próprio ente para, conforme seu conteúdo essencial e seu modo de ser, transformá-lo em objeto de investigação e determinação fundante. Nas ciências se realiza — no plano das ideias — uma aproximação daquilo que é essencial em todas as coisas.

Esta privilegiada referência de mundo ao próprio ente é sustentada e conduzida por um comportamento da existência humana livremente escolhida. Também a atividade pré e extracientífica do homem possui um determinado comportamento para com o ente. A ciência, porém, se caracteriza pelo fato de dar, de um modo que lhe é próprio, expressa e unicamente, à própria coisa a primeira e última palavra. Em tão objetiva maneira de perguntar, determinar e fundar o ente, se realiza uma submissão peculiarmente limitada ao próprio ente, para que este realmente se manifeste. Este pôr-se a serviço da pesquisa e do ensino se constitui em fundamento da possibilidade de um comando próprio, ainda que delimitado, na totalidade da existência humana. A particular referência ao mundo que caracteriza a ciência e o comportamento do homem que a rege, os entendemos, evidentemente apenas então plenamente, quando vemos e compreendemos o que acontece na referência ao mundo, assim sustentada. O homem — um ente entre outros — "faz ciência". Neste "fazer" ocorre nada menos que a irrupção de um ente, chamado homem, na totalidade do ente, mas de tal maneira que, na e através desta irrupção, se descobre o ente naquilo que é em seu modo de ser. Esta irrupção reveladora é o que, em primeiro lugar, colabora, a seu modo, para que o ente chegue a si mesmo.

Estas três dimensões — referência ao mundo, comportamento, irrupção — trazem, em sua radical unidade, uma clara simplicidade e severidade do ser-aí, na existência científica. Se quisermos apoderar-nos expressamente da existência científica, assim esclarecida, então devemos dizer:

Aquilo para onde se dirige a referência ao mundo é o próprio ente — e nada mais.

Aquilo de onde todo o comportamento recebe sua orientação é o próprio ente — e além dele nada.

Aquilo com que a discussão investigadora acontece na irrupção é o próprio ente — e além dele nada.

Mas o estranho é que precisamente, no modo como o cientista se assegura o que lhe é mais próprio, ele fala de outra coisa. Pesquisado deve ser apenas o ente e mais — nada; somente o ente e além dele — nada; unicamente o ente e além disso — nada. Que acontece com este nada? E, por acaso, que espontaneamente falamos assim? E apenas um modo de falar — e mais nada?

Mas, por que nos preocupamos com este nada? O nada é justamente rejeitado pela ciência e abandonado como o elemento nadificante. E quando, assim,

abandonamos o nada, não o admitimos precisamente então? Mas podemos nós falar de que admitimos algo, se nada admitimos? Talvez já se perca tal insegurança da linguagem numa vazia querela de palavras. Contra isto deve agora a ciência afirmar novamente sua seriedade e sobriedade: ela se ocupa unicamente do ente. O nada — que outra coisa poderá ser para a ciência que horror e fantasmagoria? Se a ciência tem razão, então uma coisa é indiscutível: a ciência nada quer saber do nada. Esta é, afinal, a rigorosa concepção científica do nada. Dele sabemos, enquanto dele, do nada, nada queremos saber.

A ciência nada quer saber do nada. Mas não é menos certo também que, justamente, ali, onde ela procura expressar sua própria essência, ela recorre ao nada. Aquilo que ela rejeita, ela leva em consideração. Que essência ambivalente se revela ali?

Ao refletirmos sobre nossa existência presente — enquanto uma existência determinada pela ciência —, desembocamos num paradoxo. Através deste paradoxo já se desenvolveu uma interrogação. A questão exige apenas uma formulação adequada: Que acontece com este nada?

(...)

FIGURA 1 – O HOMEM E A CIÊNCIA – JANEIRO DE 2013

"Astronauta faz teste de equipamento fora da Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês). As longas viagens ao espaço podem expor os astronautas a níveis de radiação cósmica prejudiciais ao cérebro e acelerar o mal de Alzheimer, mostra estudo (NASA)".

FONTE: Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ciencia/album/2013/12/13/qual-a-melhor-imagem-do-universo-de-2013-vote.htm#fotoNav=1>. Acesso em: 15 jan. 2014.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico vimos que:

- A filosofia contemporânea e o discurso metafísico andaram estreitamente interligados.

- As críticas à metafísica moderna abriram espaço para novas reformulações filosóficas.

- O positivismo lógico nascido no Círculo de Viena combateu a metafísica como saber sem sentido ou significado, envolta em equívocos, propondo a análise lógica da estrutura linguística.

- A filosofia da mente investiga as conexões entre a mente e o cérebro, ou seja, entre aquilo que temos de abstrato e aquilo outro de concreto.

- A hermenêutica ou teoria da interpretação de Vattimo defende que o enfraquecimento do ser é a solução para a diminuição da metafísica, denominada de ontologia fraca.

- O pensamento pós-metafísico desenvolvido por Habermas pretende fornecer novo horizonte para a solução das questões problemáticas, o diálogo intersubjetivo.

AUTOATIVIDADE

1 Defina a corrente de pensamento de crítica à metafísica denominada de "positivismo lógico".

2 Comente acerca da primeira vez em que a mente humana foi objeto de meditação filosófica-metafísica.

3 Explique as influências filosóficas na hermenêutica de Vattimo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO. Nicola, **Dicionário de filosofia**. Trad. da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABELARDO, Pedro. **Lógica para principiantes**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ABRÃO. Bernadette S. **História da filosofia** (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANSELMO. Santo; Abelardo, **Monológio; proslógio; a verdade; o gramático** / Santo Anselmo de Cantuária. **Lógica para principiantes; a história das minhas calamidades** / Pedro Abelardo; tradução Ângelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores)

APONTAMENTOS DE FILOSOFIA ANTIGA I. Disponível em: <http://www.aeflup.com/ficheiros/Apontamentos%20de%20Filosofia%20Antiga%20I%20a_1.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

AQUINO, Tomás de. **Ente e a essência**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: EDIPRO, 2005.

BLANC, Mafalda de Faria. **Introdução à ontologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIAS, Rosa M. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia**. Cadernos Nietzsche**, Nº 3**.** São Paulo: GEN, 1997, p. 07 – 21. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_01.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2012.

DESCARTES. **Discurso do método, as paixões da alma e meditações**. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FARIA, Maria do Carmo Bittencourt de. **O ser como substância**: primeira leitura da metafísica de Aristóteles. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

FERRY, Luc. **Kant**: uma leitura das três "Críticas". Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

GARRET, Brian. **Metafísica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GEHARD, Volker. **A Metafísica e sua crítica**: sobre o debate entre Jürgen Habermas e Dieter Henrich em torno da metafísica. In: Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, ps. 103 - 130. Revista eletrônica. Disponível em: <http://ficem.fflch.usp.br/node/1>.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. São Paulo: Almedina, 2004.

HEGEL. G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. São Paulo: Vozes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. "Que é Metafísica?"; In: ______. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

______. **Conceitos fundamentais da metafísica**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

______. **Introdução à metafísica**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2010.

HUME. David, **Tratado da natureza humana**, trad. Déborah Danowski, São Paulo: Ed. Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Masdras Editora, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Tradução de Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

______. **A metafísica dos costumes**. São Paulo: EDIPRO, 2008.

LEIBNIZ. G. W. **Discurso de metafísica**. Lisboa: Edições 70, 1997.

______. **Discurso de metafísica e outros textos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

______. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MATOS, Fernando C. **A crítica da metafísica também é metafísica**. In: Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade. São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, ps. 97–102. Revista eletrônica. Disponível em: <http://ficem.fflch.usp.br/node/1>.

OCKHAM, Guilherme de. **Lógica dos termos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

O PENSAMENTO CRISTÃO MEDIEVAL. Disponível em: <http://bartolomeu.br.tripod.com/htm/opensam.htm>. Acesso em: 28 ago. 2013.

PARMÊNIDES. **O poema de Parmênides**: da natureza. Edição do texto grego, tradução e comentários por Fernando Santoro. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2007/parmenides.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

PLATÃO. **República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

______. **O banquete**. Lisboa: Edições 70, 1991.

______. **Ménon**. São Paulo: Loyola. 2001.

PORFÍRIO. **Isagoge**. Trad., notas e comentário de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Matese, 1965. (Introdução às categorias de Aristóteles).

______. **Isagoge**. Introd., trad. e comentário de Bento S. Santos. São Paulo: Attar, 2002.

______. **Isagoge**. Introdução de Porfírio. Tradução de Gustavo B. V. de Paiva. <http://www.fflch.usp.br/df/cepame/textos/traducoes/porfirio-isagoge.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

REZENDE, Antônio (Org.). **Curso de filosofia**: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

RORTY, R. & VATTIMO, G. **O Futuro da religião** – solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões** (Col. Os Pensadores). Trad. de Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SCHOPENHAUER. Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índice de Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SILVA, Márcio Bolda da. **Metafísica e assombro**: curso de ontologia. São Paulo: Paulus, 1994.

SILVA. João André Fernandes da, **As provas da existência de Deus nas meditações metafísicas de René Descartes**; orientador: Edgar José Jorge Filho. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2004. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia.

SPINOZA. Benedictus de. **Pensamentos metafísicos; tratado da correção do intelecto; ética; tratado político; correspondência** / Baruch de Espinosa; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Marilena de Souza Chauí, Carlos Lopes de Mattos, Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Antônio Simões, Manuel de Castro. São Paulo; Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores) Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/17-Espinosa-Cole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1983.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2013.

STEIN, Ernildo. Aristóteles: a filosofia, de direito privilégio do divino, só existe de fato, como exercício concreto da finitude. In: **Melancolia**: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental. Porto Alegre: Movimento, 1976.

______. **Melancolia**: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

ULLMANN. Reinholdo A. **O homem e a liberdade em Plotino**. Revista Eletrônica Teocomunicação, v. 38, n. 160, ps. 252 – 269. Porto Alegre: maio/agosto 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/4488/3407>. Acesso em: 6 nov. 2013.

VATTIMO, G. **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

______. **Diálogo com Nietzsche**: ensaios 1961 – 2000; tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

______. **Para além da interpretação** – O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.